



ENTRE LUGARES, LETRAS, LEMBRANÇAS E LUTAS

MEMÓRIAS MINHAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS



Anderson Pereira Portuguese



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS DO PONTAL

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
Curso de Geografia**

Anderson Pereira Portuguez

**ENTRE LUGARES, LETRAS,
LEMBRANÇAS E LUTAS**
MEMÓRIAS MINHAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS

**Ituiutaba, MG
2026**

Anderson Pereira Portuguez

**ENTRE LUGARES, LETRAS,
LEMBRANÇAS E LUTAS**
MEMÓRIAS MINHAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS

Memorial acadêmico apresentado como requisito parcial para progressão funcional na carreira do Magistério Superior, de Classe D (Associada IV) para Classe E (Titular) no Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.

Ituiutaba, MG
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P853e
2026 Portuguez, Anderson Pereira, 1971-
 Entre lugares, letras, lembranças e lutas [recurso eletrônico] :
 memórias minhas de vivências e experiências acadêmicas / Anderson
 Pereira Portuguez. - 2026.

 Memorial Descritivo (Promoção a Professor Titular) - Universidade
 Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Humanas do Pontal.

 Modo de acesso: Internet.

 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2026.513>

 Inclui bibliografia.

 Inclui ilustrações.

 1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
 Uberlândia. Instituto de Ciências Humanas do Pontal. II. Título.

CDU: 378.124

 André Carlos Francisco
 Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Diretoria do Instituto de Ciências Humanas do Pontal

Rua Vinte, 1600 - Bairro Tupã, Ituiutaba-MG, CEP 38304-402
Telefone: (34) 3271-5247 - secichpo@pontal.ufu.br e
dirichpo@pontal.ufu.br



ATA

ATA DE DEFESA DE MEMORIAL DO PROFESSOR ANDERSON PEREIRA PORTUGUEZ PARA FINS DE PROMOÇÃO DE CARREIRA

Em 31 de março de 2026 às 14:00h, através da plataforma *Google Meet*, no endereço <https://meet.google.com/pbq-qipg-nwf>, teve início a apresentação do memorial descritivo da carreira do Prof. Anderson Pereira Portuguesez, como parte do processo para a promoção vertical de carreira de Professor Associado IV para Professor Titular, junto ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO) – Universidade Federal de Uberlândia. Nesse momento, reuniu-se a Comissão Especial de Avaliação, nomeada pela Portaria de Pessoal UFU nº 1329, de 12 de março de 2026 aprovada pelo Conselho do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), da Universidade Federal de Uberlândia, órgão deliberativo máximo da Unidade (CONICHPO), sendo esta constituída pelos membros, Profa. Dra. Gersa Gonçalves Moura, da Universidade Federal de Uberlândia (ICHPO/UFU) como presidente; Prof. Dr. Carlos Alberto Póvoa, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Prof. Dr. Guilherme da Silva Ribeiro, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Prof. Dr. Marcelo Cervo Chelotti da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para apresentação e defesa pública de Memorial descritivo elaborado especificamente para a finalidade de promoção do Prof. Dr. Anderson Pereira Portuguesez, professor efetivo do ICHPO/UFU. A defesa iniciou com a apresentação do candidato e da banca pela presidente, que passou a palavra para o candidato para a apresentação do memorial. Após a apresentação, os membros da Comissão arguíram o candidato sobre seu memorial, na seguinte ordem: Guilherme da Silva Ribeiro, Carlos Alberto Póvoa e Marcelo Cervo Chelotti. Após as arguições, o candidato fez suas considerações e respostas, finalizando a avaliação do Memorial Descritivo em consonância com a Resolução CONDIR nº 3/2017. A Comissão Especial de Avaliação avaliou os resultados da defesa do Memorial do candidato, considerando a Resolução 003/2017 do Conselho Diretor da UFU, em seu Art. 7º. Após as deliberações, a Comissão considerou o Prof. Dr. Anderson Pereira Portuguesez, APROVADO, para a promoção como Professor Titular, encerrando a defesa às 18:10h.

Profa. Dra. Gersa Gonçalves Moura
Prof. Dr. Guilherme da Silva Ribeiro
Prof. Dr. Carlos Alberto Póvoa
Prof. Dr. Marcelo Cervo Chelotti

Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Cervo Chelotti, Usuário Externo**, em 06/04/2026, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CARLOS ALBERTO POVOA, Usuário Externo**, em 06/04/2026, às 15:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme da Silva Ribeiro, Usuário Externo**, em 07/04/2026, às 09:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gerusa Gonçalves Moura, Professor(a) do Magistério Superior**, em 07/04/2026, às 10:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7200806** e o código CRC **1034A63A**.

DEDICATÓRIA

Ao meu Ori, meu Eledá, Babami Obatalá, minha Egbé Ayè, minha Egbé Àse e minha Egbé Orun;

Aos muitos amigos e amigas, familiares, alunos e alunas, ex-alunos e ex-alunas, colegas, ex-colegas, ex-professores e ex-professoras e demais pessoas que me apoiaram ao longo dos anos em minha vida profissional;

A todos os professores e professoras de Geografia, aos geógrafos e geógrafas, aos turismólogos e turismólogas, pesquisadores e pesquisadoras que se importam com a dor e as misérias humanas produzidas pela desigualdade material, pela homofobia, pela misoginia, pelo racismo e pela intolerância religiosa.

PRÓLOGO

Quando eu era criança e viajava de ônibus pelas rodovias do Espírito Santo para passar férias na casa de meus tios paternos em Bom Jesus, minha terra natal, observava as pequenas cidades do interior capixaba pela janela do coletivo e pensava: “o que faz uma pessoa querer morar aqui”?

Para mim, menino urbano, morador da capital, onde tinha acesso aos benefícios de viver em uma grande cidade, parecia-me estranho alguém levar a vida em um vilarejo tão simples, sem *shopping*, sem praia, sem aeroporto, em uma simpática cidadezinha perdida no meio do mundo.

Às vezes, durante as viagens noturnas, o ônibus passava por ruas silenciosas, de casas simples em locais que eu não conhecia. Procurava nas fachadas de lojas e placas o nome da cidade. Era uma brincadeira mental que ajudava a encurtar o tempo da viagem. “Como deve ser morar aqui?”

Em 26 de fevereiro de 2010, no exato dia em que tomei posse na UFU, embarquei em um ônibus na Rodoviária de Uberlândia e viajei para conhecer Ituiutaba. A veria pela primeira vez. No caminho de Uberlândia para as terras do rio Tijuco, ao me aproximar da zona urbana, tive ao longe o primeiro vislumbre da silhueta de Ituiutaba. Vi-me menino novamente e então perguntei-me: “o que leva alguém a morar em uma cidade interiorana como essa? O que se passa na cabeça de uma pessoa que decide morar tão longe do mar?”



AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que se precisou de alguém em diversos momentos da vida. É reconhecer que não se pode caminhar sozinho e valorizar aqueles que nos apontaram o rumo certo. É exaltar aqueles que caminharam ao nosso lado e que nos apoiaram nos momentos de cansaço. É expressar gratidão por aqueles que torceram por nós e que se alegraram com nossas vitórias.

O processo de construção de minha carreira docente demandou não só um grande esforço de minha parte, como também de um grande número de pessoas, que direta ou indiretamente, acabaram se envolvendo na minha história. Houve ainda aquele conjunto de pessoas, que mesmo não contribuindo no âmbito acadêmico, me apoiou, me encorajou e dividiu comigo as dores e os doces sabores deste, que é certamente, o momento mais importante da minha vida profissional. É, portanto, hora de lembrar dessas pessoas com muito carinho e respeito através de um simples, porém sincero *muito obrigado!*

Inicialmente, quero agradecer à espiritualidade que me protege e me inspira, luz que faz o meu caminho inclinar-se suavemente à doçura da verdade e da fé. À ela, entrego cada passo, cada aprendizado e cada pequena vitória, porque foi sob esse cuidado invisível que encontrei a coragem de seguir adiante, mesmo quando as dúvidas tentaram me limitar ou impedir-me de seguir adiante.

Agradeço também aos familiares, alicerces silenciosos da minha jornada. Vocês me ensinaram o que é paciência, o que é amar sem medidas e o que significa sustentar uma voz que se quer firme mesmo diante da tempestade. A vocês, que me acompanham desde os primeiros passos até hoje, devo a minha serenidade nos dias de labuta e a minha alegria nos dias de comemoração. Não citarei ninguém nominalmente para evitar a ciúmeira típica de famílias luso-italianas. Até porque, se eu esquecer de alguém, certamente serei acusado de estragar as festividades natalinas até 2057. Amo vocês!

Às minhas colegas e aos meus colegas da Universidade Federal de Uberlândia, meu reconhecimento mais afetoso. Foram vocês quem, com a partilha diária de saberes, transformaram o serviço em prazer, o ensino em um ato de diálogo contínuo e o campus em uma casa de corpo e alma para quem acredita na educação pública de qualidade. A cada reunião, a cada desafio enfrentado juntos, senti-me parte de uma comunidade que transforma o conhecimento em potência para a vida dos estudantes e para a nossa própria vida profissional.

Aos meus antigos professores, em especial Prof. Francisco Morelato (Colégio Salesiano, Vitória, ES), Renata Diniz Ferreira (UFES), Adyr A. B. Rodrigues (USP), José Carpio Martín (Universidad Complutense de Madrid), Luiz Fernando de Araújo Sobrinho (Unb) e Dra. Maria de

Lourdes Gonlaves (Universidade de Cabo Verde). Deixo aqui registrado meu profundo agradecimento pelo exemplo que me moldou, pela exigência de aprendizado e produção, pelo incentivo à curiosidade, pela ética que sempre demonstraram quando falavam em ciência, em docência e em humanidade. Vocês deixaram marcas que hoje sigo com respeito e gratidão, como um mapa que não me abandona.

Aos meus alunos (do passado e do presente), obrigado pela energia incansável, pela confiança que em mim depositaram, pelas provocações que me fizeram rever conceitos e ampliar horizontes. Vocês são a razão da minha prática educativa. Cada pergunta, cada dúvida, cada conquista de vocês iluminou meu ofício e renovou o meu compromisso com a democracia do saber.

Aos meus amigos e amigas, companheiros de jornada que mesmo estando fora do mundo acadêmico, compreenderam o desafio que era, para mim, trabalhar como professor. Obrigado pela cumplicidade, pela alegria que abrandou o cansaço e pelas constantes palavras de incentivo.

Aos membros da banca deste processo de progressão funcional: Dra. Gersa Gonçalves Moura, Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Dra. Claudia Câmara do Vale, Dr. Marcelo Cervo Chelotti, Dr. Maria Angélica de Oliveira Magrini e Dr. Guilherme da Silva Ribeiro.

Que este memorial de carreira não seja apenas um mapa do que vi e aprendi, mas um testemunho vivo de gratidão pela proteção invisível da espiritualidade, pela força da família, pela entrelaçada rede de colegas, mestres, estudantes e amigos que, juntos, fizeram possível a minha caminhada no magistério superior.

RESUMO

O presente memorial traz em palavras, as principais passagens de minha carreira acadêmica, antes e depois de meu ingresso como docente na Universidade Federal de Uberlândia. Optei por escrever este texto em primeira pessoa, para melhor revelar minha personalidade, valores e compromisso com a docência. Trato da minha formação, descrevendo as três graduações, seguidas pelo mestrado, doutorado e dois pós-doutorados. Essa trajetória formativa foi integrada à prática profissional e à construção de uma identidade de pesquisador atuante na Geografia Humana. Demonstro que minha produção abrange turismo, cultura popular, religiosidade afro-brasileira, estudos africanos e relações étnico-raciais, com interfaces entre identidade, território e memória. Ressalto minha atuação social por meio de militância em pautas contra o combate ao racismo e a formação de educadores antirracistas, com destaque à luta contra a intolerância religiosa (racismo religioso). Descrevo ainda minha atuação como educador do ensino superior ao longo de 36 anos, sendo 16 deles na UFU. Tenho trabalhado com ensino, pesquisa e extensão na perspectiva de projetos integrados, na perspectiva da sociointeratividade vigotskyana, tema ao qual me dediquei em parte de minha tese doutoral. Também mostrei no texto que colaborei (e colaboro) com a gestão universitária e com projetos institucionais. Relato que recebi prêmios e títulos importantes, resultantes do reconhecimento de pares e instituições ao meu trabalho e minha atuação na sociedade. Aponto que meu trabalho permanece enraizado na produção e difusão de conhecimento que considero relevantes para o campo geográfico. Concluo projetando ainda cerca de 9 anos de atuação (até 2035), dizendo que até minha aposentadoria, avançarei na Geografia Cultural de base decolonial como meu campo de pesquisa e como meu suporte de ação dentro e fora da UFU.

RESUMO CURRICULAR

Formação Acadêmica

- Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1993);
- Licenciado em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Cidade Verde (2025);
- Licenciado em Sociologia também pelo Centro Universitário Cidade Verde (2025);
- Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1998);
- Doutor em Geografia e Desenvolvimento: Território Sociedade e Turismo pela Universidad Complutense de Madrid (Espanha, 2010);
- Estágio pós-doutoral em Geografia Cultural/Geografia do Sagrado pela Universidade de Brasília (2018);
- Estágio pós-doutoral em Estudos Africanos pela Universidade de Cabo Verde (Cabo Verde, 2026);
- Especialização Lato Sensu em Educação Escolar (FAESA, 1994)
- Especialização Lato Sensu em Africanidades e Cultura Afro-Brasileira (UNIFAHE, 2025);

Títulos e Prêmios

- Doutor Honoris Causa pela Faculdade Cristã de Teologia e Filosofia do Estado do Rio de Janeiro;
- Homenageado duas vezes pela Câmara dos Vereadores de Uberlândia por seus esforços em favor da proteção da memória religiosa afro-brasileira no Triângulo Mineiro;
- Vencedor por duas vezes do prêmio Paulo Freire de atividades extensionistas da UFU (2022 e 2024);
- Co-vencedor do Prêmio Nacional “Sabores e Saberes: Comida de Terreiro” (2025), Edital MIR/MINC/FCP-05/2024, de 27/09/24 – Fundação Cultural Zumbi dos Palmares – Ministério da Cultura.
- Homenagens e menções honrosas diversas em espaços acadêmicos.

Atuação profissional

- Trabalha com ensino, pesquisa e extensão nas seguintes áreas: Geografia Cultural, Geografia da Religião, Direitos Humanos e Diversidade, Turismo e Lazer e Estudos Africanos e afro-brasileiros;
- É professor do Curso de Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - Universidade Federal de Uberlândia.
- Foi professor do Programas de Pós-Graduação em Geografia do Pontal PPGE/UFU (2014-2024);
- Foi professor do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Estadual do Ceará (2011-2015);
- Autor/organizador de mais de 50 livros, além de ter publicado diversos capítulos de livros e artigos em congressos e revistas científicas nacionais e internacionais.

Grupos e Redes de Pesquisa

- É líder do Grupo de estudos e pesquisa sobre Cultura, Descolonialidade e Terr (CNPq/UFU).
- Membro do Grupo de estudos e Pesquisa "Diálogos com a Geografia Cultural" (IG-UFU);

- Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas *Oniruuru: África, Islã, Diáspora Africana e Estudos Anticoloniais* (UFES).
- Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo no Espaço Rural - GEPTER (UNESP);
- Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas (ICHPO-UFU).
- Membro da Rede Internacional Colaborativa do Turismo “Ecos do Turismo” (UFMS);
- Membro da Red Internacional de Investigadores en Turismo, Cooperación y Desarrollo (Departamento de Geografía, Universitat Rovira i Virgili).

Atuação na sociedade

- Conselheiro da Fundação Municipal Zumbi dos Palmares desde 2017.
- Foi membro do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (Ituiutaba, 2017-2018).
- Fundador do Ponto de Cultura Axé Obatalá, maior comunidade afro-cultural e religiosa de matriz africana do Pontal do Triângulo Mineiro.
- Fundador da Editora Barlavento, Departamento editorial do Ponto de Cultura Axé Obatalá (Ituiutaba, MG).
- É Capelão de Religiões Tradicionais de Matriz Afro-Brasileira.

- Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9670115478785130>
- Contato: anderson.portuguez@ufu.br
- Link Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5528-8641>

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Fig. 1	Bom Jesus do Itabapoana (RJ) e Bom Jesus do Norte (ES): Cidades gêmeas separadas pelo rio Itabapoana	33
Fig. 2	Formatura do 4º ano, com minha professora nos tempos da Escola Monte Serrat (Vitória, ES, 1979)	35
Fig. 3	Em 1981, aos 10 anos, indo para a escola com o irmão mais Novo	35
Fig. 4	Trabalho de campo com Jurandyr Ross (USP) durante a graduação na UFES (1992)	37
Fig. 5	Dos 30 alunos de minha turma na UFES, apenas 9 se formaram. Alguns estão na fotografia	37
Fig. 6	Figura 6: Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia	38
Fig. 7	Alguns colegas professores do curso de Geografia do Campus Pontal	38
Fig. 8-9	Imagens dos debates do I <i>Seminário sobre Cultura, Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade</i> , realizado em 2014 no Campus Santa Mônica, Uberlândia	45
Fig.10	Folder de divulgação do II Seminário <i>Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade</i>	45
Fig. 11	Auditório do Campus Pontal durante palestra do II Seminário <i>Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade</i>	45
Fig. 12	Folder de divulgação do III Seminário <i>Diversidade, Religiosamente Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade</i>	45
Fig. 13	Homenagem recebida na Câmara dos Vereadores de Uberlândia em 2015 em reconhecimento ao meu trabalho como escritor e defensor dos Direitos Humanos	46
Figura 14	Homenagem recebida na Câmara de Vereadores de Uberlândia em 2017 em reconhecimento ao meu trabalho como Educador e como defensor das religiões tradicionais de matriz africana	46
Fig.15-18	Estudantes africanos em atividades de Iniciação à Pesquisa na UFU, Campus Pontal	47
Fig. 19-20	Palestras na UFU abordando o tema do privilégio da branquitude e temas afetos aos grupos sociais minorizados	49
Fig. 21-22	Reuniões na Fundação Zumbi dos Palmares, em Ituiutaba, onde assumi a cadeira de conselheiro em 2017	50
Fig. 23	Festa da Congada na Praça 13 de Maio em Ituiutaba (2018)	50
Fig. 24-25	Visita da Folia de Reais de Capinópolis na sede do Ponto de Cultura Axé Obatalá para arrecadação de fundos para realização da festa	51

Fig. 26-27	Projeto de Capoeira criado por mim, com aulas gratuitas na sede do Ponto de Cultura Axé Obatalá	52
Fig. 28-30	Sede da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá (Ituiutaba, MG). Praça dos Orixás (espaço público) localizada nos fundos do espaço privado	54
Fig.31-38	Imagens da última turma de professores capacitados pelo Projeto Vivência Cultural	56
Fig. 39-42	Intervenção na escola, após a formação no espaço terreiro, na perspectiva do antirracismo, em cumprimento à Lei 10.639/2003	57
Fig.43-44	Prêmio Paulo Freire de Atividades Extensionistas, PROEXC/UFU, concedidos por duas vezes ao Projeto Vivência Cultural. Imagens das edições de 2022 e de 2024	58
Fig. 45	Identidade visual do Projeto Famora	59
Fig. 46	Um exemplo de intervenção ocorreu na EE Cel. Tonico Franco, em 2024. Outras escolas também receberam projetos de sensibilização contra a intolerância Religiosa	60
Fig. 47	Área para a qual o parque foi proposto	61
Fig. 48-49	Limpeza e cercamento da área de interesse ambiental	61
Fig. 50-51	Líderes religiosos de matriz africana mobilizados por mim, solicitando a proteção da mata ciliar do Córrego da Grota e criação de área para culto na natureza junto à equipe de planejamento do novo PDM	62
Fig. 52	Logomarca da Editora Barlavento.....	63
Fig. 53-54	Visitas guiadas ao Ponto de Cultura Axé Obatalá (2014 e 2023) .	64
Fig. 55	Professor Francisco Morelatto	65
Fig. 56	Dra. Renata Diniz Ferreira	67
Fig. 57	Dra. Adyr A. Balestreri Rodrigues, minha orientadora do PPG – USP	68
Fig. 58	Defesa de mestrado, com a presença de minha mãe e de colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia da USP	68
Fig. 59	Dr. José Carpio Martín e eu, no dia de minha defesa de Doutorado	70
Fig. 60	Banca examinadora da tese doutoral, Universidad Complutense de Madrid	70
Fig. 61	Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho	73
Fig. 62	Profa. Dra. Maria de Lourdes Silva Gonçalves	77
Fig. 63	Lagoa Juparanã, Linhares (ES)	89
Fig. 64	Reflorestamento das margens degradadas da Lagoa Juparanã	89
Fig. 65	Viveiro de mudas para reflorestamento	89
Fig. 66	Abertura de covas para plantio participativo das mudas	89
Fig. 67	Área de monitoramento do macaco muriqui em Santa Maria de Jetibá (ES)	90
Fig. 68	Macaco muriqui na natureza	90
Fig. 69	Equipe de biólogos e estagiários em campo	90
Fig. 70	Visita para cadastramento em comunidade de origem germânica, público alvo das ações do Projeto	90

Fig. 71	Comunidades atendidas pelo Projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão	94
Fig. 72-73	Da sala de aula para a pesquisa: entrevistas com moradores e empresários das vilas de pescadores de Linhares	94
Fig. 74-79	Moradores de três comunidades de pescadores de Linhares em oficinas de planejamento participativo do turismo	95
Fig. 80	Figura: 79: Montagem de imagens das atividades do projeto integrado sendo realizado no município de Marechal Floriano (ES)	101
Fig. 81	Figura 80: Plataforma FPSO Espadarte, Bacia de Campus, RJ	101
Fig. 82	Figura 81: Prof ^a . Ms. Ana Lúcia Kaniski	104
Fig. 83	Figura 82: Logomarca do GEP-CDT	106
Fig. 84	Figura 83: Trabalho de campo de Formação do Espaço Brasileiro no Pantanal (MS) e fronteira com a Bolívia com alunos e professores do curso de Geografia (ICHPO)	106
Fig. 85	Figura 84: Trabalho de Formação do Espaço Brasileiro na sede do Projeto Tamar-Ibama com alunos e professores do curso de Geografia (ICHPO), em Ubatuba (SP)	106
Fig. 86-89	Figuras 85 a 88: Oficinas de Educação Ambiental em escola de Ituiutaba, realizadas pelos alunos do Curso de Geografia do ICHPO/UFU	106
Fig. 90	Figura 89: Trabalho de campo de Geografia Cultural durante a Festa da Congada de Ituiutaba (MG) com alunos do curso de Geografia (ICHPO) em 2012	109
Fig. 91	Figura 90: Trabalho de campo de Geografia da Religião em Aparecida do Norte (SP) com alunos e professores do curso de Geografia (ICHPO) em 2014	109
Fig. 92	Figura 91: Dra. Luzia Neide M. T. Coriolano (UECE)	115
Fig. 93	Figura 92: Trabalho de campo com professores e alunos do Mestrado em Turismo da UECE em Jijoca de Jericoacoara (CE) em 2013	115
Fig. 94	Figura 93: Trabalho de campo com professores e alunos do Mestrado em Turismo da UECE na Serra de Ibiapaba (CE) em 2014	115
Fig. 95	Figura 94: Primeira turma de discentes do PPGEP/UFU	118
Fig. 96	Figura 95: Defesa de meu orientando Tarcísio Luiz Cândido	118
Fig. 97	Figura 96: Município de Ituiutaba: Localização das bacias hidrográficas estudadas	129
Fig. 98	Figura 97: Cartaz do VII Simpósio de Turismo Sertanejo	132
Fig. 99	Figura 98: Auditório cheio durante as conferências do VII Simpósio Turismo Sertanejo	132
Fig. 100	Figura 99: Exposição montada pela Fundação Cultural de Ituiutaba durante o evento	132
Fig. 101	Figura 100: Parte da comissão de alunos com as camisetas do evento	132
Fig. 102	Figura 101: Entrevista concedida à TV Vitoriosa (Rede Globo) por ocasião da festa da Congada	148
Fig. 103	Figura 102: Medalha de 1º lugar na Feira de Ciências do Colégio Salesiano de Vitória	156
Fig. 104-105	Figura 103: Outorga de título Honoris Causa	158
Fig. 106	Figura 104: Equipamentos de cozinha recebidos pelo Ponto de Cultura Axé Obatalá como parte da premiação concedida pela Fundação Cultural Palmares	158

Fig. 107	Figura 105: Certificado de premiação do Edital MINC/FCP 05/2024	159
Fig. 108	Cartaz da 1ª Mostra UFU de Filmografia Africana de Ituiutaba	180

Lista de Tabelas

Tabela 1	Acervo por área publicado pela Editora Barlavento entre 2014 e 2024	64
Tabela 2	Propriedades rurais visitadas nas bacias eleitas para a Pesquisa	129
Tabela 3	Resultados da pesquisa por categoria de produção 2019-2023	135

Lista de quadros

Quadro 1	Formação complementar (2020-2025).	82
Quadro 2	Formação Complementar: Cursos de curta duração (2020-2025).	86
Quadro 3	Principais experiências profissionais.	86
Quadro 4	Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso em cursos de Especialização (Latu Sensu) -2000-2010	96
Quadro 5	Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso - Graduação em Turismo -1999-2010.	97
Quadro 6	Oferta regular de disciplinas obrigatórias na graduação, 2010-2025.	105
Quadro 7	Oferta ocasional de disciplinas obrigatórias na graduação, 2010-2025.	107
Quadro 8	Oferta regular atual de disciplinas na Graduação	107
Quadro 9	Trabalhos de Conclusão de Curso orientados na Graduação em Geografia do ICHPO/UFU de 2010 a 2025.	109
Quadro 10	Participação em bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação (1999-2025).	111
Quadro 11	Orientações concluídas de Mestrado no Programa de Pós Graduação –Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da UECE	116
Quadro 12	Oferta de disciplinas na pós-graduação (PPGEP/UFU), 2015-2024.	118
Quadro 13	Orientações concluídas de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal/UFU.	119
Quadro 14	Participação em bancas de Teses, Dissertações e Exames de Qualificações na Pós-Graduação	119
Quadro 15	Participação e coordenação de Projetos de pesquisa, 2010-2025.	127
Quadro 16	Orientações de Iniciação Científica entre 2003 e 2009.	135
Quadro 17	Orientandos do Projeto “Bacias hidrográficas de Ituiutaba, MG: uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural” (2014-2018).	136
Quadro 18	Outras orientações concluídas de Iniciação Científica na UFU entre 2010 e 2025.	138
Quadro 19	Obras organizadas e publicadas a partir de ações extensionistas.	142
Quadro 20	Quadro 19: Projetos de Extensão Coordenados por mim.	143

Quadro 21	Projetos de Extensão coordenados por colegas do ICHPO nos quais atuei como colaborador.	146
Quadro 22	Participação na composição de Comissões na UFU.	151
Quadro 23	Artigos completos publicados em periódicos qualizados.	161
Quadro 24	Quadro 23: Livros autorais publicados entre 1999 e 2025.	163
Quadro 25	Quadro 24: Organização de livros entre os anos 2004 e 2025.	165
Quadro 26	Quadro 25: Capítulos de livros publicados entre 1996 e 2025.	167
Quadro 27	Quadro 26: Trabalhos completos publicados em Anais de eventos.	172
Quadro 28	Quadro 27: Participação em comissões organizadoras de eventos científicos.	176

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CE	Estado do Ceará
CMC	Conselho Municipal de Cultura de Ituiutaba
CNE	Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério de Ciência e Tecnologia
COGEO	Coordenação do Curso de Geografia (Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia)
CONDIR	Conselho Diretor
CONFACIP	Conselho da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia
CP	Conselho Pleno do Ministério da Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DIAPT	Divisão de Patrimônio UFU
DIRBI	Diretoria do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia
DIRICHPO	Diretoria do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia
DOI	Digital Object Identifier
DRII	Diretoria de Relações Internacionais e Institucionais da Universidade Federal de Uberlândia
EAD	Ensino a Distância
ES	Estado do Espírito Santo
FACES	Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social da Universidade Federal de Uberlândia
FACIP	Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (extinta) da Universidade Federal de Uberlândia
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FASB	Faculdade do Sul da Bahia
FCP	Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura
FESV	Faculdade Estácio de Sá de Vitória
FESVV	Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha
FEUMCMG	Federação Espírita, de Umbanda e Candomblé de Minas Gerais
GEP-CDT	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Decolonialidade e Território
ICENP	Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia
ICHPO	Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades de gênero e orientações sexuais
MEC	Ministério da Educação
MG	Estado de Minas Gerais

MINC	Ministério da Cultura
PDM	Plano Diretor Municipal
PEIC	Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade da Universidade Federal de Uberlândia
PETGEO	Programa de Educação Tutorial do Curso de Geografia (Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia)
Petrobras	Petróleo Brasileiro S/A
PIAC	Programa Institucional de Apoio à Cultura da Universidade Federal de Uberlândia
PIBIC	Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal de Uberlândia
PIVIC	Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Federal de Uberlândia
PPGEP	Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia.
PPGTUR	Programa de Pós Graduação em Turismo da Universidade Estadual do Ceará
PROEXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia
PROPP	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia
REITO	Reitoria da Universidade Federal de Uberlândia
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
RJ	Estado do Rio de Janeiro
SEBID	Setor de Bibliotecas Digitais da Universidade Federal de Uberlândia
SERES	Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação
SIEX	Sistema de Informação de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia
SP	Estado de São Paulo
TCC(s)	Trabalho de Conclusão de Curso
TECL	Teologia Umbandista e Cursos Livres
UCM	Universidad Complutense de Madrid
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNICV	Universidade de Cabo Verde (Cabo Verde, África)
Unicv	Centro Universitário Cidade Verde (Polo Mundo Novo, Mato Grosso do Sul)
Unifahe	Faculdade de Administração, Humanas e Exatas
Unilinhares	Centro Universitário de Linhares
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
1 DAS TERRAS CAPIXABAS PARA O TRIÂNGULO MINEIRO	33
2 ENTRE LETRAS, AFETOS E LUTAS: MEU ENRAIZAMENTO EM TERRAS TIJUCANAS	41
2.1 Sou como a figueira: planta que brota por estaquia	42
2.2 Do talo brotou a rama: o ampliar de minha atuação em Ituiutaba	49
2.3 Ponto de Cultura Axé Obatalá: espaço sagrado e território comunitário de resistência, militância e organização social	52
3 MEU PAI ME DIZIA: “SÓ SE LEVANTA PARA ENSINAR QUEM UM DIA SE SENTOU PARA APRENDER”: RELATANDO MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA	65
3.1 Da graduação ao Doutorado: a Geografia como formação e o turismo como campo de interesse	66
3.2 Ampliando horizontes no campo da cultura, da religiosidade popular e das tradições afro-brasileiras	71
3.3 Um sonho tornado realidade: um pós-doutoramento sobre a África, em território africano	76
3.4 Como dizia o prof. Morelato: “<i>camarão que dorme a onda leva</i>” - formação complementar e formação continuada	78
4 ASSIM FIZ-ME PROFESSOR: REMEMORANDO CONQUISTAS E DIFICULDADES EM MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	85
4.1 Primeira etapa da carreira docente: 1990-2010	86
4.2 Segunda etapa da carreira docente: 2010-2026	102
4.2.1 Minha experiência na Graduação no Curso de Geografia da UFU (2010-2026)	102
4.2.2 Experiência na Pós-Graduação	114

5 PESQUISA E EXTENSÃO COM FOCO NAS COMUNIDADES E TERRITÓRIOS	125
5.1 Pesquisa	125
<i>5.1.1 Primeira fase: entre o mar, as serras e as comunidades do Estado do Espírito Santo</i>	<i>125</i>
<i>5.1.2 Segunda fase: Turismo, cultura e identidade em terras mineiras e uma paixão chamada Ceará</i>	<i>127</i>
<i>5.1.3 Fase atual: estudos africanos, cultura afro-brasileira, religiosidade popular e relações étnico-raciais</i>	<i>133</i>
<i>5.1.4 Grupos de pesquisa e redes globais e nacionais de Pesquisadores</i>	<i>138</i>
5.2 Projetos de Extensão	140
6 EXPERIÊNCIA NA GESTÃO	149
7 RECONHECIMENTO, GENEROSIDADE E CONQUISTAS: ALGUNS PRÊMIOS E TÍTULOS HONORÍFICOS QUE RECEBI	155
8 ENTRE AMIGOS, LIVROS E LUGARES: PANORAMA DE UMA PRODUÇÃO CIENTÍFICA AFETIVAMENTE CONSTRUÍDA	161
9 PARA CONCLUIR	183
REFERÊNCIAS	187

INTRODUÇÃO

De partida, lhes digo que redigi este documento com profunda liberdade dada por mim, a mim mesmo. Procurei atender as exigências das normas que regem a progressão na carreira docente e, ao mesmo tempo, me expressar na primeira pessoa para evidenciar um pouco mais quem sou, da forma como sou.

Em termos formais, o presente Memorial foi elaborado com base na Resolução CONDIR - 03/2017, que regulamenta a avaliação docente no que se refere à aceleração da promoção na carreira docente na Universidade Federal de Uberlândia e Informação Nº 1301121/2019/SEBID/DIAPT/DIRBI/REITO-UFU, que estabelece regras de inserção do Memorial no repositório institucional. Com base na Resolução, encontro-me em condições de pleitear o avanço de categoria Associado IV para Titular, o que faço com muita alegria.

Tenho uma dificuldade antiga em falar de mim mesmo. Sinto que as palavras se enrolam, como se cada traço da minha trajetória precisasse ser julgado por mim mesmo. E devido à minha insegurança, ou medo, ou mania de perfeição, nunca acho que fui bom o suficiente. Porém, a redação do Memorial de titularidade é uma exigência que a carreira docente impõe a todos nós. Então resolvi encarar o Currículo Lattes e produzir este memorial, ainda que com certa hesitação, mas aproveitando a ocasião para uma autoavaliação.

Ao escrever este texto, senti a necessidade de documentá-lo com algumas fotografias. Porém, sempre odiei ser fotografado e agora que precisei mostrar algumas passagens de minha vida, me vi sem registros de imagens. Utilizei as fotografias que tinha e complementei com imagens da internet. Um verdadeiro horror! Reconheço que eu deveria ter sido bem menos ranzinza.

Como dito, decidi escrever o Memorial na primeira pessoa, para que quem me conhece possa “ouvir minha voz” por meio das palavras escritas. Penso que o memorial é um documento que deve ser produzido desde o prisma da pessoa, com seus pontos de vista e com licença para expressão do universo subjetivo de quem escreve. Em outras palavras, redigi como se estivesse conversando com um amigo íntimo, para quem conto fatos e feitos de uma forma descontraída, porém com a seriedade que a ocasião da titularidade exige.

Sou professor há mais de 36 anos. Uma vida profissional que se construiu nas salas de aula de escolas e universidades, nas salas de professores, nos laboratórios, nos congressos, nas viagens, nas práticas extensionista, no estudo individual, nos grupos de pesquisa, nos debates com colegas, nas bancas, nas bibliotecas, nos trabalhos de campo e em muitas outras vivências próprias do exercício docente. Mas essa carreira foi construída também nas prefeituras, nas empresas de

consultoria, nas atividades juntos a órgãos públicos, nos espaços religiosos, no meio natural, no meio rural, no mar, no litoral, nas serras capixabas e no Cerrado mineiro.

A docência não é apenas uma profissão para mim, é o modo que escolhi de estar no mundo. Nesse percurso de 36 anos, aprendi que ensinar é também aprender com os alunos e, hoje, olhando em perspectiva, considero que o que sempre me moveu como professor nunca foi o que eu sei, ou o que estudei. O que me moveu esses anos todos (e ainda me move) são as dúvidas, as inquietações, a curiosidade e as incertezas compartilhadas com os estudantes. Os alunos e alunas¹ têm a incrível capacidade de não me permitir estacionar ou estagnar. E isso me fascina!

Ao longo da minha carreira, tenho me dedicado especialmente à Geografia Humana e às suas interfaces com outras ciências. As publicações nessa área têm sido um modo de registrar o que muda na geografia das pessoas: os modos de se deslocar, de conviver, de ocupar espaços, de buscar significados para o território que habitam etc. Meu olhar se voltou para temas como turismo² e lazer, porque eles revelam como práticas sociais essenciais para explicar a contemporaneidade nacional e global. Também me interessa pelas representações espaciais da subjetividade, da experiência cultural e pelos modos de existir em comunidades diversas.

O turismo sempre foi minha paixão, trabalhei com esse tema como eixo central de minha produção por mais de duas décadas. Entre 2012 e 2018 redirecionei meus estudos, focando-me no universo da cultura popular devido a fatores pessoais e institucionais. Desde então a religiosidade popular figura entre meus temas de estudo, não como uma curiosidade externa, mas como uma busca pessoal de entender o meu próprio mundo. A religiosidade, assim, emerge como eixo de pesquisa que explica o cotidiano, as práticas festivas, as memórias e as identidades. A religião, nesse contexto, não é apenas crença; é território de vida, de diálogo com o sagrado, de resistência cotidiana em meio aos modos de exclusão e de inclusão que se cruzam nas paisagens urbana e rural.

Também tenho atenção especial à educação para as relações étnico-raciais, aos estudos africanos e à cultura afro-brasileira, buscando evidenciar dinâmicas de continuidade e transformação que desafiam leituras sobre raça, território e poder.

¹ Reconheço a importância de evitarmos o machismo, o falocentrismo na linguagem, na escrita e na comunicação científica. Porém, como oficialmente a Academia Brasileira de Letras ainda não editou nenhuma norma que estabeleça regras para a utilização da linguagem neutra, tampouco revogou o uso do masculino como gênero de comunicação universal, não me sinto seguro em utilizar formas mais amplas de tratamento de gênero na escrita. Pessoalmente apoio a transição para modos mais fluidos e diversos de representação dos sujeitos na linguagem, mas para esse momento, prefiro me ater à norma estabelecida por absoluta ignorância de como utilizar as demais, sem cometer erros grosseiros de concordância. Ocasionalmente utilizarei as variações de gênero, mas sem assumir isso como obrigação até para que a leitura não fique chata e repetitiva.

² No presente texto, o vocábulo turismo será escrito com “t” (minúsculo) quando eu estiver me referindo ao setor produtivo. Porém, utilizarei “T” (maiúsculo) quando estiver falando do curso superior em Turismo.

Desde já deixo claro que não abandonei a área de turismo, apenas diversifiquei meus interesses científicos e os motivos dessa ampliação de horizontes, procurarei explicar ao longo do Memorial.

Nessa mesma linha, os projetos de extensão que realizei (e ainda realizo) têm ocupado espaço central na minha prática pedagógica. Eles têm sido oportunidades de levar a teoria para a prática, de discutir com comunidades e de aprender com elas. Alguns desses projetos foram premiados, reconhecidos pela sua capacidade de articulação entre ensino, pesquisa e intervenção social. Esses resultados premiados não significam, para mim, um acúmulo de glórias, mas sim a validação do compromisso de transformar saberes acadêmicos em ações que gerem impacto concreto nas vidas das pessoas.

Não posso deixar de mencionar a minha participação em grupos de militância³. Tenho me focado na defesa da diversidade, dos Direitos Humanos e o enfrentamento firme da intolerância religiosa. Ser militante, para mim, é manter a certeza de que a escola, a universidade e a comunidade devem ser lugares de convivência democrática e respeitosa, onde diferenças são aprendidas, debatidas e valorizadas. Devemos entender definitivamente que a diferença educa; que os conflitos nos ensinam muito sobre nós mesmos; que a discordância respeitosa edifica e que os enfrentamentos não podem significar a anulação dos que nutrem ideias contrárias às nossas. Porém, para isso, é necessário haver escuta sincera, uso respeitoso da voz e senso de limites.

Minha formação curricular no campo da Geografia foi pensada de forma integrada e ampla. Licenci-me em Geografia, fiz especializações em ensino de Geografia, fiz Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado na área de Geografia Humana.

Porém, agora que a minha carreira docente está mais consolidada, pude me dedicar a uma complementação de formação profundamente ligada à minha militância social, mas que também atende às demandas dos novos direcionamentos de minha carreira docente. Inspirado pela dedicação aos estudos por parte de amigos e parentes durante o isolamento social decorrente da pandemia de covid-19, resolvi voltar a estudar e me graduei recentemente em Sociologia (Licenciatura) e Ciências da Religião (Licenciatura).

As novas formações emergiram como oportunidade de fundamentar meu empenho em defender causas sociais nas quais acredito, sobretudo em comunidades religiosas tradicionais de

³ Tomando por base a Sociologia crítica alemã, a militância e ativismo são coisas diferentes. A principal diferença é que o militante se dedica de forma mais sistemática e organizada a uma causa, muitas vezes dentro de uma estrutura (partido, sindicato, coletivo cultural, etc.), com reflexão profunda e ação coletiva constante, enquanto o ativista foca em ações mais pontuais, diretas e autônomas, com resultados para seus interesses pessoais ou de grupos a que pertence, mas sem necessariamente a disciplina de um grupo organizado. Ambos buscam a transformação social, mas o militante tem a política como algo central e coletivo, e o ativista, uma entrega mais pessoal e fluida à determinadas causas (Sales, 2019).

matrizes africana e afro-brasileira. Tal militância junto ao “povo de axé” me aproximou de outras lutas sociais que perpassam o dia-a-dia das comunidades de terreiros: combate ao machismo, luta contra o racismo, contra a homofobia e contra a histórica discriminação dos povos originários. Isso porque os terreiros são territórios de resistência cultural negra e espaços de acolhimento para mulheres, para o público LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e outras identidades). Nos terreiros há, ainda, cultos voltados para a ancestralidade indígena.

Defino-me como um militante dos Direitos Humanos desde uma perspectiva afro-centrada e um cidadão aliado das lutas femininas, negras, indígenas e do público LGBTQIAPN+. Não tomo o protagonismo de todas as lutas sociais para mim, pois além de ser contraproducente, eu estaria usurpando a liderança de pessoas de dentro dos grupos afetados pelo machismo, pelo racismo, pelo preconceito. Atuo especificamente no campo das liberdades religiosas e do combate à intolerância produzida pelo racismo religioso. Aí sim, atuo de maneira mais incisiva, organizada e institucionalizada. Nas demais pautas, sinto-me feliz em ser comandado pelos líderes de cada grupo de luta, agindo sobretudo no campo acadêmicos e em demandas para as quais sou convidado, nos termos do convite feito.

No que se refere à pesquisa, pude me empenhar em projetos que me deram ferramentas para entender as complexidades do espaço vivido, as relações de poder que estruturam territórios e as trajetórias humanas que emergem das interações entre pessoas, lugares e culturas. O rural e o litoral sempre foram minhas paixões nos tempos em que eu vivi no Espírito Santo. Porém, a mudança para Ituiutaba me impôs um redirecionamento significativo, levando-me aos estudos da cultura regional. A religiosidade afro-brasileira e os legados afro-diaspóricos emergiram como uma consequência do fato de eu agora viver onde esses traços culturais são fortes e, ao mesmo tempo, invisibilizados pelo preconceito.

Sei que ainda há muito a aprender e a contar. Espero que este relato, ainda que contido pela minha relutância em me colocar no primeiro plano, possa oferecer um retrato honesto de quem sou como professor, pesquisador e cidadão. Penso que meu fazer pedagógico, textos, minhas ações de extensão, minhas pesquisas e minha militância contribuíram e ainda contribuem para que as próximas gerações encontrem menos entraves e mais caminhos para compreender o mundo com olhos críticos, generosos e abertos à diversidade que nos compõe como sociedade.

Para detalhar de forma mais estruturada o conteúdo constante neste Memorial, o dividi em textos que abordam os seguintes temas: introdução; minha história de vida (resumida), minha chegada à Universidade Federal de Uberlândia e adaptação à Ituiutaba, formação acadêmica;

trajetória profissional; ações de ensino, pesquisa e extensão; prêmios e títulos honoríficos; produção científica; orientações; militância pela diversidade e engajamento social e perspectivas para o futuro.

Por fim, lhes digo que desejo que, ao ler este Memorial, os leitores e leitoras me conheçam um pouco mais, entendam melhor minhas ações como docente e compartilhem comigo sonhos de um futuro mais inclusivo e mais plural.

1 DAS TERRAS CAPIXABAS PARA O TRIÂNGULO MINEIRO

Gosto de achar que divindades e ancestrais quiseram mesmo que eu me formasse em Geografia e um indício disso é que me fizeram nascer em uma família de professores (inclusive de Geografia), em uma região de fronteira, em meio ao “mar de morros” da região da Serra do Caparaó. Nasci em 22 de fevereiro de 1971, em plena segunda-feira de carnaval, às 23 horas (auge da folia) na pequena cidade de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), na divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Na realidade, como se vê na figura 1, Bom Jesus é uma área citadina que se desenvolveu na zona fronteiriça entre os estados, de forma que a parte da cidade localizada na margem direita chama-se Bom Jesus do Itabapoana (RJ) e a parte localizada na margem esquerda, chama-se Bom Jesus do Norte (ES).

Figura 1: Bom Jesus do Itabapoana (RJ) e Bom Jesus do Norte (ES): Cidades gêmeas separadas pelo rio Itabapoana.



Fonte: Jornal A Gazeta. Disponível em: [https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/bom-jesus-do-norte-\(...\)-0520](https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/bom-jesus-do-norte-(...)-0520) . Acessado em 05 dez.2025.

Nos primeiros 4 anos de minha vida morei em Bom Jesus do Norte. Sou filho da Dona Izabel (Maria Izabel de Carvalho Pereira) e do Seu Raulino (Raulino Alves Portuguez), que tiveram ainda mais um filho, o Eric Pereira Portuguez, que é 6 anos mais novo que eu. Tenho ainda uma irmã caçula, Carolina de Carvalho Siqueira, fruto do segundo casamento de minha mãe.

Em 1975, minha família mudou-se da pequena Bom Jesus do Norte para a cidade Cariacica, localizada na Grande Vitória (ES). Essa mudança se fez necessário, pois meu pai e minha mãe se tornaram funcionários públicos federais, ambos trabalhando em setores do antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS, atual INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social). Meu pai atuou na agência do órgão em Colatina, no norte do Espírito Santo e minha mãe na Superintendência Estadual do INSS em Vitória, a capital capixaba, onde aposentou-se como Superintendente Estadual.

Meu pai faleceu novo, aos 55 anos de idade, vítima da metástase de um câncer de próstata. Foi sepultado no dia 24 de setembro de 2001, em dia de chuva em Colatina, cidade em que vivia desde meados dos anos 1970 após o divórcio de meus pais. Era um homem divertido, sempre brincalhão e emotivo, mas também muito teimoso. Há quem diga que minha teimosia foi herdada de meu pai. O Dr. Raulino era advogado, formado pela Faculdade de Direito de Colatina (turma de 1981). Mesmo registrado na Ordem dos Advogados do Brasil, nunca chegou a construir carreira advocatícia, pois dedicou-se ao serviço público federal até sua aposentadoria.

Cresci, portanto, sob os cuidados de minha mãe e parte da família materna. Meu pai vinha de Colatina para Vitória todos os finais de semana, ano após ano para visitar os filhos nos finais de semana. Porém, ao adoecer, já mais frágil, parou de ir para Vitória, até porque nós, os filhos, passamos a visita-lo em Colatina, onde vivia com sua segunda esposa.

Minha mãe formou-se professora por uma antiga Faculdade de Itaperuna, cidade de porte médio localizada no norte do Estado do Rio de Janeiro. É licenciada em Letras, como habilitações para o ensino de línguas portuguesa e inglesa e respectivas literaturas. Estudiosa, minha mãe me apresentou aos livros, que sempre foram muito abundantes em minha casa. Recordo-me de estar entre jornais, revistas, livros e enciclopédias desde minha mais tenra infância.

Minha mãe é mulher forte, destemida, trabalhadora, que nunca mediu esforços para me proporcionar estudo, matriculando-me nas mais conceituadas escolas privadas de Vitória (Escola Ludovico Pavoni, Escola Monte Serrat e Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória), ainda que isso lhe estrangulasse o orçamento familiar. Tal esforço materno deu resultados claros, pois tive educação primorosa, que me permitiu ingressar no mundo acadêmico logo após finalizar o Ensino Médio. Nas figuras 2 e 3 vê-se imagens minhas da época do Ensino Fundamental, cursado quase que totalmente em importantes escolas mantidas pela Igreja Católica em Vitória.

Figura 2: Formatura do 4º ano, com minha professora nos tempos da Escola Monte Serrat (Vitória, ES, 1979).

Figura 3: Em 1981, aos 10 anos, indo para a escola com o irmão mais novo.



Fonte: Acervo do autor (1978 e 1981).

Minha mãe é uma educadora nata, sendo atuante até os dias atuais, no auge de seus 80 anos de idade, pois lidera um grupo de estudos religiosos em São José do Calçado, cidade capixaba onde nasceu e para onde mudou-se em 2010. Meu Ensino Médio (Técnico em Contabilidade) foi cursado no Colégio Cenecista Dr. João dos Santos Neves (Vila Velha, ES), que não existe mais.

Mas não foi apenas meu pai e minha mãe que me inspiraram. Algumas famílias são conhecidas por terem médicos ou advogados que passam, de geração para geração, legados profissionais. Pai médico... filho médico. Pai ferroviário... filho ferroviário... Pois bem, sou um caso bastante anômalo de membro de família com tradição geográfica.

Sou, creio, a terceira geração da minha família a se interessar pela Geografia. A primeira geração teria vivido na virada do século XIX para o século XX, talvez sem uma formação universitária, com claros interesses no mundo natural. Há em meu poder, um livro de climatologia e meteorologia intitulado *Phenomenos da Atmosphaera*, com autoria atribuída a J. V. C., que foi adquirido na Europa, onde a obra fora publicada simultaneamente em Paris e Lisboa. O volume que tenho está em português clássico e na contracapa se lê uma anotação datada de 26 de abril de 1892. Esse livro vem passando de geração em geração. Me foi apresentado no início da década de 1990 pela minha tia, professora Euridice Carvalho Pereira, irmã de minha mãe, que se formou em Estudos Sociais na década de 1970 e graduou-se em Geografia pela UFES na década de 1980. Segundo ela, o livro teria sido de um parente distante que estudou algo entre geografia e ciências naturais e que fora legado a ela por um parente cuja identidade se perdeu nas memórias.

Eu me graduei em 1993, mas depois de mim mais duas pessoas buscaram formação em Geografia. Meu irmão, Eric Pereira Portuguesez, que é estudante do curso de Geografia do

ICHPO/UFU e meu primo Thalyson de Melo Bolleli, que se doutorou recentemente em Ciências Ambientais pela USP, tornando-se especialista na expansão territorial da energia solar no Brasil.

Retomando a narrativa de minha infância e adolescência, devo lhes contar que fui criado a vida quase que inteira em bairros populares de classe média da Grande Vitória. Destaco, porém, o bairro de Coqueiral de Itaparica, no qual morei por 26 anos, entre 1984 e 2010, ou seja, entre os 13 e os 38 anos de idade. Coqueiral de Itaparica é um conjunto habitacional originalmente formado por 7 conjuntos com centenas de edifícios de 4 andares, localizados a três quadras da praia. Para mim, adolescente e jovem apaixonado pelo mar, morar pertinho da praia era uma mistura de benção e privilégio.

Sou, portanto, um nascido norte-fluminense criado no Espírito Santo. O mar me define, é sem dúvidas minha essência e o ambiente praiano é, certamente, a paisagem que mais me emociona, que mais me volta para mim mesmo. Vivi diante do mar quase que toda a minha vida e isso me parece importante dizer neste momento, pois o ambiente costeiro esteve presentes em muitos estudos que desenvolvi em minha carreira acadêmica.

Após me formar em 1993, tive a oportunidade de atuar como professor em distintos níveis de educação, lecionando para turmas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Minhas pesquisas na área de Geografia do Turismo me abriram portas para atuar em cursos de Geografia, Hotelaria e Turismo, com os quais atuei entre 1994 e 2010. Do meu período de faculdade trago lembranças incríveis. Foi nessa época que conheci grandes nomes da Geografia brasileira do século XX, como o Dr. Jurandyr Ross (figura 4), Milton Santos, Marcelo José Lopes de Souza, Antônio Carlos Robert Moraes, Lobato Correia, Igor Moreira e muitos outros. Eu e meus colegas de turma (figura 5) tivemos ainda a oportunidade de viajar bastante para trabalhos de campo no litoral e interior do Espírito Santo, além de irmos juntos para eventos e encontros de lideranças estudantis.

Figura 4: Trabalho de campo com Jurandyr Ross (USP) durante a graduação na UFES (1992).



Fonte: Acervo do autor (1992).

Figura 5: Dos 30 alunos de minha turma na UFES, apenas 9 se formaram. Alguns estão na fotografia.



Destaco que durante os anos de 1992 e 1993, por volta do final da minha graduação, fui o presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, seção Vitória, assumindo a AGB Vitória após a gestão do Prof. Dr. Jean-Louis Boudou. Chegamos a realizar duas semanas de Geografia na UFES, mas após meu mandato a AGB Vitória foi desmobilizada, retomando suas atividades em 1989, quando uma nova diretoria foi eleita.

Entre 1995 e 2010, trabalhei como consultor em gestão ambiental pública, como professor da Educação Básica, como professor universitário, como educador ambiental em plataformas de petróleo, como elaborador de políticas públicas de turismo e cultura da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

Dentre essas experiências, a mais importante foi minha atuação como professor do Curso de Turismo das Faculdades Estácio de Sá de Vitória e de Vila Velha. Foram quase 10 anos de trabalho contínuo nessa instituição, com a qual mantenho laços de colaboração até os dias atuais, sobretudo atuando em seu corpo editorial de revistas como a Destarte, na qual já publiquei alguns artigos. Lá, ainda deixei colegas incríveis e alguns se tornaram grandes amigos.

Foi com essa bagagem que eu cheguei na Universidade Federal de Uberlândia. Nos últimos anos do doutoramento, a faculdade onde lecionava passou por uma profunda reestruturação administrativa. Falarei desse episódio com mais detalhes mais adiante. O fato é que a lógica econômica da rede privada de ensino onde eu trabalhava estava em transformação rápida no final da década de 2000 e isso implicava em demissões. Foi nesse contexto que passei a buscar oportunidades de concurso: Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Goiás e Universidade Federal de

Uberlândia. Dos concursos que fiz, obtive bons resultados em Salvador, Vitória e Uberlândia. A UFU foi minha prioridade desde o princípio, pois era a única que oferecia vagas específica para minha área de interesse.

Fiz o concurso para a área de Geografia Humana e Planejamento para atuar na extinta FACIP/UFU (Faculdade de Ciências Integradas do Pontal), em 2009. Fui aprovado e aguardei mais de um ano para ser nomeado. Na época, embora houvesse uma lista de professores aguardando nomeação, a UFU decidiu realizar novo concurso para 3 vagas para o curso de Geografia da FACIP.

Na ocasião, eu e mais dois professores (Patrícia Francisca de Matos e Antônio de Oliveira Junior) entramos na justiça para requerer nossa nomeação, pois entendíamos que não fazia sentido abrir concurso para Geografia Humana, quando já existia uma lista de aprovados em concurso anterior. Após nossa contestação judicial, a UFU decidiu modificar o edital do concurso, excluindo a área de Geografia Humana e Ensino e nomear os docentes seguindo a lista de aprovados em 2009. Na sequência, vê-se uma foto aérea do Campus Pontal da UFU (figura 6) e foto de alguns de meus colegas de trabalho (figura 7).

Figura 6: Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia.

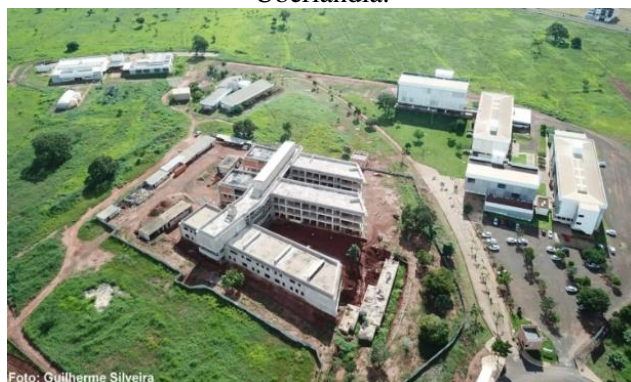


Foto: Guilherme Silveira

Fonte: Foto: www.ufu.br. Acesso em 12 dez. 2025.

Figura 7: Alguns colegas professores do curso de Geografia do Campus Pontal



Fonte: Acervo do autor (2012 e 2014)

Minha nomeação ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2010 e eu entrei em exercício na então FACIP/UFU em 8 de março de 2010. A FACIP foi desmembrada em dezembro de 2017, durante reunião do Conselho Universitário (Consun) da UFU, resultando na criação de três novas unidades: a FACES (Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social), o ICENP (Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal) e o ICHPO (Instituto de Ciências Humanas do Pontal). O curso de Geografia e o PPGEP (Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal) ficaram, portanto, vinculados ao ICHPO/UFU.

Após a nomeação, despedi-me da praia de Coqueiral de Itaparica, da sala de planejamento da Prefeitura de Vila Velha, dos alunos do curso de Turismo e das plataformas de petróleo para me mudar definitivamente para Ituiutaba. Tobias, meu amiguinho canino foi a única companhia nessa aventura e juntos nos transferimos para o Triângulo Mineiro. Ituiutaba passou a ser minha nova casa em março de 2010.

Não foi uma adaptação fácil, mas também não me incomodei em nada com a nova rotina e a nova cidade. Ituiutaba era, naquela época, a grande novidade, a cidade que prometia crescimento e oportunidades com a expansão do setor sucroalcooleiro. O comércio era vívido (mais que hoje). A presença de muitos nordestinos na cidade me dava a sensação de que Ituiutaba vibrava com os ventos do crescimento econômico e a UFU era também uma promessa de modernidade. Com o tempo, indústrias fecharam, o comércio arrefeceu-se, pessoas saíram da cidade, veio a pandemia da Covid-19, veio o governo federal ultraconservador, os alunos diminuíram e, enfim, cá estamos, lutando para manter o Campus Pontal dinâmico e produtivo em tempos de escassez de recursos.

Em 2026, completei 16 anos de trabalho no Campus Pontal da UFU. Nesse período, muitas coisas aconteceram em minha vida privada e minha vinculação a Ituiutaba se consolidou. Agora o mar virou saudade, agora o litoral virou destino de férias. Minha alma continua atlântica, mas isso não me impediu (e nem me impede) de firmar raízes sólidas em Ituiutaba onde, além de formar família, pude fazer patrimônio, fundar uma comunidade religiosa, criar laços de amizade e me engajar em lutas e embates sociais.

De 2010 para cá, mais de uma dezena de colegas pedirem redistribuição para universidades diversas, ou mesmo para a cidade de Uberlândia. Alguns vieram para Ituiutaba e ficaram pouco tempo, outros um pouco mais e cada vez que um colega partia, confesso que eu me perguntava se um dia não seria a minha vez. Mas aí o tempo foi passando, comecei a namorar, o namoro virou casamento, meu marido também virou professor de Geografia e o casamento virou parceria de lutas. Meu marido, Colignon Junio Freitas Portuguez, é meu braço direito nos embates advindos da militância e na construção de projetos sociais. Um a um, vieram os amigos, as amigas, os novos afetos espaciais e, quando dei por mim, Ituiutaba, antes um território onde eu fora forasteiro, agora se convertera em lugar.

Passo, agora, a descrever o meu processo de enraizamento em Ituiutaba. É uma parte de minha história que ainda está em construção, mas que já me marcou profundamente e me fez rever muitas coisas.

2 ENTRE LETRAS, AFETOS E LUTAS: MEU ENRAIZAMENTO EM TERRAS TIJUCANAS

Quando redigi o presente Memorial, fiquei pensando em qual parte do documento eu deveria inserir os parágrafos sobre minha atuação na sociedade. Resolvi tratar do tema aqui, logo de partida. Não vejo como deixar de abordar o tema neste momento, quando explico de onde vim e onde estou atualmente.

Nunca fui de me envolver intensamente com movimentos sociais até minha chegada à Universidade Federal de Uberlândia. Não fui ativo em nenhum tipo de grupo, embora tenha participado de reuniões e projetos em parceria. Mas atuar na linha de frente, de fato nunca atuei, pelo menos até 2013.

Foi somente a partir de 2012-2014 que meu interesse por movimentos sociais despertou de fato. Naquela época eu ainda era visto por muitas pessoas como um professor “de fora”, que logo iria pedir redistribuição para algum canto do Brasil. Eu, porém, já havia notado grande diferença em meu padrão de vida, pois sendo uma cidade menor que Vila Velha, ou Vitória, Ituiutaba me proporcionou uma formação de patrimônio que eu jamais conseguira antes. Estava há apenas 3 anos na cidade e já adquirira casa própria e carro, ambos em padrão superior ao que eu tinha no Espírito Santo. Comprei 2 terrenos, comprei um rancho em Monte Alegre e senti que estava de fato investindo no futuro pela primeira vez na vida. Estava claro para mim que eu deveria fincar raízes nas terras do Tijuco como estratégia para ter dias de paz financeira na minha velhice.

Em 2010 quando cheguei aqui, tive a impressão que a cidade estava em um momento de expansão e que era comum a presença de pessoas de fora aqui. Trabalhadores nordestinos, professores universitários, estudantes vindos do Estado de São Paulo etc. Eram muitas as referências que mostravam que por aqui havia uma pujança dinamizada pela migração. Quando chegou o mês de maio de 2010, fiquei sabendo da Festa da Congada e me senti animado em conhece-la. Deparei-me aí com meu primeiro espanto: Ituiutaba tinha uma população negra gigantesca e, por algum motivo, eu não tinha percebido isso.

Nessa época passei a conviver com os alunos cotistas (cotas raciais) do Campus Pontal e foram eles que me apresentaram as demandas mais fortes da juventude negra da cidade e região. Queriam fazer seus artigos e pesquisas sobre temas que atravessam a negritude local e o mesmo movimento veio por parte dos discentes do grupo LGBTQIAPN+. Comecei a trabalhar com esses alunos e fui levado por alguns para conhecer espaços negros da cidade, sobretudo os territórios da Congada.

As festas de Congadas do Triângulo Mineiro são uma forma de manifestação cultural e religiosa afro-brasileira, que mescla tradições africanas e o catolicismo português. É, portanto, uma clara manifestação do chamado “Catolicismo Negro”. Elas representam a resistência, a fé e a ancestralidade do povo negro e são reconhecidas como Patrimônio Cultural do Brasil (Cândido e Portuê, 2024).

Também foram os alunos negros que me falaram do racismo religioso em Ituiutaba e que me levaram em 2012 a conhecer alguns terreiros tradicionais da região. Sou umbandista desde 1986 e candomblecista desde 1989. São duas práticas de religiosidade tradicional de matriz africana que, embora sejam diferentes, podem ser adotadas concomitantemente. Procurei saber sobre os terreiros da cidade para frequentá-los, mas não os localizei com facilidade. Eram poucos, silenciosos, escondidos nos fundos de quintais e os sacerdotes e sacerdotisas eram frequentemente tratados como marginais, inclusive pela população negra.

Observei que em algumas comunidades de axé havia grande precariedade. Observei que os líderes desconheciam seus direitos, notei que as casas não possuíam registro legal e tomei conhecimento de ações de autoridades municipais para fechar terreiros e apreender atabaques (tambores sagrados) com o uso da força policial. Cheguei a ouvir de um praticante que, para funcionar, eles deveriam cantar baixinho e não fazer muito barulho. Tais descobertas me deixaram profundamente indignado e constatei que os umbandistas ituiutabanos não tinham a menor ideia de quais eram os seus direitos e nunca tinham ouvido falar de políticas públicas voltadas para a população afro-religiosa.

2.1 Sou como a figueira: planta que brota por estaquia

Os relatos que ouvi sobre intolerância religiosa em Ituiutaba, ainda que poucos, mostraram que além de trazerem muita dor, carregavam vergonha e humilhação em seus conteúdos. Surgiu aí a ideia de realizar um seminário dentro da UFU abordando o tema da cultura e da religiosidade afro-brasileira para, talvez, incentivar os estudantes e professores a estudarem a religiosidade negra desde o prisma da cultura. O I Seminário sobre “Diversidade, Cultura, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na atualidade” foi, portanto, o marco de virada, o momento em que a militância me convocou e, quando dei por mim, estava engajado em diversas ações ligadas ao povo de axé da região. Meu ingresso nos debates e defesas de Direitos Humanos não foi planejado, aconteceu aos poucos e de forma quase que irresistível. O evento me apresentou aos movimentos existentes e passei a atuar com eles em diversas pautas.

A ideia inicial foi trazer para dentro da UFU, um conjunto de sacerdotes de religiões tradicionais de matriz africana para debaterem temas emergentes com o público acadêmico, no sentido de tratar a religiosidade como um traço cultural relevante e digno de atenções e cuidados. Na esteira da lei de cotas raciais, a Universidade passou a ajustar-se ao que exigem as leis que inserem a Educação para as Relações Étnico-Raciais no ensino superior (Lei Federal 10.639/2003 e Lei Federal 11645/2008 e outras normas jurídicas). Nesse sentido, entendi que era o momento de incentivar os estudos sobre as comunidades de axé, suas territorialidades e seu papel na perpetuação de traços culturais afro-brasileiros no Triângulo Mineiro.

Até então, eu percebia no Triângulo Mineiro um total sileciamento acadêmico sobre as religiões afro-brasileiras, que simplesmente eram ignoradas pelo olhar eurocentrado da geografia universitária. Como nos ensina o filósofo estadunidense Peter Burke (2023), a ignorância e o conhecimento são construídos socialmente a partir de macroestruturas e de decisões de grupos de poder que dialogam diretamente com o projeto de sociedade vigente em um determinado momento histórico.

Ignorar a Umbanda, o Candomblé e outras religiosidades negras como objetos de estudo ou como temas inerentes à realidade urbana resultam da invisibilização imposta pela colonialidade a tudo que diz respeito à espiritualidade e subjetividade de povos originários e escravizados em diáspora. Entretanto, diante dos gigantescos avanços na discussão das questões étnico-raciais nos meios universitários, era de esperar que as tradições afro-brasileiras emergissem como possibilidades de campos de estudo para as mais diversas áreas da Geografia.

Porém, não é o que vem ocorrendo. Atualmente, o número de geógrafos que estudam sistematicamente as religiões tradicionais no Brasil (e suas espacialidades) não ultrapassem um restrito grupo de uma dezena de pessoas, cuja produção possui apenas peso regional. A maior parte concentra-se nos Estados do Rio de Janeiro, em São Paulo e Bahia. Há trabalhos de conclusão de curso em diversos lugares no Brasil, mas de maneira geral, a Geografia se silencia quando falamos de pesquisas sistemáticas sobre as religiões tradicionais de matriz africana.

Por isso decidimos criar mecanismos acadêmicos de visibilização das tradições religiosas brasileiras nascidas a partir das culturas indígenas e africanas. O Seminário sobre Cultura, Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade teve 3 edições até o presente, com pequenos ajustes no nome (figuras 8 a 12). Em 2014, foi realizada a primeira edição em Uberlândia, a segunda foi realizada em 2015 no Campus Pontal da UFU e a terceira foi realizada por meio remoto, no contexto da pandemia da covid-19 em 2020.

Durante a realização do I Seminário, em Uberlândia, fui convidado a integrar a diretoria da FEUMCMG (Federação Espírita, de Umbanda e Candomblé de Minas Gerais). Nascia aí a primeira plataforma de militância desde minha chegada em Minas Gerais. A partir desse momento, passei a integrar outros movimentos, um levando a outro, sempre em defesa das pautas que norteiam minha ação social. Na FEUMCMG, especificamente, ocupo atualmente o cargo de 1º Secretário da Diretoria.

Além do meio acadêmico, passei a ter voz em outras instituições, falando para vereadores de Capinópolis, Uberlândia e Ituiutaba, sendo homenageado e celebrado pela Câmara de Vereadores de Uberlândia, ao mesmo tempo que fui tratado como invisível e desprezível pela Câmara de Vereadores de Ituiutaba. Nas duas últimas eleições locais, fui procurado por diversos políticos, incluindo candidatos ao governo municipal para obter meu apoio. Porém, ao escutarem minhas demandas para a cidade e para o povo de axé, muitos simplesmente desapareceram. Alguns poucos, mais progressistas, chegaram a incorporar as referidas demandas às suas propostas de candidatura, mas não se elegeram. Ituiutaba é uma cidade considerada historicamente bastante conservadora em termos políticos.

Apesar de ser ignorado pela classe política ituiutabana, as ações empreendidas por mim contra a intolerância religiosa na academia, na FEUMCMG e junto à classe política regional, me trouxeram visibilidade e bons resultados. Por meio de Coletivos Culturais criei projetos que foram realizados em Uberlândia, em Uberaba, em Ituiutaba, em Capinópolis e em Iturama (e outras cidades), onde busquei incentivar a regularização fundiária de diversos territórios afro-religiosos e, ainda, a formalização das casas, incentivando-as a registrarem seus estatutos, constituírem contabilidade formal e engajarem-se para captarem recursos por meio de editais de fomento à cultura.

Figuras 8 e 9: Imagens dos debates do I Seminário sobre *Cultura, Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade*, realizado em 2014 no Campus Santa Mônica, Uberlândia.



Fonte: Acervo ao autor (2014).

Figura 10: Folder de divulgação do II Seminário Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade



Figura 11: Auditório do Campus Pontal durante palestra do II Seminário Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade.



Figura 12: Folder de divulgação do III Seminário Diversidade, Religiosamente Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade.

III Seminário
Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade

10 a 12 de setembro de 2020
Inscrições gratuitas
bit.ly/iiiireligiosidadeafro_inscricao

APOIO

PROGRAMAÇÃO

QUINTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 2020	SEXTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2020	SÁBADO, 12 DE SETEMBRO DE 2020
18:00h: Fim do credenciamento virtual	9:00h: Palestra 2: As religiosidades negras como entrave para a aplicação da Lei 10.639/03 Palestrantes: Profa. Dra. Renata Nogueira da Silva (Ekodj) Renata T'Oya) e Profa. Dra. Tatiane Souza (ICBPO-UFU)	9:00h: Palestra 5: O terreiro como espaço psicoeducativo e de interações educacionais. Palestrantes: Psicólogo e Bacharel em Direito Renato Cavalcanti (Itujubá, MG) e Prof. Dr. Anderson Pereira Fortuque (ICBPO-UFU)
19:00h: Palestra 1: O papel das mídias e redes sociais na ressignificação da religiosidade popular Palestrante: Juremeiro Paulinho Alcântara (Espaço Jurema Sagrada, SP)	14:00h: Palestra 3: Religião, militância e protagonismo social Palestrantes: Yalorixá Beatriz O'Soumare (Uberaba, MG) e Jornalista Isley Borges (Uberlândia, MG)	
	16:00h: Mostra de documentários:	
	19:00h: Palestra 4: Religiosidade afro-brasileira, ética e exploração da fé Palestrantes: Leonardo Sebastião Delfino de Souza (Bacharel em Direito e mestrando do PPGEP-UFU), Bacharel em Direito T'Oxossi (Advogado criminalista - Uberaba, MG) e Prof. Carlos Antônio (Professor de Filosofia da SEE-MG)	

Fonte: Acervo ao autor (2014-2020).

Em 2015 e em 2017 (figuras 13 e 14), recebi certificados de “Menção de Aplauso” concedidos pela Câmara dos Vereadores do Município de Uberlândia, MG. Em ambas as situações, os vereadores ressaltaram o reconhecimento do Poder Público ao papel social, cultural e humanitário de minhas ações como professor e como militante.

Figura 13: Homenagem recebida na Câmara dos Vereadores de Uberlândia em 2015 em reconhecimento ao meu trabalho como escritor e defensor dos Direitos Humanos.



Figura 14: Homenagem recebida na Câmara de Vereadores de Uberlândia em 2017 em reconhecimento ao meu trabalho como Educador e como defensor das religiões tradicionais de matriz africana.



Fonte: Acervo do autor (2015-2017).

Também nesse período de enraizamento, entre 2013-2028, a DRII - Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFU oferecia editais de bolsas de Iniciação Científica para estudantes africanos. Resolvi encaminhar demandas de bolsistas para a DRII, pois entendi que seria uma boa oportunidade de aprender mais sobre a África com os estudantes africanos. Orientei 13 estudantes da Geografia, da Agronomia e da Medicina (área de saúde coletiva e ambiental). Trabalhamos com temas diversos na zona rural de Ituiutaba e pudemos entender muitas coisas sobre Angola, Moçambique, Cabo Verde e Benin (figuras 15 a 18).

O trabalho com os estudantes africanos reforçou ainda mais a necessidade de modificar o olhar da própria academia sobre a África, a diáspora e as culturas africana e afro-brasileira. Funcionários, alunos e professores da UFU os viam com seres exóticos, comentavam sobre seus hábitos e não disfarçavam seus preconceitos. Os alunos, por outro lado, reagiam a esses olhares, muitas vezes me relatando atos discriminatórios. Eu, que já era profundamente interessado pela África, me interessei ainda mais e vi que eu precisaria acostumar os brasileiros a verem povos de outras culturas com mais respeito e acolhimento. Passei, desde então, a desenvolver ações de incentivo ao conhecimento do continente africano e sua cultura no Campus Pontal por meio de ações de ensino, pesquisa e sobretudo, extensão.

Figuras 15 a 18: Estudantes africanos em atividades de Iniciação à Pesquisa na UFU, Campus Pontal.



Fonte: Arquivos do autor (2013-2018).

Tudo, de repente, começou a se conectar: minha religiosidade afro-brasileira, estudantes cotistas me demandando pesquisas afro-centradas, estudantes africanos e grupos culturais negros, enfim, eles todos passaram a integrar meu fazer acadêmico, o que me trouxe prazer e realização. Foi aí que de maneira deliberada, consciente, decidi que dali por diante a cultura afro-brasileira e os conflitos sociais derivados do racismo seriam os novos temas norteadores do meu trabalho docente.

O que estou lhes dizendo é que a militância (acadêmica e nos movimentos sociais) em Ituiutaba faz parte do meu movimento de “fincar raízes” nessa cidade. A UFU me trouxe para as terras ituiutabamas, mas sem nenhuma dúvida, foi o trabalho com a comunidade na qual me insiro que me fez ter vontade de estar aqui, de permanecer aqui, de não ir mais para a terra de minha mãe. Acredito que aqui envelhecerei e permanecerei.

Porém, deixo claro que não existe militância de uma pessoa. Toda luta é coletiva. Falo aqui na primeira pessoa porque estou caracterizando minha trajetória, mas nunca atuei sozinho, sempre estive cercado de pessoas engajadas e aguerridas que se juntaram a mim em todas as lutas das quais participei. Detalharei minha participação nos debates e enfrentamentos, mas que fique claro, sempre estive muito bem acompanhado e, muitas vezes, muito bem conduzido por lideranças competentes.

Dito isto, falemos um pouco do meu trabalho como professor e militante. De partida, preciso mapear minha posição em toda essa situação. Sou uma pessoa branca, que querendo ou não, desfruta

dos benefícios que a branquitude construiu para si ao longo de nossa história. Não sou abordado com frequência pela polícia, as pessoas não me vêem como uma pessoa potencialmente perigosa, não sou seguido em lojas e *shoppings*, não sou preterido no comércio e não tenho traços físicos (cabelos e aparência) invalidados pelo senso estético vigente na cidade. Sim, o privilégio da branquitude, edificado a partir do colonialismo, torna minha vida mais fácil, ao mesmo tempo em que lança milhares de pessoas no anonimato sistêmico, na invisibilização, na pobreza, na vulnerabilidade e nos braços da violência.

Reconhecer meu lugar de privilegiado me impõe algumas responsabilidades. De partida (e já disso isso anteriormente neste Memorial), preciso entender que não devo assumir para mim o protagonismo da militância negra, pois além de ela me preceder em Ituiutaba, penso que devo ser um aliado do movimento e não um usurpador de suas pautas e conquistas. Nós, pessoas brancas, precisamos nos policiar para não nos contaminarmos com a “Síndrome da Princesa Redentora”⁴. Quero atuar seguindo a liderança de negros e negras que estão nessa luta por gerações. O protagonismo, neste caso, é e deve seguir sendo deles e delas. Eu, porém, como pessoa branca portadora de múltiplos acessos que são negados aos negros, posso servir de ponte para que a voz deles seja ouvida e potencializada.

Por isso optei por atuar como militante em um nicho mais específico: os Direitos Humanos. Desde o prisma dos Direitos Humanos posso verticalizar minhas ações como liderança em comunidades religiosas, dado seu caráter multirracial e multicultural e, ainda, apoiar os movimentos sociais nos quais posso agir como colaborador, apoiador ou até mesmo como doador de recursos. Nas figuras 19 e 20, pode-se observar algumas ações acadêmicas nesse sentido.

Figuras 19 e 20: Palestras na UFU abordando o tema do privilégio da branquitude e temas afetos aos grupos sociais minorizados.

⁴ Segundo Fabiane Albuquerque (2023), a "Síndrome da Princesa Isabel" (ou Síndrome da Princesa) é um termo sociológico/crítico que descreve o comportamento de pessoas brancas, beneficiadas pelos privilégios da branquitude, que tentam "salvar" ou falar pelos negros, perpetuando uma visão de favor em vez de reconhecer a luta dos próprios negros pela liberdade, pela emancipação econômica e por direitos individuais/coletivos. É uma crítica ao mito da redenção branca, que apaga o protagonismo negro na abolição e na luta antirracista, transformando a princesa em um símbolo de controle e tutela, não de libertação real e autônoma.



Fonte: Acervo do autor (2017)

2.2 Do talo brotou a rama: o ampliar de minha atuação em Ituiutaba

Com o passar do tempo, fui conhecendo novos companheiros de luta em favor da cultura e, também aos poucos, fui ampliando minha atuação política e pedagógica em Ituiutaba. Passo agora a detalhar alguns aspectos dessa fase do meu enraizamento e da minha redefinição como pessoa e como professor.

Em movimentos de defesa de direitos e da cultura negra, destaco minha atuação desde 2015 como apoiador do Instituto Ganga Zumba (com atuação em todo o Brasil). Nele, minha referência de liderança é a Dra. Leonor Franco de Araújo, que preside a seção Espírito Santo e Minas Gerais e com quem tenho aprendido muito. O Instituto tem por pauta a luta contra o racismo e minha colaboração se limita à produção de textos educativos e participação em campanhas sociais do Instituto. Também defendo as cotas raciais na Universidade, uma das reivindicações mais marcantes desse Instituto.

Atuo de acordo com a condução de lideranças negras em defesa do catolicismo popular por meio de minha participação no Conselho da Fundação Municipal Zumbi dos Palmares (Ituiutaba) desde 2017. Entre 2017 e 2020, fui representante das Religiões Tradicionais de Matriz Africana e desde 2020, sou representante da Universidade Federal de Uberlândia no Conselho da Fundação. Mesmo não sendo negro, nem católico, fui contatado pela líder do movimento cultural negro de Ituiutaba (que se tornou presidente da Fundação), Sra. Dara Nicácio, que me convidou a integrar a luta pela preservação da Congada, pois ela soube de minhas preocupações e ações em relação ao racismo religioso. Posteriormente, fui reconduzido pelas novas gestões.

A Congada é a festa popular mais importante de Ituiutaba. Entre os meses de fevereiro e maio ocorre a preparação e no mês de maio, os grupos de Congada (Congos, Marujadas, Catupés e

Moçambiques) fazem da Praça 13 de Maio e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, os cenários de uma manifestação complexa, reunindo fé, tradição e resistência do catolicismo negro. Na tradição local, a Congada celebra a assinatura da Lei Áurea de 1888, que pôs fim à escravidão negra no Brasil. A Fundação Zumbi dos Palmares de Ituiutaba é o espaço de planejamento e gestão da festa (figuras 21 a 23).

Figuras 21 e 22: Reuniões na Fundação Zumbi dos Palmares, em Ituiutaba, onde assumi a cadeira de conselheiro e 2017.



Fonte: Acervo do autor (2017).

Figura 23: Festa da Congada na Praça 13 de Maio em Ituiutaba (2018).



Fonte: Acervo do autor (2018).

Tenho colaborado ainda, de forma sistemática e efetiva, junto a dois outros grupos de resistência cultural da cidade e seu entorno regional: a Folia de Santos Reis e a Capoeira.

A Folia de Santos Reis é uma manifestação cultural própria do meio rural. Entre os meses de dezembro e janeiro os foliões realizam percursos entre fazendas de Ituiutaba e Capinópolis onde realizam rituais de purgação, purificação e louvor aos Santos Reis. Tanto a folia de Reais, quanto a Congada, são manifestações do catolicismo popular, não sendo, portanto, reconhecidos pela Igreja Católica como uma liturgia oficial da Igreja. Porém, embora não reconheça essas práticas, a Igreja as controla e normatiza.

No caso da Folia de Santos Reis, minha atuação tem sido essencialmente acadêmica. Em 2017 conheci a Folia de Santos Reis de Capinópolis e, desde então, tenho colaborado com o grupo liderado pelo sapientíssimo Mestre Jorge de Jagun. A convite dele, passei a coletar material, fotografias antigas e documentos antigos para escrever um livro que conta a história da Folia de

Santos Reis no Pontal do Triângulo Mineiro. O projeto de pesquisa comunitária⁵ foi interrompido entre 2020 e 2022 por causa da pandemia de covid-19, mas já foi retomado e tem finalização prevista para 2027.

A folia de Santos Reis possui uma composição mais diversificada no que se refere à questão racial. Também não reivindica para si o discurso da resistência racial, como ocorre com a Congada. Porém, é espaço de acolhimento de muitas famílias negras e costuma interagir bem com Religiões Tradicionais de Matriz Africana, em especial a Umbanda. Atualmente, com a relativa desarticulação da folia de Ituiutaba, os louvores aos Santos Reis foram assumidos pela Folia da cidade de Capinópolis, cujo capitão é um sacerdote de Umbanda. Nas figuras 24 e 25, que seguem, vê-se a Folia de Santos Reis de Capinópolis se apresentando na sede do Ponto de Cultura Axé Obatalá⁶.

Figuras 24 e 25: Visita da Folia de Reais de Capinópolis na sede do Ponto de Cultura Axé Obatalá para arrecadação de fundos para realização da festa.



Fonte: Acervo do autor (2018).

⁵ Em minha tese de doutorado, defini a pesquisa comunitária como sendo um método de investigação social participativa (sociointerativa), onde os membros da própria comunidade são envolvidos em todas as fases do processo, desde o planejamento até a implementação e análise dos resultados.

⁶ Falarei dele mais adiante.

Ainda no campo da cultura afro-brasileira, também tenho atuado na valorização da Capoeira em escala municipal e regional sob a sábia liderança de Mestre Víbora, Mestre Gavião, Mestre Petróleo e outros, todos negros e detentores de saberes ancestrais relacionados à essa importante manifestação da cultura nacional.

Até o momento criei 3 projetos de extensão voltados para o ensino da Capoeira na periferia de Ituiutaba por meio de uma parceria entre a UFU, o Ponto de Cultura Axé Obatalá e a Escola Vivência Cultural Capoeira.

Figuras 26 e 27: Projeto de Capoeira criado por mim, com aulas gratuitas na sede do Ponto de Cultura Axé Obatalá.



Fonte: Acervo do autor (2025).

O primeiro projeto teve duração de 7 meses e consistiu na oferta de aulas de Capoeira, sobretudo para o povo de terreiro, como forma de valorizar as tradições culturais dos ancestrais do povo Bantu. O segundo projeto consistiu na oferta de aulas adaptadas para pessoas idosas ou com mobilidade reduzida e, por fim, o terceiro projeto foi um evento realizado na UFU (Campus Pontal) para homenagear os capoeiristas mais antigos do Triângulo Mineiro.

2.3 Ponto de Cultura Axé Obatalá: espaço sagrado e território comunitário de resistência, militância e organização social

Parece-me interessante falar agora sobre o já citado Ponto de Cultura Axé Obatalá. Em 2013, criei a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Babá Oloriginbin, rebatizada, em 2025, como Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá. Trata-se de um espaço de convivência comunitária e de práticas religiosas ligadas à Umbanda e ao Candomblé. Para a construção, utilizei recursos próprios,

sobretudo um valor em dinheiro que recebi de uma antiga causa trabalhista que me permitiu comprar os terrenos e iniciar a construção. No estágio atual da obra (figuras 28 a 30), já conseguimos edificar e pôr em uso as seguintes dependências:

- Salão de rituais (100m²), popularmente conhecido como “barracão”;
- Pátio de convivência;
- Brinquedoteca Maria Izabel de Carvalho Pereira;
- Praça dos Orixás;
- Cozinha comunitária e refeitório comunitário;
- Sede da Editora Barlavento⁷ (seu departamento editorial);
- Residência sacerdotal;
- Área pública de uso comunitário onde realizamos ações de proteção ambiental, plantio de ervas medicinais e cultivo de árvores frutíferas.
- Área de serviços dos Ogãs⁸;
- Vestiário;
- Lavanderia;
- Roncó, Atinças e Ojubós (locais específicos do complexo templário de máxima sacralidade, de acesso restrito);
- 3 banheiros.
- Acessos para cadeirantes.

Na figura 30, é possível observar que ao lado da casa do Sacerdote, há um terreno de 300 m², que se encontra vazio e que a comunidade está buscando anexar ao patrimônio por meio de compra e posterior fusão de terrenos. Nele, pretendo construir uma série de espaços que darão mais conforto e operacionalidade às atividades cotidianas do Ponto de Cultura Axé Obatalá:

- Sala administrativa da Editora Barlavento;
- Sala da administração geral do Ponto de Cultura
- Museu e Galeria de Arte Africana e Afro-Brasileira de Ituiutaba;
- Copa;
- 2 banheiros;
- 2 quartos de hóspedes;
- Biblioteca e Centro de Documentação;
- Acesso para cadeirantes.

Na Praça dos Orixás (figura 29) há uma área cimentada circular que foi instalada para a realização de atividades culturais, eventos sociais, alguns rituais sob céu aberto e a recreação das crianças durante as atividades da Brinquedoteca.

⁷ Falarei da Editora Barlavento mais adiante.

⁸ Ogãs são os homens que exercem a função de paternidade comunitária. Cuidam da manutenção do espaço, assim como marcenaria, carpintaria, cuidados com as criações, segurança e serviços mais pesados.

Figuras 28: Sede da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá.



Figura 29: Praça dos Orixás (espaço público) localizada nos fundos do espaço privado.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 30: Ponto de Cultura Axé Obatalá



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura Axé Obatalá (2025).
Elaboração do autor.

Como se vê, o complexo, além de ser um espaço para reuniões de um grupo religioso (Axé Obatalá), é ainda o lugar da cultura na periferia sudoeste da cidade. No local, realizamos festejos populares e religiosos, além de atividades ligadas à Capoeira e à Educação Popular, como é o caso do Projeto “Caburé” (educação infantil afro-centrada), Projeto “Plantando Axé” (ensino religioso afro-centrado para a comunidade) e os premiados projetos de “Estágios de Vivência”, no qual ofertamos formação continuada para professores da Educação Básica em um espaço afro-religioso na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais. Ao todo, são mais de 2.000m² de área de uso comunitário.

A vivência cultural é uma proposta de formação continuada idealizada pelas professoras Luciane Dias, Mical de Melo Marcelino, Cida Sato e por mim. Somos todos professores do ICHPO/UFU, sendo eu da Geografia e minhas colegas são todas da Pedagogia. Em 2025, o Prof. Antônio Oliveira Junior, também do curso de Geografia, se juntou ao grupo e inclusive será o coordenador da edição de 2026. Quando possível, o Prof. Saul Moreira Silva também colabora muito.

A vivência cultural consiste em uma programação que se inicia às 8 horas da manhã e se estende até as 17 horas. Neste período, os professores e graduandos podem conhecer o território, sua história e seus frequentadores. Em seguida, serve-se um café da manhã e na sequência iniciamos as atividades formativas. Em nossa primeira experiência, trabalhamos os valores civilizatórios afro-centrados e, na segunda, trabalhamos com a musicalidade, a dança e as expressões corporais como formas de arte e resistência cultural.

Durante esse dia, os participantes podem conviver com a comunidade receptora desde seus valores e formas de organização e, assim, contribuimos para reduzir o preconceito religioso, pois os visitantes entendem com as vivências culturais, que o espaço terreiro é muito mais que o *locus* da religião. É ambiente de convivência, de resistência, de fazer cultura, de acolhimento, de relações afetivas, de luta política, de ensinar e aprender, entre outros aspectos.

É interessante ressaltar que muitos professores e graduandos chegam ao local com muito medo, pois esperam ver imagens diabólicas no local, assim como animais mortos e oferendados. Imaginam cenas macabras e pessoas manifestando espíritos malignos. Após alguns minutos, depois que caminham pelo templo, o medo se dissipa, pois fica claro para eles que tudo isso não passa de um discurso historicamente construído para demonizar as tradições negras. As figuras 31 a 38 mostram cenas das atividades da vivência de 2022, que trabalhou a musicalidade e a dança como traços da cultura afro-brasileira.

Figuras 31 a 38: Imagens da última turma de professores capacitados pelo Projeto Vivência Cultural.



Fonte: Acervo do autor (2022).

O Ponto de Cultura Axé Obatalá possui toda infraestrutura para acolher até 100 professores, acomodá-los e alimentá-los. Para além de ser um espaço de memória, de ancestralidade, de cultura e religiosidade, é também um museu vivo. Há no espaço objetos de uso cotidiano que remonta as tradições negras de quilombos e senzalas. Tais objetos podem ser manuseados e entendidos em suas distintas funções no tempo e no espaço. São quadros, pilões centenários, objetos de cozinha, roupas, instrumentos musicais, artefatos sagrados etc. Após a vivência cultural, os professores são incentivados a realizarem ações em suas escolas, aplicando nelas elementos que aprenderam na vivência cultural (figuras 39 a 42). Não se trata de falar de religiosidade nas escolas, mas sim, do caráter cultural dos terreiros de Umbanda e Candomblé. Ressaltamos sempre que os territórios sagrados são multifacetados e complexos e o que esperamos, é que os professores entendam na prática essa complexidade e, ao chegarem nas escolas, desconstruam estereótipos preconceituosos e racistas associados a essas religiões.

Figuras 39 a 42: Intervenção na escola, após a formação no espaço terreiro, na perspectiva do antirracismo, em cumprimento à Lei 10.639/2003.



Fonte: Acervo do autor (2022).

O Projeto Estágio de Vivência foi coordenado por mim e pela Profa. Mical de Melo Marcelino, entre 2019 e 2024. Agora, em 2025, a coordenação se ampliou com a chegada de professores como o Dr. Antônio Oliveira Júnior, o Prof. Colignon Junio Freitas Portuguez e a equipe pedagógica do terreiro, formada por cerca de 5 pedagogos e licenciandos em Pedagogia. A ação se encaminha para sua quarta edição e, vale ressaltar, recebeu por duas vezes (2022 e 2024) o “Prêmio Paulo Freire de Atividades Extensionistas da Universidade Federal de Uberlândia”, sendo

considerado um dos mais exitosos projetos de educação antirracista da Universidade (figuras 43 e 44).

Figuras 43 e 44: Prêmio Paulo Freire de Atividades Extensionistas, PROEXC/UFU, concedidos por duas vezes ao Projeto Vivência Cultural. Imagens das edições de 2022 e de 2024.



Fonte: Acervo do autor (2022 e 2024).

Em 2025 obtivemos uma grande vitória: o Conselho Municipal de Cultura (CMC) de Ituiutaba aprovou por unanimidade, depois de muita luta nossa, o registro do Axé Obatalá como primeira casa de religiosidade de matriz africana a tornar-se “Patrimônio Cultural Imaterial de Ituiutaba”. O Decreto Municipal que reconhece a decisão do CMC já seguiu para o Gabinete da Prefeita para assinatura. Ainda em 2025, essa mesma instituição foi registrada pelo Ministério da Cultura como “Ponto de Cultura”;

Um *Ponto de Cultura* é uma iniciativa ou coletivo cultural da sociedade civil, sem fins lucrativos, reconhecido pelo governo brasileiro (MinC - Ministério da Cultura) como parte da “Política Nacional de Cultura Viva” para desenvolver ações culturais nas comunidades, promovendo a difusão, formação e preservação cultural, funcionando como um polo de atividades como música, dança, teatro, e artesanato, articulando redes e recebendo apoio institucional e financeiro. O Axé Obatalá logrou tal distinção participando do Edital Municipal que gerou o cadastro municipal de Pontos e Pontões de Cultura (2025).

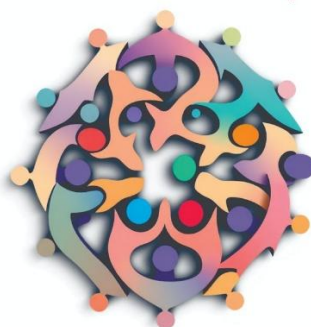
Um *Pontão de Cultura* é uma entidade ou coletivo cultural selecionado pelo MINC para articular, apoiar e fortalecer a Rede Cultura Viva, atuando como um polo de mobilização, formação e gestão compartilhada para diversos Pontos de Cultura em uma região, temática ou identidade específica, promovendo a cultura de forma descentralizada. Eles recebem fomento para coordenar

ações de mapeamento, capacitação e ampliação da rede, visando a gestão democrática da política cultural. E é exatamente nisso que o Axé Obatalá pretende se transformar até 2027: um pontão de cultura.

Para tanto, criei em 2025 o *Projeto Famora*⁹, *Coletivo de terreiros e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana*, que possui atualmente ação efetiva em três municípios do Pontal do Triângulo Mineiro: Ituiutaba, Iturama e Capinópolis, com expansão prevista para Uberaba e Uberlândia. O Coletivo conta ainda com a participação de uma comunidade de terreiro localizada em São José do Calçado (ES). O objetivo do Coletivo é unir comunidades religiosas tradicionais de matriz africana em projetos de captação de recursos em editais públicos e apoiar a regularização documental e fundiária das mesmas, além de denunciar e apoiar juridicamente casos de intolerância, levando os agressores à justiça.

Figura 45: Identidade visual do Projeto Famora.

«PROJETO FAMORA»



COLETIVO DE TERREIROS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA

Fonte: Acervo do autor (2025).

Nos últimos anos temos atuado muito frequentemente em escolas da Educação Básica, pois é nesses espaços que temos observado o maior volume de ataques à liberdade religiosa, incluindo atitudes inadequadas por parte de professores. Para minimizar os efeitos perversos da intolerância religiosa, tenho realizado, em parceria com o Ponto de Cultura Axé Obatalá e UFU, uma série de intervenções culturais nos ambientes escolares (figura 46) para mostrar que os terreiros, para além de espaços religiosos, são territórios de resistência cultural dignos de respeito. Discutimos, ainda, o caráter criminoso da intolerância religiosa.

⁹ O termo *famora* tem origem na língua Ioruba e significa “abraço”, “abraçados” ou “de braços dados”.

Figura 46: Um exemplo de intervenção ocorreu no Colégio Tonico Franco, em 2024. Outras escolas também receberam projetos de sensibilização contra a intolerância Religiosa.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Ao falarmos de meus projetos de extensão, detalharei melhor uma série de ações que tenho empreendido em escolas e em outros espaços culturais.

Em 2014, por meio do Ponto de Cultura Axé Obatalá, propus a criação de um parque urbano que protegesse o Córrego da Grotta (ou Córrego dos Barus) entre os bairros Camilo Chaves, Cidade Jardim e Lagoa Azul II. A proposta do parque traria proteção não só para a mata ciliar, mas também da área de compensação ambiental do Loteamento Cidade Jardim, onde a população local estava descartando lixo. Outros propósitos do Parque seriam: realização de ações de educação ambiental e delimitação de uma área para que religiosos de matriz afro-brasileira possam realizar seus rituais na natureza (batismos, oferendas, ritos iniciáticos etc.) com segurança e zelo pelo espaço¹⁰.

A Área para a qual propusemos a criação do Parque dos Barus (figura 47) corresponde à mata ciliar do Córrego da Grotta, que atualmente faz parte de uma propriedade rural localizada na borda sudoeste da cidade e a área de compensação ambiental do loteamento Residencial Cidade Jardim. Essa área tem hoje a aparência de um pasto abandonado, pois já conseguimos remover o lixo e cercar a área para impedir usos inadequados (figuras 47 a 49).

Figuras 47: Área para a qual o parque foi proposto.

¹⁰ Consegui fazer com que este pleito fosse inserido como demanda popular por ocasião da atualização do Plano de Desenvolvimento Municipal, mobilizando os terreiros da cidade em uma reunião com a equipe planejadora na Fundação Zumbi dos Palmares. Porém, o pedido não foi atendido e seguimos na luta pela criação de uma área de uso sustentável onde ritos na natureza sejam permitidos.



Figuras 48 e 49: Limpeza e cercamento da área de interesse ambiental



Fonte: Acervo ao autor (2014)

Em 2015, com o apoio de alunos do curso de Geografia da UFU e comunidade do entorno, fizemos a limpeza da área, que estava com uma quantidade exorbitante de lixo. Cercamos a borda leste da área de compensação ambiental do bairro Cidade Jardim com cerca e tela doadas por empresários locais. Isso, além de ter resguardado a área de invasões e descarte inadequado de lixo, nos possibilitou pleitear sua proteção ambiental junto aos planejadores do Plano de Desenvolvimento Municipal da Prefeitura de Ituiutaba (figuras 50 e 51).

Figura 50 e 51: Líderes religiosos de matriz africana mobilizados por mim, solicitando a proteção da mata ciliar do Córrego da Grota e criação de área para culto na natureza junto à equipe de planejamento do novo PDM.



Fonte: Acervo ao autor (2014)

Também atuo na defesa da população LGBTQIAPN+, porém exclusivamente no contexto religioso, no âmbito da *Comunidade Tobi Ode Kole*, com sede em Uberaba, a partir da qual tenho me posicionado contra a homofobia, mas também em favor de mais respeito e oportunidades para pessoas transgêneras em espaços religiosos e não religiosos.

A comunidade Tobi Ode Kole é formada pela casa matriz, cuja comunidade localizada em Uberaba reúne cerca de 300 pessoas e, ainda, aproximadamente 15 outras comunidades de axé (consolidadas ou em consolidação) localizadas nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo. Minha atuação se dá por meio de uma agenda de eventos, palestras e produção de textos, que são levadas a público pela Diretoria para a Promoção da Igualdade de Gênero do Ponto de Cultura Axé Obatalá.

Por fim, creio que podemos nos concentrar na minha atuação como docente atuante em espaços formais e não formais de educação. Tenho sempre o cuidado de não fazer militância em sala de aula por ocasião de minhas aulas no curso de Geografia. Entendo que o melhor caminho para mobilizar os alunos e colegas professores seja por meio de Projetos de Extensão.

Neste sentido, tenho atuado em favor da popularização da educação, da ciência e da produção literária, tendo fundado em 2013 a Editora Barlavento, vinculada ao Ponto de Cultura Axé Obatalá com sede em Ituiutaba. A Editora Barlavento é uma organização de caráter comunitário, sem fins lucrativos, que publica livros acadêmicos e de literatura para acesso amplo, gratuito e irrestrito (www.editorabarlavento.com.br). Até o momento, são mais de 100 obras disponibilizadas (tabela 1) para *download* em sua página *web* e pelo menos outras 10 se encontram em fase de produção. Na figura 52, vê-se a logomarca da Editora.

Figura 52: Logomarca da Editora Barlavento



Fonte: www.editorabarlavento.com.br

Editora Barlavento
 Editor-Chefe: Profa. Dr^a. Mical de Melo
 Marcelino.

CNPJ: 19.614.993.0001-10
 Prefixo editorial: 87563/ Departamento
 editorial do Ponto de Cultura Axé Obataláse
 Babá Olorigin.
 Rua das Orquídeas, 399, Residencial Cidade
 Jardim, CEP 38.307-854, Ituiutaba, MG.
barlavento.editora@gmail.com
 Telefone (34) 9.9689-3822

Tabela1: Acervo por área publicado pela Editora Barlavento entre 2014 e 2024.

Área de Conhecimento	Obras publicadas
Ciências da Saúde	1
Ciências Exatas e da Terra	9
Ciências Humanas	67
Ciências Sociais Aplicadas	25
Linguística, Letras e Artes	2
Multidisciplinar	4
Total	108

Fonte: Dados do catálogo de publicações da Editora Barlavento. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/> Acessado em 10/01/2026. Organização do autor (2026).

Com muito orgulho, lhes conto que fiz pessoalmente quase todas as capas dos livros (mais de 100 delas) e fiz a formatação de dezenas dessas obras. Destaco ainda minha contribuição como autor e organizador de livros nas seguintes coleções: Ciências da Religião, Turismo, Geografia e Meio Ambiente e Educação.

No chão do Ponto de Cultura Axé Obatalá tenho desenvolvido a maior parte de minhas ações em favor da educação. Para além dos estágios de vivência (já descritos) e da Editora Barlavento, o espaço é constantemente visitado por universidades regionais em visitas técnicas, para que os alunos de licenciaturas diversas possam conhecer um ambiente afro-centrado e, assim, superar seus medos e preconceitos. Há uma equipe qualificada no local para a recepção dessas visitas. Geralmente as visitas são guiadas pelo Babá Kekerè Colignon de Oxumarê¹¹, que é professor e que se encarrega de conduzir o acolhimento dos grupos.

¹¹ O cargo de Babá Kekerê indica que a pessoa é a senda maior autoridade da comunidade, estando abaixo unicamente do Babalorixá, o sacerdote supremo. Babá Colignon é licenciado em Geografia, Licenciado em Letras Português/Espanhol e possui pós-graduação Lato Sensu em Africanidades e Cultura Afro-Brasileira.

A primeira visita (figura 53) ocorreu logo após a construção do salão cerimonial em 2014, quando a casa ainda estava em obras. Depois disso, professores e alunos da Educação Básica, do Instituto Federal de Educação de Ituiutaba, da Universidade do Estado de Minas Gerais, da UFU de Faculdades privadas de Ituiutaba e região, fazem visitas constantes e, inclusive, algumas desenvolvem projetos e pesquisas em parceria (figura 54).

Figuras 53 e 54: Visitas guiadas ao Ponto de Cultura Axé Obatalá (2014 e 2023).



Fonte: Acervo do autor (2014 e 2023).

Por fim, lhes conto que ocasionalmente tenho participado como apoiador ou como voz acadêmica em movimentos de defensores dos Direitos Humanos, de movimentos ambientalistas, de grupos de defesa dos direitos dos povos originários e de grupos de combate à violência contra as mulheres.

3 MEU PAI ME DIZIA: “SÓ SE LEVANTA PARA ENSINAR QUEM UM DIA SE SENTOU PARA APRENDER”: RELATANDO MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Minha primeira opção de formação acadêmica foi Psicologia. Minha mãe me fez largar o trabalho por 6 meses para fazer o cursinho preparatório do vestibular concomitantemente ao 3º ano do Ensino Médio. Fiz cursinho de manhã, 3º ano à noite e estudava em casa de tarde e de madrugada. O plano era fazer Psicologia, um dos cursos mais concorridos da UFES naquela época, ao lado de Direito, Medicina, Administração e algumas Engenharias.

Porém, no cursinho, fui completamente arrebatado pelas aulas do professor Francisco S. Morelato (figura 55). Ele era, sem economia de palavras, um fenômeno pedagógico: inteligente, divertido, dinâmico, crítico, polêmico, sarcástico e dominava um conhecimento enciclopédico assombroso. Apaixonei-me pelas aulas do professor e, ao mesmo tempo, odiei as aulas de Biologia (matéria essencial para o ingresso em Psicologia naquela época). Enquanto a Geografia me levava a viajar pelo pensamento crítico do Prof. Morelato, Biologia se mostrou chata, decorativa e sem graça. Como iria fazer provas discursivas de algo tão complexo e, ao meu sentir, desinteressante para mim naquele momento?

Figura 55: Professor Francisco Morelato.



Fonte: Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/memoriacapixaba>.
Acessado em 08/12/2025.

Conversei sobre as aulas dele com minha tia, Euridice, que se formara em Geografia pela UFES alguns anos antes. Contei-lhe que estava encantado com a didática e senso crítico do professor

e ela me sugeriu esquecer Psicologia e fazer o que me empolgava e, certamente, isso envolveria algum curso na área de Ciências Humanas.

O Professor Morelato foi meu primeiro ídolo acadêmico e até hoje sinto que levo traços das aulas dele em meu fazer pedagógico. Até hoje sou grato por ele ter me apresentado a Geografia de uma maneira tão apaixonante e densa.

3.1 Da graduação ao Doutorado: a Geografia como formação e o turismo como campo de interesse

Graduei-me em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1993. Entrei na UFES em agosto de 1990, em uma fase de transição das universidades brasileiras, pois a Ditadura Cívico-Militar havia se encerrado oficialmente poucos anos antes (1985) e a recém promulgada Constituição Cidadã de 1988 nos enchia de esperança de um Brasil melhor e mais justo.

Porém, os tempos de graduação foram bem difíceis. A gravíssima crise econômica do período imediatamente posterior à redemocratização (Governo de José Sarney, 1986-1990) fragilizou o ensino público e a chegada ao governo de Fernando Collor de Mello trouxe ainda mais desesperança, pois os fracassos dos planos econômicos por ele empreendidos desorganizou ainda mais a vida das famílias de classes populares. Na época, eu morava há pelo menos uma hora e meia de ônibus da Universidade, caso não houvesse trânsito. E para me manter, comecei a dar aulas de Geografia para o Ensino Fundamental em uma escola localizada no bairro de Jacaraípe (Serra, ES), a pelo menos 2 horas e meia de casa. Precisava pegar o primeiro ônibus do dia para chegar a tempo na escola, ou seja, acordava de madrugada, embarcava no coletivo às 4h40 para dar aulas às 7 horas. Isso durou mais de um ano.

Apesar das dificuldades, mergulhei na UFES de cabeça e a vivi intensamente. Fiz o curso de Geografia (que era de 4 anos) em apenas 3 anos e meio. Estudava de manhã, às vezes adiantava alguma disciplina nos demais turnos e dava aulas nos horários vagos. Nessa época, fui estagiário da Prefeitura Municipal de Vitória, onde trabalhei com o mapeamento de favelas para a implantação de políticas públicas de limpeza urbana. Fui monitor da disciplina Biogeografia, ingressei no movimento estudantil e presidi a Associação dos Geógrafos Brasileiros (Seção Vitória) por 2 anos.

Figura 56: Dra. Renata Diniz Ferreira.



Fonte: Disponível em:
[https://www.facebook.com/\(...\)d=10002670072](https://www.facebook.com/(...)d=10002670072)
 2094. Acessado em 08/12/2025.

Durante minha graduação, iniciei meus primeiros estudos na área de Geografia do Turismo sob a orientação da Profa. Dra. Renata Diniz Ferreira (figura 56). Ela fizera sua tese doutoral na USP - Universidade de São Paulo - sobre os manguezais da baía de Vitória e ministrava aulas de Biogeografia. Ela foi minha tutora em monitoria, me orientou em meu TCC e foi a grande figura de exemplo profissional de minha graduação.

Sob os cuidados dela, produzi meus primeiros textos derivados de meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o potencial turístico dos manguezais da baía de Vitória, trabalho esse que se tornou-se o primeiro estudo de Geografia do Turismo do Espírito Santo (1993). Profa. Renata era uma mulher forte, exigente e decidida. Com ela aprendi mais que Geografia Física, pois ela foi um exemplo de dedicação, liderança, ética e didática.

Logo após me formar (dezembro de 1993), ingressei no Curso de pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Escolar na FAESA - Faculdade Espírito-Santense de Administração, concluindo-o em 1994. Naquela época os cursos de Especialização eram diferentes dos tempos atuais. Os cursos eram presenciais, tinham sistemas avaliativos mais rigorosos e a carga de atividades era densa. Esse curso foi importante para eu me preparar para os dois passos futuros de minha carreira docente: entrar na UFES como professor substituto e entrar no Mestrado.

Em 1995, elaborei meu projeto de pesquisa para submissão à seleção de novos mestrandos do Departamento de Geografia da USP para o ano de 1996. Após as etapas de seleção, ingressei na USP para estudar sob a orientação da Profa. Dra. Adyr A. B. Rodrigues, maior nome da Geografia do Turismo no Brasil nos anos 1990.

Foi a professora Adyr Rodrigues quem sugeriu o tema de minha pesquisa. Inicialmente eu desejava estudar o turismo religioso em Anchieta (ES), onde o Santuário Nacional de São José de Anchieta figura como espaço de grande importância para o catolicismo capixaba. De acordo com a percepção dela, um estudo sobre o agroturismo resultaria em algo mais relevante naquele momento, pois além de ser uma atividade mais consolidada, até aquele período o turismo rural era algo pouco

estudado no Brasil e minha dissertação seria, de certo, a primeira a tratar do tema no país. A defesa ocorreu em 1998 (figuras 57 e 58) e em 1999 o texto foi transformado em livro pela editora Hucitec. A obra se esgotou em 3 meses e a editora lançou uma segunda edição com tiragem ampliada.

Ver meu nome na lista de autores da Hucitec ao lado de nomes como os Professores Doutores Milton Santos, Antônio Carlos Robert Moraes, Adyr Rodrigues, Manoel Correia de Andrade, Maria Adélia de Souza e tantos outros gigantes da Geografia foi, para mim, uma das maiores realizações de minha vida.

Figura 57: Dra. Adyr A. Balestreri Rodrigues, minha orientadora do PPG – USP.



Fonte: Acervo do autor (1998).

Figura 58: Defesa de mestrado, com a presença de minha mãe e de colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia da USP.



Fonte: Acervo do autor (1998).

Morei no Conjunto Residencial da USP por 2 anos, vivi intensamente o que foi possível da USP e de São Paulo. Digo “o que foi possível” porque não tive bolsa de estudos devido às crises econômicas da época. Além da minha orientadora, fui aluno de Grandes nomes da Geografia nacional como Prof. Dr. Milton Santos, Prof. Dr. Eduardo Yázigi, Profa. Dra. Ana Fani A. Carlos, Profa. Dra. Odete Seabra, Profa. Dra. Ivani Ribeiro, Prof. Dr. Felisberto Cavaleiro e, ainda, dialoguei sobre meu trabalho com os lendários professores Dr. Jurandyr Ross, Dr. Francisco Scarlato, Dr. Armando Correia e Dra. Iracy Palheta (que foi de minha banca).

Foi nessa época que conheci e me aproximei de nomes do Curso de Turismo como Prof. Dr. Mário Carlos Beni, Profa. Dra. Margarita Barretto, Prof.a Dra. Doris Huschmann, Profa. Dra. Marília Ansarah (que integrou minha banca de mestrado), Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo e outros. Esses são apenas de alguns dos mais lendários nomes do Turismo no Brasil, com os quais pude aprender e com alguns, cheguei a trabalhar ou publicar.

Em 1996, durante o Mestrado, a USP nos oportunizou aulas com professores europeus. Foi nessa ocasião que conheci o Prof. Dr. José Carpio Mertín, que lecionou uma disciplina sobre

“desenvolvimento local”, tema de seu interesse e que emergiria a partir de 1997 como enfoque central da Geografia do Turismo brasileira por mais de uma década. Fizemos grande amizade e conversamos sobre a possibilidade de eu ir para a Espanha para me doutorar sob a orientação dele na UCM - Universidad Complutense de Madri. Durante o ano de 1999, eu realizei as avaliações necessárias e tramitei toda a documentação junto ao Consulado da Espanha no Rio de Janeiro para obter o visto de estudante.

Em novembro de 1999, mudei para Madrid, alojando-me no *Colegio Mayor Casa do Brasil* no campus da UCM. Fiquei em Madrid por quase um ano para cumprir os créditos necessários antes de retornar para o Brasil e iniciar minha pesquisa.

A experiência de viver em outro país, em outro ambiente cultural, foi um desafio pessoal e profissional significativo, do qual grandes amizades surgiram e valiosas experiências foram vivenciadas. Entre 2002 e 2005, fui obrigado a trancar minha matrícula no Doutorado devido às dificuldades financeiras. Assim como no Mestrado, no Doutorado não consegui bolsa. Porém, mesmo licenciado por conta do trancamento, dediquei-me aos estudos em campo que deram origem mais tarde à minha tese doutoral.

Como o tempo de trancamento foi extenso, tive que solicitar nova matrícula para retornar aos estudos, fazer seleção e convalidar as disciplinas que já havia cursado. Em 2006, retornei como aluno regular no Departamento de Geografía Humana da Universidad Complutense de Madrid, momento em que passei a me dedicar com prioridade aos estudos doutorais.

Não tenho dúvidas, se não fosse o apoio incondicional do Prof. Dr. José Carpio Martín, eu não teria retornado aos estudos e terminado o Doutorado. Ele financiou meu retorno, pois sabia que eu não tinha interrompido a pesquisa. Ajudou-me financeiramente e ainda esperou mais de um ano para que eu juntasse o valor que ele me emprestara para finalizar meus estudos. Fez isso sem nunca me pedir nada em retorno. Ele é, sem dúvidas, a alma mais generosa que conheci no mundo acadêmico. Se estou aqui hoje, foi porque ele acreditou em mim e em minha pesquisa.

Impossível escrever essas linhas sem as lágrimas virem aos olhos. Eu estaria aqui hoje se ele não tivesse me ajudado? Não há palavras na língua portuguesa, nem espanhola, que me possibilite agradecer o suficiente a este homem. Ele é a prova viva de que há generosidade no mundo.

As figuras 59 e 60 são de abril de 2010, quando me doutorei em *Geografía y Desarrollo: Territorio Sociedad y Turismo* pela UCM, apresentando uma pesquisa em dois volumes (*Trabajo de Investigación e Tesis*), que juntos somam mais de 1.100 páginas escritas em espanhol. O *Trabajo de Investigación* foi defendido em 2008 com 416 páginas e, por sua vez, a tese doutoral foi defendida com 615 páginas. Na pesquisa abordei o entrecruzamento entre os conceitos de desenvolvimento local e estratégias de sobrevivência de comunidades tradicionais. Empiricamente trabalhei com 5 comunidades de pescadores localizadas no município de Linhares, todas na planície costeira do baixo rio Doce: Regência, Povoação, Degredo, Pontal do Ipiranga e Barra Seca.

Figura 59: Dr. José Carpio Martín e eu, no dia de minha defesa de Doutorado.



Figura 60: Banca examinadora da tese doutoral, Universidad Complutense de Madrid



Fonte: Acervo do autor (2010).

Foi a única tese de Geografia defendida no Departamento de Geografia Humana da UCM em 2010 e recebeu da banca avaliadora a mais elevada avaliação da academia espanhola (*Sobresaliente “Cum Laude”*), sendo inclusive indicada a prêmios nacionais e internacionais. De volta ao Brasil, a pesquisa foi transformada no livro *Geografía Humana del Bajo Río Doce*, publicado pela Editora Assis (de Uberlândia) em 2010 e, posteriormente, pela Editora Barlavento (2 ed. Ituiutaba, 2013).

3.2 Ampliando horizontes no campo da cultura, da religiosidade popular e das tradições afro-brasileiras

Entre 1992 e 2014, a minha produção foi quase que exclusivamente voltada para a Geografia do Turismo. Porém, em 2010, ao chegar em Ituiutaba, percebi que a temática teria que ser ampliada para outros campos de análise da Geografia. De repente me vi em uma cidade estranha, em um ambiente de Cerrado, com clima e paisagens muito distintas de meu litoral quente, úmido e vibrante. Na Grande Vitória, o turismo era meu tema de estudos, de orientações e de produção intelectual. Agora, no Cerrado, me vi diante de outras dinâmicas espaciais que norteavam as pesquisas em escala local.

Ituiutaba não é uma cidade de projeção no cenário turístico, mas possui uma característica de diversidade cultural que dialoga com o turismo de forma muito direta. Aos poucos me vi desafiado a repensar meu campo de pesquisa e a alarga-lo para abarcar temáticas locais. As demandas do curso de Geografia da UFU (Campus Pontal) me levaram a entender que eu estava diante de uma configuração socioespacial dominada por uma ruralidade diferente da que eu estava acostumado a pesquisar e isso me levou a uma crise existencial profunda. Fiquei com medo de não ser capaz de fazer um trabalho relevante e de qualidade.

Como já lhes contei, o meu processo de enraizamento em Ituiutaba passou pela minha inserção no cenário cultural local. A partir de 2013, fui me aproximando cada vez mais dos movimentos sociais da cidade e região. Vi de perto o quanto a questão negra é séria na cidade e, como uma pessoa branca aliada do movimento negro, decidi dar a minha contribuição por meio da criação de projetos, de publicações, estudos, eventos e debates voltados para questão negra e a cultura afro-brasileira.

Volto a afirmar que não abandonei o campo da Geografia do Turismo, no qual mantenho produção até o tempo presente. O que ocorreu foi um alargamento consciente de meus interesses para além do turismo, para abarcar temas de interesse do curso e de meu interesse pessoal no novo contexto de trabalho (UFU) e de vida (Ituiutaba).

Por volta de 2013-2014, surgiu no curso de Geografia a necessidade de se trabalhar as disciplinas de Geografia Cultural e Geografia da Religião e a questão das relações étnico-raciais entrou na grade curricular do curso como componente obrigatório. Pareceu-me lógico, então, que eu deveria estudar mais para lidar com essas novas áreas do saber geográfico. Por mais que os temas me fossem familiares, eu senti que não possuía profundidade conceitual para trabalhar com tranquilidade. Decidi voltar a estudar para me sentir confortável ao ministrar as seguintes disciplinas:

- Geografia Cultural (optativa da grade antiga),
- Geografia Cultural, Humanística, Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos (disciplina obrigatória do 6º período – grade vigente) e
- Geografia da Religião (disciplina optativa).

Em outras palavras, estávamos convenientemente resolvendo dois problemas concomitantes: a necessidade de cobrir as lacunas docentes do curso de Geografia nas áreas de cultura, religião e relações étnico-raciais e, no plano pessoal, o despertar de meu interesse pela questão da religiosidade negra. Juntando uma demanda com a outra, passei a trabalhar com profunda empolgação nas disciplinas citadas. Matriculei-me em diversos minicursos que abordavam temas como: racismo, formação social do Brasil, estudos africanos e afro-brasileiros, estudos indígenas e temas de interesse da Geografia Cultural e Geografia da Religião. Em 2017, parti para o pós-doutorado para efetivamente me preparar para os novos desafios por meio de uma pesquisa mais ampla e estruturada.

Fui aceito para pós-doutoramento na área de Geografia Cultural/Geografia do Sagrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UnB – Universidade de Brasília, onde me vinculei como pesquisador ao Laboratório de Análises Territoriais. Nessa ocasião, fui supervisionado pelo estimado colega, Prof. Dr. Luiz Fernando de Araújo Sobrinho (figura 61).

Figura 61: Prof. Dr. Fernando
Luiz Araújo Sobrinho



Fonte: <https://lattes.cnpq.br/>.
Acessado em 12/12/2025.

Com o Prof. Luiz Fernando produzi um estudo que uniu a teoria da Geografia Cultural com a temática da religiosidade tradicional de matriz africana. Nasceu desta experiência, a obra *“Espaço sagrado, fé e ancestralidade de uma comunidade umbandista de Capinópolis”* (Editora Barlavento, 2018). Trata-se de um estudo sobre uma das mais antigas comunidades de axé do Pontal do Triângulo Mineiro, com mais de 80 anos de existência.

Aí veio a covid-19 e, com ela, instaurou-se a sombra gélida da sensação de finitude produzida, talvez, pelo medo da morte. A vida de nós todos foi revirada de maneiras que, creio eu, ninguém jamais imaginara.

No ano de 2020, o mundo parecia ter congelado por conta da pandemia da covid-19. A situação de isolamento social provocou profundas mudanças na nossa cotidianidade e nos desafiou a viver com uma “nova normalidade” que nos afeta até os dias de hoje nas universidades públicas. Em outras palavras, estou dizendo que a UFU, em um primeiro momento, cancelou as aulas, suspendeu o calendário e reuniões virtuais foram realizadas para definir as formas de funcionamento da instituição durante o isolamento social. Instituiu-se, assim, um estado provisório de trabalho e aulas pela internet, o que nos permitiu seguir trabalhando e estudando desde nossas residências.

Do ponto de vista do trabalho docente, me adaptei muito rápido ao sistema e à situação, o que resultou em um replanejamento de formas de trabalhar. Senti muita falta de fazer atividades de campo, tanto em situações de ensino, quanto de pesquisa e extensão. Senti falta das pessoas com as quais tinha mais afinidade, senti falta do contato com os alunos e as alunas e, ainda, dos eventos presenciais. Porém, por outro lado, passei a ter mais tempo livre, o que me possibilitou intensificar os estudos sobre temas relacionados aos Direitos Humanos, Relações Étnico-Raciais, cultura, estudos indígenas, estudos africanos e afro-brasileiros, entre outros.

Em todo o mundo, em especial no Brasil, ocorreu a proliferação de cursos, minicursos e capacitações *online*. Vários professores passaram a oferecer conteúdos muito interessantes por meio

de capacitações de curta duração e eu aproveitei para saber mais sobre temas de meu interesse. Durante a pandemia, os cursinhos online se transformaram em uma maneira útil de me manter ocupado, agregar conhecimentos e superar a dor e o desespero de ver amigos e parentes morrendo.

Perdi muitos conhecidos, como meu amigo e ex-professor Miguel Angel Tritiño (UCM) e parentes, como meu tio Jaci Carvalho Pereira. Foram vários sepultamentos nos quais não pude ir para dar o último adeus a pessoas com as quais construí fortes relações de amor, de amizade e parceria. E para agravar ainda mais tudo isso, eu mesmo me contaminei em algum mercado da cidade em janeiro de 2022. Passei muito mal sozinho em casa, rezando para não precisar ser internado e entubado. Fiquei muito fraco, febre alta, dificuldade para respirar e dormir. No momento do auge da doença, a febre era tamanha que entrei em delírio por horas. Longe da família e isolado dos amigos, vivi dias de dúvidas e ansiedade. Manter a mente ocupada foi, para mim, uma forma de manter a sanidade.

Em meados de 2022, quando ocorreu o arrefecimento da pandemia, a vida social foi gradativamente retomada, mas não mais como antes. Até os dias atuais, o calendário da Universidade Federal de Uberlândia encontra-se em fase de readaptação. Os eventos presenciais diminuíram, sendo substituídos pelos encontros virtuais, semipresenciais ou concomitantes; as bancas de TCCs, dissertações e teses passaram a ocorrer por meio de aplicativos e programas de reuniões *online*; o volume de matrículas na Universidade reduziu-se drasticamente. Enfim, ainda hoje vivemos com as sequelas físicas, emocionais e sociais da covid-19.

Foi nesse contexto que alguns amigos e parentes quiseram aproveitar o isolamento social para fazer cursos de línguas ou graduações. Até minha mãe, com quase 80 anos, sentiu-se empolgada a voltar a estudar, dedicando-se ao aprendizado do idioma coreano junto com minha irmã. Em Ituiutaba, amigos próximos quiseram aproveitar o aumento dos cursos EAD (Ensino à Distância) para cursarem suas faculdades. Para incentivá-los eu entrei com eles na aventura, aproveitando para me graduar em uma área de profundo interesse: Licenciatura em Ciências da Religião.

Preocupe-me, antes, em verificar a legalidade dos cursos, pois temia investir em formações que não tivessem reconhecimento legal. Após uma busca atenta na Internet, entendi que a “segunda licenciatura” no Brasil é regulamentada principalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB - Lei nº 9.394/96) e, de forma mais específica, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) emitidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologadas pelo Ministério da Educação (MEC). A operacionalização dos cursos, cargas horárias, estágios e regras

específicas foram definidas a partir da promulgação da Resoluções CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015¹².

A “segunda licenciatura” é uma modalidade de graduação prevista em lei, de curta duração (12 a 24 meses), destinada a professores portadores de diploma de uma primeira licenciatura cursada em sua integridade, e que deseja obter uma nova habilitação para lecionar uma outra disciplina. A formação em segunda licenciatura foca-se na prática docente e na oferta de disciplinas específicas da nova formação, dispensando disciplinas similares e pedagógicas já cursadas. Quando a segunda licenciatura é feita na mesma área do conhecimento da primeira licenciatura, a carga horária deve ser de no mínimo 1.200 horas. Quando em outra área do conhecimento, a carga horária mínima sobe para 1800 horas. Em todos os casos, é obrigatório o cumprimento de no mínimo 300 horas de estágio (prática docente).

Procurei por algumas universidades que oferecessem segundas licenciaturas em Ciências da Religião, mas em geral, observei que os cursos eram muito pautados nas matrizes abraâmicas e isso não me despertou interesse. Por sua vez, o Centro Universitário Cidade Verde (Unicv¹³)¹⁴, polo de Mundo Novo (MS), onde eu e os meus familiares nos matriculamos em 2024, oferecia uma grade curricular mais plural, o que incluía estudos sobre a religiosidade dos povos originários do Brasil, matrizes africanas e religiosidade afro-brasileira.

Concluí a Licenciatura em Ciências da Religião em 2025. Devo confessar que fiquei bastante surpreso com os novos conhecimentos. Não se pode negar que os cursos EAD são limitados. Porém, como sou bastante disciplinado, passei a buscar periódicos que publicam temas afetos às Ciências da Religião, assim como formar uma biblioteca particular que me permitiu acessar os autores clássicos, ler temas emergentes e me aprofundar nos estudos da religiosidade popular. Porém, essa nova graduação me trouxe uma possibilidade importante para além da Universidade Federal de Uberlândia: a atuação como educador religioso extensionista em ambientes de militância e em comunidades.

¹² Recentemente, o MEC divulgou a Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, que reformulou Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de profissionais do magistério, incluindo cursos de segunda licenciatura. O MEC também editou o Decreto nº 12.456, de 19 de maio de 2025 e a Portaria MEC nº 378/2025, que estabelecem regras específicas sobre a oferta, carga horária e percentual de atividades presenciais para cursos de licenciatura, inclusive na modalidade Educação à Distância (EAD). Esclareço, porém, que os novos dispositivos não se aplicam aos meus diplomas emitidos pela Unicv, pois ambos os cursos de graduação foram concluídos antes da vigência efetiva das novas normas ministeriais.

¹³ Estudei em duas instituições com mesma sigla. Para diferenciá-las, estou utilizando a forma Unicv para Centro Universitário Cidade Verde e a forma UNICV para Universidade de Cabo Verde.

¹⁴ O Centro Universitário Unicv foi reconhecido pelo MEC e autorizado a funcionar pelas Portarias SERES/MEC nº 330, que autoriza a oferta de cursos superiores na modalidade EAD e a Portaria MEC 1.095, de 25/10/2018, que trata da consulta pública de diplomas digitais.

Mesmo antes de me graduar em Ciências da Religião, eu sempre procurei registrar todas as minhas ações educativas extraclasse no SIEEX (Sistema de Informação de Extensão da UFU). Agora que concluí essa nova formação, sinto que acessei leituras e estudos mais aprofundados sobre o fenômeno religioso e que posso contribuir de forma mais adequada com os movimentos sociais e nos projetos que integram a UFU com a sociedade ituiutabana.

A formação em Sociologia (Licenciatura) seguiu a mesma lógica e ocorreu parcialmente em paralelo à formação em Ciências da Religião. Matriculei-me em 2025 nesse curso e o concluí em fevereiro de 2026, também na Unicv, que me ofereceu uma bolsa integral de estudos. Não perdi a oportunidade, afinal de contas, eu estava recebendo uma bolsa de estudos pela primeira vez em minha vida e poderia escolher entre os cursos de Sociologia ou Filosofia. A escolha da Licenciatura em Sociologia deveu-se, como já dito, ao meu interesse nos movimentos sociais.

A Geografia sempre foi e segue sendo a ciência que me norteia. Porém o mergulho que fiz nas ações extensionistas após 2014 trouxeram desafios altamente complexos e eu me vi operando conceitos e discussões para os quais eu não me sentia preparado. Por isso quis estudar. Minhas licenciaturas em Ciências da Religião e Sociologia têm ajudado meu trabalho na UFU, pois hoje me sinto mais preparado para as aulas, orientações, projetos de extensão e projetos integrados de pesquisa.

3.3 Um sonho tornado realidade: um pós-doutoramento sobre a África, em território africano

Atualmente estou realizando um sonho que tenho desde o início dos anos 2000: fazer algum tipo de curso no continente africano. Ainda na Universidad Complutense de Madrid conheci amigos que me convidaram para estudar na Colômbia, no México e em Angola. Desses convites, o de estudar na África sempre foi o que mais me interessou, afinal de contas seria a oportunidade de ver de perto o continente de onde veio a matriz cultural que deu origem à Umbanda e ao Candomblé, religiões pelas quais me interesso desde a infância.

Ao longo do ano de 2025 tramitei a proposta de projeto de pesquisa de estágio pós-doutoral no formato de cooperação acadêmica entre o Curso de Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - UFU e o Programa de Pós-Graduação (Doutoramento) em “Gestão da Economia Rural e Agricultura Inteligente” da Universidade de Cabo Verde (UNICV). A área de concentração chama-se “Estudos Africanos” e encontra-se vinculada à Linha de pesquisa intitulada “Economia, Desenvolvimento Rural, Ambiente e Sustentabilidade”.

Figura 62: Profa. Dra. Maria de Lourdes
Silva Gonçalves



Fonte: Disponível em:
<https://www.facebook.com/>. Acessado em
12/12/2025.

Nesta ocasião, estou trabalhando sob a supervisão da Profa. Dra. Maria de Lourdes Silva Gonçalves (figura 62), coordenadora do Programa de Pós-Graduação da UNICV. Em Cabo verde, tenho realizado trabalhos de campo nas Ilhas de São Thiago e do Fogo, além de palestras para estudantes de graduação e pós-graduação, incluindo o curso de Geografia. Também realizei pesquisas em bibliotecas e centros de documentação do período colonial em Lisboa, Portugal.

Nos últimos anos, o ensino de Geografia da África tem ganhado fôlego na estruturação das grades curriculares nos cursos de graduação em Geografia no Brasil, sobretudo na condição de disciplina optativa. Uma análise exploratória dos poucos planos de ensino disponíveis na internet me mostrou que o continente africano é frequentemente abordado desde prismas eminentemente eurocentrada da Geografia. Ainda que as abordagens sejam críticas, os programas de ensino de Geografia da África no Brasil não costumam levar em consideração os trabalhos produzidos pelos geógrafos africanos, o que resulta em um olhar estrangeiro sobre a África.

Desta maneira, decidi analisar os planos de ensino da disciplina "Geografia da África" em diferentes universidades de países africanos (sobretudo os lusófonos) e do Brasil, para compreender as bases da composição curricular do estudo do continente africano e as principais estratégias didático-pedagógicas apresentadas nesses documentos. Desta maneira, poderemos entender se o “olhar eurocentrado” e o “olhar do geógrafo nativo” enxergam a mesma geografia africana e, se forem diferentes, em que medida se diferem.

Para tanto, realizaremos análise documental, mapeamento das universidades que ensinam Geografia da África no Brasil e na África lusófona e revisão de literatura. Como resultado, pretendemos apresentar:

- Mapas localizando as universidades brasileiras e africanas que ensinam Geografia da África em língua portuguesa.
- Um balanço dos planos de ensino disponíveis, mostrando uma análise comparativa dos conteúdos e das estratégias didático-pedagógicas adotadas em cada universidade e
- Um texto onde eu possa elencar aspectos que podem ser levados em consideração para que o ensino de Geografia da África seja pensado desde o prisma dos professores africanos, o que inclui ampliar a utilização de autores daquele continente.

O pós-doutoramento em Cabo Verde tem a duração de 6 meses. Iniciou-se em janeiro de 2026 e se estenderá até 30 de junho deste mesmo ano. Não tenho bolsa, pois desde que iniciei a tramitação do processo nas duas universidades, não saíram editais para contemplar pós-doutoramento de professores não vinculados à pós-graduação. Todos os custos correm por minha conta e decidi não pedir afastamento, pois meus compromissos na Universidade são muitos e não gostaria de me ausentar deles neste momento. Quanto às viagens para Portugal e Cabo Verde, decidi fazê-las durante minhas férias.

3.4 Como dizia o prof. Morelato: “*camarão que dorme a onda leva*” - formação complementar e formação continuada

Desde os tempos da graduação na UFES, nas aulas do saudoso professor Miguel A. Kill (Prática de Ensino), aprendi que a atualização dos conhecimentos tecnológicos e a formação pedagógica continuada são processos extremamente necessários para assegurar a qualidade do (e no) trabalho de professores de todos os níveis da educação.

Vivemos em um momento da humanidade no qual tudo ocorre rápido demais e, se não nos atualizarmos, correremos o risco de estagnar no tempo e nos transformar em figuras engessadas, obsoletas e, creio eu, isso não dá bom exemplo para nossos discentes. Creio ainda que se não nos

atualizarmos frequentemente, coisas maravilhosas poderão acontecer ao nosso redor sem que percebamos e podemos não desfrutar das oportunidades que o tempo presente nos proporciona.

Na filosofia de terreiro, de base afro-centrada, existe um conceito maravilhoso que é o de *Filosofia Exúnica*¹⁵. Segundo essa filosofia, Exu é o orixá da inconstância, do movimento, das trocas, das barganhas, da comunicação e da virilidade. Devido à sua natureza inquieta e ao fato de ele ser o senhor da comunicação, toda forma de conhecimento está em constante movimento, pois o que estagna, morre. Até mesmo as tradições mais sagradas ou antigas são resignificadas no decurso do tempo histórico para seguir existindo, ainda que de outra forma ou com outros conteúdos.

Quando entrei na Universidade em 1990, aprendi a usar estereoscópios para fazer mapas à mão com base na fotointerpretação. Aprendi a usar os velhos conjuntos (*kits*) de canetas nanquim, aprendi a manusear papel manteiga e coloria os mapas com lápis aquarela. Calcular a escala de um mapa era uma operação matemática cansativa e nem sempre exata. Nomes de rios e lugares eram montados a partir de letras extraídas de folhas de decalque compradas nas papelarias. Nossos gráficos eram desenhados em papel milimetrado, antes de serem recortados e colados nos textos. Quando conto isso para meus alunos de hoje eles olham para mim com expressões incrédulas e, como não posso desmentir o que conto, o espanto logo se converte em sincera piedade.

Meu TCC de graduação foi escrito à mão para depois ser datilografado. Fiz as fotografias com máquinas fotográficas analógicas, mandei-as para revelar em preto e branco (revelação considerada mais sóbria e elegante) e três dias depois recolhia as fotografias em lojinhas especializadas. Para usar as imagens, as fotografias foram coladas diretamente nos textos do TCC e, por fim, fiz as fotocópias em preto e branco, pois em 1993 não havia ainda a possibilidade de produzir cópias coloridas na cidade de Vitória.

Meus alunos e alunas de hoje se riem de minhas narrativas e perguntam se não existiam computadores e disquetes nessa época. Conto-lhes que sim, mas eram raros e muito caros, que para alguém digitar meus trabalhos, o custo ficava altíssimo e tornavam a impressão inviável para a realidade de um graduando da década de 1990. Não tinha nem telefone fixo em casa, menos ainda, teria um computador.

Quando fiz meu Mestrado na USP, já existiam máquinas digitais e digitei o texto direto em um computador. Tive que me atualizar para fazer a pesquisa. Gravei depoimentos com um gravador miniatura de mão, as fotocópias já eram coloridas, mas infelizmente os mapas ainda eram feitos com papel manteiga, caneta nanquim e coloridos com aquarela. No Doutorado, por sua vez, tudo

¹⁵ Termo bastante trabalhado por autores negros e estudiosos das Epistemologias do Sul. O termo emergiu da Filosofia Yoruba estudada por diversos autores africanistas, como por exemplo, a pesquisadora capixaba Leonor Franco de Araújo, do Departamento de História da UFES.

foi diferente. Tudo se tornou mais tecnológico, menos manual, mais intuitivo, mais mecanizado, mais dinâmico, tecnológico autônomo e rápido.

Por isso me assusto quando vejo professores resistentes às atualizações que o tempo presente nos impõe. No início dos anos 2000, quando surgiram as versões de programas de produção de mapas digitais georeferenciados para *desktops*, me lembro de ouvir colegas dizendo que eles seriam prejudiciais, pois produziriam estudantes desinteressados na “verdadeira Cartografia” e que os mapas passariam a ser desumanizados. Atualmente, ouço coisa semelhante em relação às redes sociais ou à inteligência generativa como ferramentas de ensino, pesquisa e produção de textos, imagens e conteúdos audiovisuais.

O fato é que não podemos nos permitir estagnar. O mundo muda, as coisas se atualizam, se resignificam e, como dizia o Prof. Morelato: “camarão que dorme a onda leva”. Particularmente, creio que as novas ferramentas de ensino-aprendizagem precisam ser compreendidas em suas limitações e potencialidades. Não rejeito a tecnologia, mesmo trabalhando com tradições e memórias ancestrais. Aliás, defendo a ideia que tais memórias precisam de novas formas de popularização e novas linguagens de sensibilização da juventude para sua perpetuação no tempo e no espaço. Em outras palavras, isso é pura *Filosofia Exúnica*.

Tradições dialogam com as transformações do tempo. Não são “coisas” congeladas. São dimensões vivas da existência e como tais, precisam atravessar as novas gerações de forma interessante, sistematizada, dinâmica e com sentido para elas.

Atualmente os principais escritores e líderes de movimentos sociais do Brasil se tornaram ícones nas redes sociais, com perfis que congregam milhares de seguidores. Por isso tenho mergulhado didaticamente (em parceria com meus alunos) no mundo dos chamados *insider influencers*, ou seja, influenciadores digitais que emergiram de dentro dos movimentos em defesa de povos indígenas, quilombolas, movimento negro, imigrantes, refugiados, ciganos, comunidades tradicionais, feministas, vozes do movimento LGBTQIAPN+ etc.

A internet deu voz às pessoas que historicamente foram silenciadas pela sociedade que emergiu da colonialidade. Essas pessoas nunca foram valorizadas pelo rádio, nem pela televisão, nem pelas editoras de livros, nem pela parcela da academia subalternizada pelo mercado. Aliás, ainda hoje tal fenômeno ocorre e bom exemplo disso é a total inacessibilidade das vozes sociais ao discurso de produção de ciência, pois o formato elitista e erudito dos textos aceitos por periódicos qualizados deixa claro quem pode e quem não pode usar as universidades como plataformas de difusão de saberes e conhecimentos. Bom lembrar que se não tem Qualis, não tem muito valor.

Assim, as redes sociais possibilitaram a ambiência para que escritores, intelectuais, professores e militantes dos movimentos sociais passassem a se manifestar diretamente com o público, sem as intermediações que até então controlavam e censuravam suas narrativas.

Porém, nem tudo que está disponível como conteúdo faz sentido, ou está correto do ponto de vista científico, ou possui lastros que lhes dão credibilidade cultural. Para usar pedagogicamente as redes sociais é preciso aprender a verificar, validar, conferir, questionar, confrontar e contra-argumentar. Com meus alunos, tenho esmiuçado os conteúdos de diversos perfis de *insider influencers* nas aulas de Geografia Cultural, Geografia Política e Formação Territorial do Brasil. Em outras palavras, estou lhes dizendo que o mundo mudou, a forma de acessar conhecimentos mudou, as maneiras de gerar conteúdos consumíveis mudaram e nós, professores, precisamos entender e nos posicionar diante dessas transformações.

Também tenho trabalhado com obras filmicas disponíveis em plataformas de streamings como recursos didáticos e com aplicativos para docentes (que possibilitam a comunicação do professor com os alunos, disponibilização de conteúdos, produção de aulas interativas e outras facilidades). Tudo isso, aliás, está disponível para os alunos na palma de suas mãos, podendo ser acessado de smartphones e *tablets*.

Conto-lhes, inclusive, que em breve registrarei a primeira versão do meu aplicativo. Nele, os alunos terão acesso aos planos de disciplinas, meus textos, meus livros, receberão indicações de leituras e filmes, informes de eventos e conteúdos interativos (enquetes e jogos educativos). O aplicativo se destina a graduandos e professores (diferentes níveis) interessados em Geografia Humana (turismo), Sociologia e relações étnico-raciais, estudos culturais decoloniais e estudos africanos/afro-brasileiros.

Para alcançar o propósito de produzir meu próprio aplicativo, tenho me atualizado em termos de conhecimentos sobre novas tecnologias e é assustador o quanto ainda terei que aprender. Por outro lado, não adianta saber muito sobre as novidades da era digital sem aprofundar igualmente nos novos conhecimentos científicos. Por isso fiz questão de falar simultaneamente em atualização tecnológica e formação continuada. Sendo assim, passo a listar meus esforços nesse sentido empreendidos nos últimos 5 anos. Começamos pelo quadro 1, onde se vê dois cursos de formação pedagógica (segundas licenciaturas), uma especialização e uma formação em Capelania para Religiões Tradicionais de Matriz Afro-Brasileira¹⁶.

Quadro 1: Formação complementar (2020-2025).

¹⁶ Fui aluno da 1ª turma legalmente reconhecida de Capelania para Religiões Tradicionais de Matriz Afro-Brasileira do Brasil.

Ano	Categoria	Título	Carga Horária	Instituição
2021	Curso de formação	Capelania para Religiões Tradicionais de Matriz Afro-Brasileira.	300h.	Egbé Ifá Aworeni
2024-2025	Segunda Licenciatura	Graduação em Ciências da Religião	1.200	Unicv
2024-2025	Especialização (Lato Sensu)	Africanidades e Cultura Afro-Brasileira	450	Unifahe
2025-2026	Segunda Licenciatura	Graduação em Sociologia	1.200	Unicv

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Para finalizar, listo no quadro 2 os cursos de curta duração cursados por mim nos últimos 5 anos como forma de me manter atualizado e atento às novidades e publicações de minhas áreas de interesse.

Quadro 2: Formação Complementar: Cursos de curta duração (2020-2025).

Ano	Categoria	Título	Carga Horária	Instituição
2024	Curso de curta duração	Canva	30h.	UFU
2024	Curso de curta duração	Inteligência Artificial Generativa na Educação	2h.	DiSocial Cursos e Eventos
2022	Curso de curta duração	História da Umbanda: da raiz aos dias de hoje	8h.	TECL
2022	Curso de curta duração	História da África	4h.	Sympla Cursos e Eventos
2022	Curso de curta duração	História Indígena	4h.	Sympla Cursos e Eventos
2022	Curso de curta duração	Colonialidade e Decolonialidade: Conceitos, Práticas e Representações.	4h.	Sympla Cursos e Eventos
2022	Curso de curta duração	O racismo na história.	4h.	Sympla Cursos e Eventos
2022	Curso de curta duração	História da escravidão no Brasil.	4h.	Sympla Cursos e Eventos
2021	Curso de curta duração	Teoria da religião: História da Magia	5h.	Grupo de Estudos Conhecimentos da Humanidade

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Como podeis observar, dei maior atenção a temas que possibilitassem trabalhar com mais segurança temas relacionados à Educação para as Relações Étnico-Raciais. Porém, tenho sentido necessidade de me atualizar em relação às novas tecnologias e pretendo me concentrar nisso nos próximos anos.

Tenho interesse em aprofundar conhecimentos em tecnologias generativas e seus usos educacionais, operação de aplicativos e programas de produção e veiculação de vídeos educacionais, preparação de conteúdos digitais interativos e produção de documentários para mídias digitais.

Também pretendo viajar mais para eventos nacionais e internacionais e neles, participar de cursos e trabalhos de campo. Pretendo viajar mais para a África daqui para diante, pois desejo ampliar minha rede de contatos e conhecimentos sobre esse continente. Minha natureza é inquieta, eu preciso me sentir em movimento e jamais me permitir estagnar. Por isso que assumo, para mim, o dever de me manter em formação continuada, ainda que minha formação estruturante tenha se consolidado em 2026.

4 ASSIM FIZ-ME PROFESSOR: REMEMORANDO CONQUISTAS E DIFICULDADES EM MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Falar de minha carreira, colocar em letras o que pude trilhar até o tempo presente, soa-me estranho. Ao redigir este texto, houve momentos em que eu me surpreendi com lembranças de fatos que a memória já não revisitava, assim como de pessoas com quem não convivo mais. Algumas delas deixaram saudades. Houve momentos em que eu parecia estar olhando de fora, como se a experiência fora vivida por uma outra pessoa sobre a qual eu teria que escrever. Mas, por outro lado, me lembrei de fatos tão vívidos que me recordei até do cheiro dos ambientes.

Revisitar lembranças pode também ser um exercício de autoavaliação. Vejo o quanto já errei, o quanto já me corrigi, o quanto ainda preciso me ajustar. Obviamente, na minha carreira tive que enfrentar alguns embates e fazer enfrentamentos duros, mas isso também vejo como algo positivo. Minha ancestralidade religiosa me ensina que o conflito também ensina, que aprendemos com os enfrentamentos e aprimoramos nossa alma a partir de alguns embates. E é nesse sentido que lhes conto que devo ter aprendido, pois atualmente já não enfrento nem a quinta parte de problemas com os quais já tive que lidar.

Mas também ressalto que aprendi muito e com muitas pessoas a partir de relações afetivas, de respeito, de admiração e de cooperação. Nunca tive dificuldades para conviver com pessoas e isso, talvez, tenha me trazido à mente muito mais lembranças de saudades que vontades de esquecimentos.

Não citarei muitos nomes para evitar esquecer alguém, pois foram muitas as pessoas que me deram oportunidades, que me edificaram como professor e pessoa e, esquecer alguém, seria injusto e desrespeitoso. Citarei apenas alguns colegas essenciais para o entendimento de determinadas experiências profissionais.

Dito isso, lhes conto que ao longo da minha trajetória profissional, construí minha atuação no campo da Educação e das Ciências Humanas, com ênfase nas áreas de Geografia, Turismo e, mais recentemente, estudos culturais. Minha carreira tem sido marcada por vínculos provenientes de instituições de ensino superior, bem como por algumas experiências enriquecedoras na Educação Básica e na gestão de cursos. Mantive três eixos centrais de atuação: a formação de professores, a construção de conteúdos geográficos e a promoção de abordagens integradas entre educação e planejamento.

4.1 Primeira etapa da carreira docente: 1990-2010

Muitos professores chegaram à Educação após alguma experiência em outra área de atuação profissional. Não foi meu caso. Nos anos 1980, cheguei a ter alguns trabalhos temporários para ter alguma independência financeira em relação à minha mãe, mas nada muito significativo. Posso dizer que de fato comecei minha carreira assim que passei no vestibular em 1990. Desde então tenho trabalhado quase que exclusivamente como professor, seja em ambientes de educação foral, seja em projetos comunitários. Sempre professor, sempre pesquisador, sempre extensionista e foi com esse fazer acumulado que me construí como pessoa e como cidadão.

Desde 1990, a Geografia tem sido minha seara, meu campo de atuação. Já tive oportunidade de ministrar aulas de outras disciplinas no campo das Ciências Humanas e Turismo, mas a Geografia sempre foi minha grande paixão. O Quadro 3, que segue, traz as experiências mais relevantes de minha carreira docente entre os anos de 1990 e o tempo presente.

Quadro 3: Principais experiências profissionais.

Ano	Instituição	Vínculo
2010 - Atual	Universidade Federal de Uberlândia	Professor efetivo do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - UFU
2011-2015	Universidade Estadual do Ceará	Professor Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Turismo
2007-2010	Prefeitura Municipal de Vila Velha	Professor efetivo de Geografia na Educação Básica
2001-2010	Faculdades Estácio de Sá do Espírito Santo (Unidades Vitória e Vila Velha)	Professor de Geografia e Planejamento do curso de Turismo
2008-2009	Kaniski Assessoria Pedagógica	Educador Ambiental
1995 e 1998	Universidade Federal do Espírito Santo	Professor Substituto no Departamento de Geografia da UFES por dois períodos de 1 ano cada.
1999 - 2002	Faculdades Integradas Cristo Rei UNILINHARES	Criador e coordenador do curso de Geografia.
2000-2001	Sociedade Capixaba de Educação - SOCE	Professor do curso de Geografia
1998-1999	Fundação Educacional Presidente Castelo Branco	Professor do curso de Geografia
1990-1997	Escolas diversas de Educação Básica e Ensino Profissionalizante: Senac Vitória, Prefeitura Municipal de Vila Velha, Centre de Educação Integrada Capixaba, Escola Augusto Ruschi, Colégio São José e	Professor de Geografia e de outras disciplinas na área de Ciências Humanas

	outras instituições de ensino localizadas em Vitória e Vila Velha (ES).	
--	---	--

Fonte: Acervo documental pessoal e Currículo Lattes (2026). Autoria própria.

Como podem observar no quadro 3, nos primeiros anos de minha carreira, dediquei-me ao ensino da Geografia em diferentes unidades escolares de Educação Básica. Porém, desde os tempos da graduação, minha paixão sempre foi trabalhar com adultos e com a formação de futuros professores e professoras. Confesso que nunca gostei de trabalhar com ensino para turmas de crianças ou adolescentes. Gosto de pensamentos mais elaborados, de discussão estruturada e fundamentada na pesquisa, com debates densos próprios do ambiente universitário. Sendo assim, desde a graduação eu já sabia que deveria me preparar para lecionar no Ensino Superior.

Frequentemente conversava sobre essa pretensão com a Profa. Dra. Renata Diniz Ferreira, minha professora e orientadora. Foi ela quem me ensinou sobre planejamento de carreira e me incentivou a buscar um Mestrado na quase inalcançável Universidade de São Paulo dos anos 1990. Incentivou-me ainda a produzir textos para eventos, pois para passar na seleção do Mestrado, eu deveria ter um currículo minimamente condizente com os critérios de seleção da USP.

Eu sabia que deveria começar de baixo. No começo, eu daria aulas nos Ensinos Fundamental e Médio até conseguir chegar à Universidade. E assim foi feito. Comecei com turmas do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas, para só mais tarde, prestar o concurso para professor substituto da UFES e, assim, começar minha caminhada no Ensino Superior.

Naquela época a USP me soava como um sonho, mas para algumas pessoas, o que inclui professores meus da graduação, minha pretensão de ir para São Paulo era nada mais que um delírio. Por outro lado, alguns professores me incentivaram bastante: Claudia Câmara do Vale (que foi minha veterana e depois professora), Renata Diniz Ferreira (minha orientadora), Maria Célia Barros Silveira (coordenadora da época, grande apoiadora), Nara Cuman Motta e Aurélia Hermínia Castiglioni (ambas professoras queridas e incentivadoras valiosas) e o icônico Prof. Jara de Almeida (figura hilária com quem eu dava boas gargalhadas. Presenteou-me com muitos livros na época da elaboração do projeto).

Na UFES, eu não era professor concursado e, portanto, não teria afastamento funcional, não teria bolsa de estudos, não era de família abastada, enfim. Se eu quisesse estudar em São Paulo eu teria que ir por minha conta e riscos. A seleção para a vaga de Geografia do Turismo ocorreu envolvendo uma vaga e 14 concorrentes e graças à preparação que tive na graduação com a Profa. Renata, eu passei em primeiro lugar.

Uma vez matriculado na USP, busquei fundamentar minha prática pedagógica em sólidos referenciais teóricos e metodológicos. Entre 1990 e 1997 continuei atuando em escolas diversas de Vitória e Vila Velha, onde pude compreender as particularidades do ensino básico público e a importância de contextualizar o conteúdo geográfico com a realidade local. Nos períodos subsequentes, na medida em que mergulhava cada vez mais profundamente na pesquisa de minha Dissertação, consolidei minha atuação como professor substituto na UFES (1995 e 1998), experiência que ampliou meu entendimento sobre o funcionamento de uma universidade.

Nesse mesmo período fui contratado pela primeira vez por uma faculdade privada e passei a trabalhar na Fundação Educacional Presidente Castelo Branco em Colatina, cidade do centro-norte do Espírito Santo onde meu pai morava. Redigir a Dissertação e, ao mesmo tempo trabalhar foi extremamente desafiador, mas ao mesmo tempo eu estava realizando um grande sonho e em nenhum momento pensei em desistir. Lecionar na UFES e em Colatina me trouxe a certeza absoluta que o ambiente universitário seria meu lugar.

Entre 1999 e 2002, criei e coordenei o curso de Geografia nas Faculdades Integradas Cristo Rei -Unilinhares, gesto que marcou minha carreira, pois me vi exposto a muitos desafios administrativos, tendo que aprender na prática muitas coisas em pouquíssimo tempo. Tive que me capacitar para ter liderança e visão de instituição e de mercado (ensino privado). Na Unilinhares eu ainda atuei na pós-graduação (Lato Sensu), criei o núcleo de pesquisas interdisciplinares e ajudei a criar outros cursos, como História, Letras e diversos cursos de especialização.

O trabalho como coordenador do curso de Geografia da Unilinhares me deu visibilidade estadual e isso me abriu portas. Entre 2000 e 2002 tive duas experiências incríveis de consultoria. Fiz uma seleção pública para prestação de serviços à Prefeitura Municipal de Linhares e ao Ministério do Meio Ambiente. A primeira consultoria consistiu na elaboração e implantação de um amplo projeto de gestão participativa do projeto de reflorestamento das margens da Lagoa Juparanã. A referida lagoa acha-se localizada na transição entre o médio e o baixo curso do rio Doce e faz parte de um conjunto de 69 lagoas localizadas na planície costeira desse rio. É o maior corpo lacustre do Espírito Santo e segundo maior do Brasil em volume de água.

Meu trabalho consistiu em mobilizar a comunidade para participar no projeto por meio de uma metodologia de base sociointerativa. Eu e a equipe que coordenava visitávamos as propriedades rurais, aplicávamos um questionário-diagnóstico e fotografávamos as formas de uso do entorno da lagoa Juparanã. Em seguida, realizávamos reuniões comunitárias para sensibilização ambiental e convite para a adesão voluntária ao programa de reflorestamento. Também fazia parte de minhas funções acompanhar as equipes de plantio de espécies da Mata Atlântica para incentivar os produtores a cuidarem das mudas durante a fase de estiagem.

Figuras 63: Lagoa Juparanã, Linhares (ES).



Figura 64: Reflorestamento das margens degradadas da Lagoa Juparanã



Figura 65: Viveiro de mudas para reflorestamento



Figura 66: abertura de covas para plantio participativo das mudas.



Fonte: Acervo do autor (2001).

A segunda consultoria consistiu em realizar um projeto de mapeamento e cadastro rural participativo, com a finalidade de subsidiar as ações governamentais em favor da conservação ambiental no município de Santa Maria de Jetibá (ES). O projeto principal tinha como metas: ampliar a interligação entre os fragmentos de Mata Atlântica e, ainda, promover a proteção do macaco *muriqui*, uma das espécies de primatas mais ameaçados do Brasil. Além de aplicar os questionários da pesquisa diagnóstica, eu trabalhava com a mobilização da comunidade para participação de reuniões nas paróquias luteranas locais. Santa Maria é um município culturalmente peculiar, pois a população é predominantemente protestante, descendente de imigrantes pomeranos¹⁷ que passaram a ocupar a região serrana central do Espírito Santo na segunda metade do século XIX.

Figuras 67: Área de monitoramento do macaco *muriqui* em Santa Maria de Jetibá (ES)

Figura 68: Macaco *muriqui* na natureza¹⁸.

¹⁷A Pomerânia é o nome de um antigo país localizado na costa sul do Mar Báltico, dividida atualmente entre o nordeste da Alemanha e o noroeste da Polônia, entre os rios Vístula e Oder. É conhecida por sua rica herança cultural eslava e germânica. Desapareceu definitivamente na segunda Guerra Mundial, quando a maior parte de seu território foi anexado à Polônia e boa parte dos alemães que lá viviam foram realocados para assentamentos no território alemão.

¹⁸ Foto: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br> . Acessado em 14/12/2025.



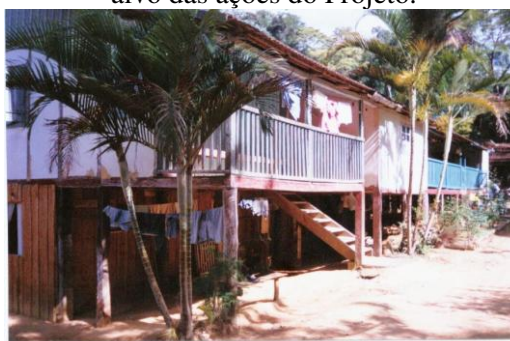
Fonte: Acervo do autor (2001).



Figura 69: Equipe de biólogos e estagiários em campo



Figura 70: Visita para cadastramento em comunidade de origem germânica, público alvo das ações do Projeto.



Fonte: Acervo do autor (2001).

Devo registrar que trabalhar com mobilização de comunidades para a promoção do desenvolvimento local de base sustentável foi um divisor de águas em minha carreira como professor. Para atuar nas consultorias, tive que buscar as bases teóricas e conhecer experiências de pesquisadores que atuam em comunidades. Conheci muitas pessoas competentes nesse período e isso tornou minha ação docente muito mais conectada aos projetos de extensão. Eu queria mostrar para os alunos que por meio dos trabalhos de extensão, podemos gerar dados de pesquisa e, ao mesmo tempo, lapidar o entendimento construído a partir da teoria em sala de aula.

Mas esse trabalho integrado não é fácil e nem foi inicialmente apoiado pela lógica econômica das instituições de ensino da iniciativa privada no Espírito Santo. Projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão exigem investimentos e as instituições privadas não destinavam naquele momento (não sei se destinam hoje em dia) verbas para trabalhos de campo e atividades com comunidades¹⁹. Ou seja, eu quis fazer um tipo de trabalho nas faculdades que não foi bem recebido de início pelas direções, dado seu caráter oneroso.

Nessa época, aceitei o desafio de dar aulas em duas cidades distantes (Linhares e Colatina) e a instituição linhareense, onde eu tinha a minha maior carga horária, passou por uma reestruturação administrativa radical, profundamente marcada pela lógica neoliberal das instituições mantenedoras naquela época. Foi neste contexto que decidi pedir exoneração do cargo de coordenador, permanecendo contratado como professor de Geografia. Em 1999, entrei pela primeira vez no Doutorado e consegui afastamento sem remuneração para mudar-me para Madrid. Fui para a Espanha em novembro de 1999 e retornei em meados do ano 2000, após finalizar os créditos em disciplinas.

Em 2001, após o trauma de ver vários alunos se ferirem em um gravíssimo acidente de trânsito, que teve inclusive vítimas fatais, pedi demissão das faculdades em que lecionava no interior, pois as viagens diárias tomavam muito tempo, eram perigosas, não remuneradas e estavam atrasando a redação de meu relatório de pesquisa (equivalente à Qualificação de Doutorado no Brasil). Porém, como já dito anteriormente, me vi obrigado a trancar o Doutorado por conta de dificuldades financeiras, retornando aos estudos em 2006.

Entre 2001 e 2010, atuei como professor nas Faculdades Estácio de Sá do Espírito Santo, exercendo a docência de Geografia e Planejamento do Turismo no curso de Turismo, o que ampliou meu olhar sobre a interface entre Geografia, Turismo e Planejamento Regional. Foram anos

¹⁹ Na lógica do capitalismo educacional dos anos 2000, os projetos de extensão se resumem a oferecer cursos diversos de curta duração, sobretudo em períodos de férias. Isso trazia movimento para instituições em meses de baixo uso do espaço físico, ampliava a captação de estudantes para a graduação e colocava o nome da instituição na mídia (rádio e televisão). Os investimentos eram mínimos, pois os professores recebiam valores muito simbólicos e muitos cursos eram, inclusive, dados por alunos bolsistas.

maravilhosos, pois eu recebi total liberdade de cátedra, bolsas institucionais de Iniciação Científica, organizei eventos, fiz projetos de ensino em parceria com empresas e órgãos públicos e, o mais importante: realizei diversos projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão. Pude finalmente levar para a universidade aquilo que as consultorias me proporcionaram de experiência e foram diversas as turmas que se beneficiaram com as ações que realizamos de planejamento turístico com participação comunitária nos municípios capixabas de São Mateus e Linhares (litoral norte) e Marechal Floriano (região serrana central).

Cheguei até a atuar como repórter de campo do quadro “*Estácio na Estrada*”, que integrava a grade do programa “Tribuna na Estrada”, capitaneado pela apresentadora Liliajane Mallman. O programa era exibido aos sábados pela TV Tribuna (concessionário regional do Sistema Brasileiro de Televisão, SBT). A Faculdade Estácio de Sá e a Águia Branca (empresa de transporte rodoviário) eram patrocinadoras do programa e, nesse contexto, com a disponibilidade de ônibus, fazíamos um trabalho de campo por mês pelo Espírito Santo para levar os alunos do curso de Turismo para diferentes paisagens turísticas do Estado e, em cada viagem, gravávamos conteúdo para 4 programas. Fiquei “no ar” como repórter de campo²⁰ por mais de um semestre. Esse projeto era institucional, mas abriu as portas para que eu propusesse projetos de minha autoria.

Como exemplo, apresento-lhes o Projeto “*Compatilhando Experiências na Construção do Desenvolvimento Local*” (2007). Esse Projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão foi a primeira experiência efetiva nesta metodologia de trabalho que foi desenvolvida por mim como parte de minha tese doutoral. Inclusive devo lhes dizer que os resultados foram incorporados à minha tese e foi, sem dúvidas, o capítulo mais elogiado pela banca avaliadora na Universidad Complutense de Madrid.

Em linhas gerais, a ideia nasceu em 2007 a partir da disciplina Planejamento e Organização do Turismo (POT I e POT II), que eu ministrava no curso de Turismo da Faculdade Estácio de Sá. Criei um projeto de pesquisa que me permitiu mostrar aos alunos dessa disciplina como gerar dados quantitativos e qualitativos e delimitar (ou selecionar) um bom referencial teórico sobre planejamento participativo do turismo. Com o projeto elaborado, fomos para 5 comunidades de pescadores do município de Linhares e lá realizamos mapeamento das comunidades, fizemos a cobertura fotográfica dos territórios, entrevistamos empreendedores e moradores, aplicamos questionários para geração de dados quali-quantitativos e, assim, geramos uma pesquisa de campo que nos possibilitou a realização do Projeto de Extensão.

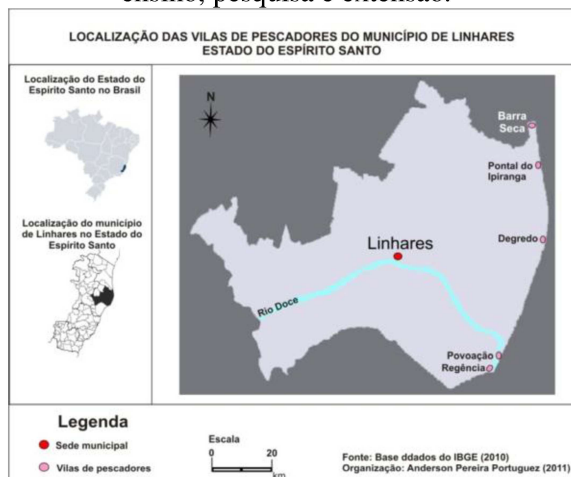
²⁰ Esclareço que o programa *Tribuna na Estrada* não era um telejornal, ou programa de jornalismo. Era enquadrado como *entretenimento*, integrante da grade matinal dos sábados, de forma que, seguindo as leis da época, não me foi exigida a formação em Jornalismo.

A etapa seguinte foi realizar oficinas de planejamento participativo nas quais as comunidades tiveram acesso aos dados da pesquisa e, por meio de metodologia sociointerativa, puderam elas mesmas proporem projetos de intervenção na dinâmica territorial do turismo. Os projetos foram elaborados de forma lúdica com a condução sendo feita pelos próprios alunos da disciplina e por mim. Uma vez finalizado o projeto integrado, relatórios técnicos foram produzidos e os alunos puderam ver na prática que é possível planejar o desenvolvimento local a partir das bases comunitárias, de forma integrada e participativa.

Como a disciplina Planejamento e Organização do Turismo era ministrada em 2 semestres com 60 horas cada etapa, a pesquisa foi realizada no primeiro semestre (concomitante a POT I) e a parte da extensão no segundo semestre (concomitante a POT II). Empolgado com os resultados da primeira edição do Projeto Integrado, tive a oportunidade de realiza-lo com grande sucesso em 2008 no município de Marechal Floriano com a turma do ano seguinte. Tivemos o apoio da Prefeitura, o que nos permitiu circular pelo meio rural com automóveis do tipo *vans*. Repetimos a metodologia adaptando-a ao turismo rural e os resultados foram igualmente exitosos.

As figuras 71 a 79, que seguem mostram mostrando cenas da campanha de campo na planície do baixo rio Doce e a figura 80 (mosaico) mostra a campanha de campo realizada em Marechal Floriano, município considerado a porta de entrada dos circuitos capixabas do agroturismo.

Figura 71: Comunidades atendidas pelo Projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão.



Fonte: Portugal, 2011 (p. 90).

Figuras 72 e 73: Da sala de aula para a pesquisa: entrevistas com moradores e empresários das vilas de pescadores de Linhares.



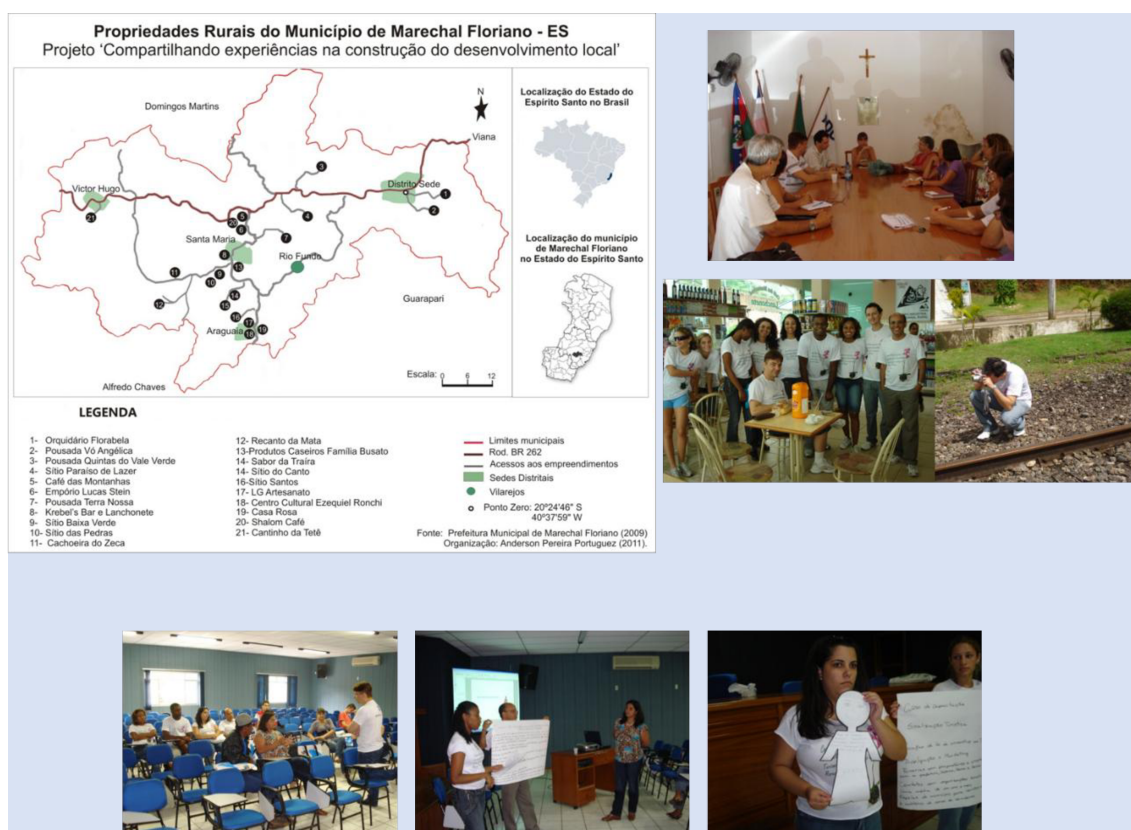
Fonte: Portugal (2010, p. 68).

Figuras 74 a 79: Moradores de três comunidades de pescadores de Linhares em oficinas de planejamento participativo do turismo.



Fonte: Tese doutoral (Portugal, 2010, p. 337).

Figura: 80: Montagem de imagens das atividades do projeto integrado sendo realizado no município de Marechal Floriano (ES).



Fonte: Portugal (2011, p. 99).

Mas, de repente, sem que eu percebesse com clareza, uma turva tempestade aproximou-se sorradeira e, da noite para o dia, os meus ensolarados dias de trabalho de campo com turmas e mais turmas de aluno chegaram ao fim. No segundo semestre de 2008, senti que deveria me precaver, pois uma brutal reestruturação administrativa do Grupo Estácio levou à intervenção da matriz (localizada no Rio de Janeiro) nas filiais de Vitória e Vila Velha.

Sem aviso, a direção foi destituída e nós professores fomos pegos de surpresa com demissão em massa, corte de gastos, redução de carga horária, ameaça de fechamento do curso de Turismo (que ocorreu de fato alguns anos depois) e embates trabalhistas passaram a ser parte do cotidiano dos docentes. Eu, particularmente, fui ameaçado de demissão, pois com a eminente defesa de meu Doutorado eu me tornaria “mais caro” e a Faculdade não era obrigada a ter doutores no quadro. Foi nesta ocasião que eu decidi fazer algum concurso, mesmo que local, pois sabia que seria desligado da instituição a qualquer momento. Aceitei também uma oferta de emprego que mudou minha prática pedagógica: trabalhar como educador ambiental para uma empresa privada, que prestava serviços de capacitação de recursos humanos à Petrobrás. Eu já prestava serviços ocasionais para a empresa, porém, com o agravamento da crise institucional, aceitei ser efetivamente contratado.

Concursei-me para os municípios de Serra e Vila Velha, ambos na Grande Vitória. Consegui ser aprovado em ambos, mas tomei posse somente em Vila Velha em 2007, pois era onde morava e as condições salariais eram melhores. Assumi uma cadeira de professor efetivo de Geografia na Educação Básica até ser transferido em 2008 para a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, onde trabalhei com elaboração de políticas públicas. O salário era baixo, mas complementou as perdas salariais que eu tinha sofrido com a redução de minha carga horária no Ensino Superior. Ajudou-me ainda a ter tranquilidade para redigir o texto da tese doutoral.

Durante esses anos, tive a oportunidade de orientar discentes nas áreas de Turismo, lazer e meio ambiente em cursos de Pós-Graduação Lato Sensu (quadro 4). Alguns desses alunos vieram, mais tarde, a se tornar colegas de trabalho de grande importância acadêmica no Espírito Santo, como as professoras Adriana Sartório Ricco e Ana Beatriz Macedo Silva.

Quadro 4: Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso em cursos de Especialização (Lato Sensu) - 2000-2010.

Orientando(a)	Título	Ano
Nilson Antônio Guzo Júnior	Estrada Imperial: história e potencial turístico no município de Domingos Martins – ES.	2010
José Menezes de Souza.	A gastronomia capixaba tradicional e sua autenticidade.	2009
Ana Beatriz Macedo Silva.	Diagnóstico dos impactos ambientais no Parque Natural Municipal de Jacarenema – Vila Velha - ES.	2007
Silvio Flor dos Santos.	Técnicas de contenção de derramamento de óleo no mar por navios petroleiros.	2007
Adriana Sartório Ricco.	Diretrizes para uma gestão turística sustentável em cidades litorâneas.	2001.
Darcileni Gama Gualberto.	Pobreza e degradação ambiental.	2001
Ghislana Ribeiro Silva.	Lixo: convivendo com o inimigo.	2000
Maria de Fátima Coelho Lorenzoni.	Os recursos hídricos na educação ambiental.	2000

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Também pude colaborar com os cursos das instituições onde trabalhei, orientando quase uma centena de Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação nas áreas de Geografia, Turismo, Educação Ambiental, Gestão Ambiental e outros. Alguns desses alunos foram memoráveis e permanecem em contato comigo até os dias atuais pelas redes sociais. Naquela época, o discurso da sustentabilidade era bastante forte no meio acadêmico e permeava muitos dos estudos orientados. No curso de Turismo, as orientações se concentravam ainda em temas como: potencialidades turísticas, impactos ambientais do turismo, turismo e educação ambiental, turismo e cultura, turismo rural e temas afins. O quadro 5, que segue, lista os trabalhos que orientei nesse período.

Quadro 5: Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso - Graduação -1999-2010.

Orientando(a)	Título	IES	Ano
Luana Ramos Pacheco	Balneário de Jacaraípe: análise do atrativo turístico e as estratégias de planejamento do turismo local.	Estácio de Sá	2009
Guilherme Scarpi Nespoli	Impactos positivos e negativos do crescimento do setor de hidrocarbonetos sobre a organização da atividade turística em Pontal do Ipiranga.	Estácio de Sá	2009
Gabriela Senna Calazans	Turismo sustentável: capacidade de carga do parque estadual Paulo Cezar Vinha.	Estácio de Sá	2009
Luzinete Bezerra Rodrigues	A religiosidade negra na Barra do Jucu - Vila Velha (ES): um roteiro cultural pelas casas de candomblé.	Estácio de Sá	2008
Orlando Lopes Fernandes	Aspectos da evolução urbanística do Centro de Vitória (ES) e suas possibilidades de uso turístico.	Estácio de Sá	2008
Yuri Maia Martins Sales	Aspectos do turismo litorâneo na vila de Barra Nova: ameaças e oportunidades.	Estácio de Sá	2008
Genilson Couto Marinho	Ecoturismo em Unidades de Conservação: o Parque Municipal de Goiapaba-Açu - Fundão (ES).	Estácio de Sá	2008
Leonardo de Magalhães Oliveira	O agroturismo no circuito de Pitanga - Serra - ES: Diagnóstico e possibilidades.	Estácio de Sá	2008
André Becalli	O turismo como vetor do desenvolvimento comunitário em Regência (Linhares-ES).	Estácio de Sá	2008
Caio Gianordoli Ribeiro.	Parque Natural Municipal de Jacarenema: Possibilidades de uso turístico e recreativo.	Estácio de Sá	2008
Daniela de Campos Faissal.	Percepção espacial do usuário da praia de Camburi, Vitória (ES).	Estácio de Sá	2008
Daiany Ingle Falcão	A influência da cultura germânica na arquitetura em Domingos Martins: a composição da paisagem turística.	Estácio de Sá	2007
Hélida Regina Loreto Rangel	Autenticidade da produção d panelas de barro na comunidade de Goiabeiras Velha, Vitória-ES.	Estácio de Sá	2007
Evlanderlite Lopes Rocha	Cooperativa das desfiadeiras de Siri da Ilha das Caieiras: desenvolvimento sustentável com base local.	Estácio de Sá	2007
Árly Verônica Pinheiro do Nascimento	Infraestrutura turística na Barra do Jucu e os efeitos da sazonalidade.	Estácio de Sá	2007
Edilson Oliveira Montes Júnior	Turismo e meio ambiente: identificação de possíveis impactos ambientais no manguezal do rio Piraqueaçu - Aracruz-ES.	Estácio de Sá	2007

Gustavo da Silva Santos	Uma análise sobre os resíduos sólidos nas cidades turísticas: Piúma - ES.	Estácio de Sá	2007
Iram Marques da Silveira	A necessidade de capacitação para profissionais que atuam em agências de viagem.	Estácio de Sá	2006
João Henrique de Oliveira Camizão	Artesanato e turismo: o mercado da Vila Rubim e a valorização do artesanato local.	Estácio de Sá	2006
Tales Barbosa de Queiroz	Aspectos do turismo rural na rota do lagarto - Domingos Martins - ES.	Estácio de Sá	2006
Adinéia Vitorino de Oliveira	Controle interno na administração pública municipal: O caso da Prefeitura Municipal da Serra - ES.	Estácio de Sá	2006
Wanelli Bueno de Souza	Gestão da força de vendas: Um estudo de caso na Coca Cola - ES. 2006	Estácio de Sá	2006
Robson Stenio Inácio	Gestão de resíduos industriais gerados na Aciaria da Cia Siderúrgica de Tubarão.	Estácio de Sá	
Karynne Caetano Cabral	Impactos ambientais em ambientes costeiros: Uma análise dos resíduos descartados pelos usuários da praia de Manguinhos (Serra-ES).	Estácio de Sá	2006
Fabiana Silva de Oliveira	O desempenho dos guias e condutores em recreação marítima em Angra dos Reis - RJ.	Estácio de Sá	2006
Teresinha de Jesus Nascimento Figueira	O setor de compras e licitações do Banco do Brasil e suas agências: o estudo da satisfação do cliente interno.	Estácio de Sá	2006
Geraldo Wandenkoke Júnior	O uso ecoturístico da escuna Cores do Mar no manguezal de Vitória-ES como ferramenta de sensibilização ambiental para preservação do manguezal.	Estácio de Sá	2006
Paola Pitti Calzavara	Profissionalização de funcionários na empresa familiar.	Estácio de Sá	2006
Bruna Berger Gonçalves	Responsabilidade social: o terceiro setor e as empresas como agentes sociais.	Estácio de Sá	2006
Cristiane de Magalhães Oliveira	Turismo e educação ambiental: experiência de interdisciplinaridade na EEEFM Zumbi dos Palmares.	Estácio de Sá	2006
Sérgio Trancoso Corrêa	Balneário Coqueiral de Aracruz: impactos socioeconomicos de um modelo de urbanização.	Estácio de Sá	2005
Vitor Seidel Paganotto	Diagnóstico da atividade turística na fazenda Estância do Vale do Moxuara - Cariacica/ES.	Estácio de Sá	2005
Jean Claude Vervloet Gondar	O fenômeno da prostituição feminina de rua na orla de Camburi (Vitória - ES) e sua vinculação com o crescimento do turismo de negócios.	Estácio de Sá	2005

Carlos Alberto Ferreira Silva	O legado dos jesuítas em Vitória - ES: arquitetura, urbanização e religiosidade.	Estácio de Sá	2005
Renata Rezende Marques.	O patrimônio histórico-cultural como fator de valorização turística do município de Santa Teresa - ES.	Estácio de Sá	2005
Gláucia Magalhães Guimalhães	Gláucia Magalhães Guimalhães. Porta Sul - Vitória/ES: transformações turísticas e urbanas a partir de 1967.	Estácio de Sá	2005
Bruna Maria Ignácio da Silva	Bruna Maria Ignácio da Silva. Turismo cultural e suas possibilidades de inserção social das comunidades quilombolas do vale do rio Cricaré - ES.	Estácio de Sá	2005
Wagner Darci da Conceição	Turismo de compras e possibilidades de crescimento do polo industrial da Glória - Vila Velha - ES.	Estácio de Sá	2005
Rosemeri Ribeiro Vasconcelos	Turismo e grupos minoritário: a parada GLBT de Cariacica - ES.	Estácio de Sá	2005
Gustavo Manhães Gicovate	Turismo e natureza: identificação de possíveis impactos ambientais na trilha de acesso do Pico da Bandeira - Parque Nacional do Caparaó (MG).	Estácio de Sá	2005
Alison Guerini	Turismo rural: uma alternativa de agregação de renda para a fazenda Providência do município de Venda Nova do Imigrante - ES.	Estácio de Sá	2005
Rejane Entringer Lopes	A influência dos imigrantes germânicos na formação de espaços turísticos no Espírito Santo: um estudo da arquitetura enxaimel em Domingos Martins/ES.	Estácio de Sá	2004
Anna Karina Rostagno	Aterros hidráulicos e seus impactos sobre um espaço turístico: O caso da Praia de Camburi - Vitória/ES.	Estácio de Sá	2004
Denise de Almeida Uliana	Boates gays de Vila Velha/ES: Um estudo dos serviços oferecidos ao público GLBT na Grande Vitória.	Estácio de Sá	2004
Tania Karina Guimarães Labuto	Convento Nossa Senhora da Penha: patrimônio, romaria e turismo.	Estácio de Sá	2004
Itala Rosiméia de Degasperi	Marketing Turístico: uma análise do mix de marketing do Parque Beto Carreiro World.	Estácio de Sá	2004
Ana Beatriz Macedo da Silva	Prazer e Sedução no Território das Tianas: Uma Abordagem da Prostituição e do Turismo em São Sebastião - Serra/ES - 1967-1980.	Estácio de Sá	2004
Lea Maria Barros dos Santos	Sazonalidade e segunda residência: impactos sociais e econômicos do modelo de urbanização turística de Guriri - São Mateus/ES.	Estácio de Sá	2004
Arilcilei Delupo	Turismo eco-rural no baixo rio Doce: A natureza e a cultura cacauieira como recursos e desenvolvimento para a vila de Povoação - Linhares/ES.	Estácio de Sá	2004

Leonardo Dalcomo Tononi	Turismo, lazer e identidade cultural: a gastronomia na ilha das caeiras - Vitória/ES.	Estácio de Sá	2004
Samara Camilo Cordeiro da Silva	Turismo no espaço rural: aspectos do programa do agroturismo no município da Serra/ES.	Estácio de Sá	2004
Carlos Eduardo Tessarolo	Avaliação do potencial paisagístico da propriedade Fazenda Alta (Aracruz-ES) para a implantação de um empreendimento turístico.	Unilinhares	2000
Christiano Forza de Araújo	Um paraíso e suas contradições: o processo de turistificação do balneário pontal do ipiranga.	Unilinhares	2000
Anderson Ximenes	Uma análise de viabilidades de sistemas de irrigação para pequenos proprietários rurais em Rio Bananal/ES.	Unilinhares	2000
José Elias da Conceição	Gestão ambiental: uma responsabilidade de todos no processo de crescimento social, econômico e político.	Unilinhares	1999
Cláudio Manhães de Andrade	O novo cenário da atividade leiteira após a criação do MERCOSUL.	Unilinhares	1999
Joelson Ferreira Reis	SUDENE: novas oportunidades para os agronegócios do norte do ES.	Unilinhares	1999

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Entre 2008 e 2009, durante os períodos de férias, eu trabalhei “embarcado” em plataformas de petróleo operadas pela Petrobrás – Petróleo Brasileiro S/A - e empresas parceiras para gerar renda extra (figura 81). Tive a carteira assinada como Educador Ambiental, feito raro entre professores de Geografia. A empresa contratante foi a Kaniski Assessoria Pedagógica, onde aprofundi minha atuação em educação ambiental de base construtivista.

A experiência foi inesquecível e de altíssimo impacto em minha vida. Cheguei a modificar totalmente a metodologia de campo da minha tese doutoral para incorporar elementos da metodologia de trabalho que adotávamos na Kaniski e passei a adotar metodologias semelhantes nos espaços formais de educação onde eu atuava. Nesse sentido, devo registrar que ter sido liderado pela pedagoga Ana Lúcia Kaniski (figura 82) foi um marco na minha trajetória. Além de me proporcionar grande aprimoramento de base construtivista, me apoio imensamente nas atividades com comunidades de pescadores durante minha pesquisa doutoral.

Figura 81: Plataforma FPSO Espadarte, Bacia de Campos, RJ.

Figura 82: Prof^ª. Ms. Ana Lúcia Kaniski.



Fonte: Acervo do autor (2009).

O universo dos hidrocarbonetos é extremamente envolvente e apaixonante. Porém, além de altíssima capacitação técnica, o setor exige bom condicionamento físico e um equilíbrio emocional grande. Não é fácil ficar 14 dias no mar, longe de tudo e todos, em ambiente de risco e com tripulação muitas vezes de difícil convivência. Plataformas de petróleo, pelo menos naquela época, eram ambientes muito masculinos onde homens (maioria numérica) de origens muito diferentes conviviam em uma situação cotidiana de ordem e controle. Há, por outro lado, relações interpessoais ocasionalmente marcadas por atitudes machistas, homofóbicas, xenofóbicas, racistas, de intolerância étnico-religiosa, etc.

Embora tenha sido uma experiência fantástica, não quis seguir no setor, pois percebi que as tensões nas relações humanas seriam, pelo menos para mim, adoecedoras. Na maior parte do tempo me sentia bem acolhido e muito bem tratado pelos colegas de embarque, porém, por mais de uma vez fui vítima de homofobia e assédio moral. Como me conheço bem e sei que minha paciência com gente preconceituosa é curta, optei por não seguir embarcando para evitar conflitos que poderiam ter desfechos desagradáveis.

4.2 Segunda etapa da carreira docente: 2010-2026

O concurso realizado em 2009 para lecionar na Universidade Federal de Uberlândia encerrou essa primeira fase de minha carreira acadêmica. Fiz um acordo trabalhista com a Faculdade Estácio de Sá em dezembro de 2009, sendo demitido após minhas férias em janeiro de 2010. Em 26 de fevereiro de 2010, fui nomeado como professor concursado na área de *Geografia Humana e Planejamento* do Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia. Iniciava-se aí um novo momento em minha carreira, que agora chegava à estabilidade.

4.2.1 Minha experiência na Graduação no Curso de Geografia da UFU (2010-2026).

Entrei em exercício dia 8 de março de 2010 como Professor Assistente I e defendi meu Doutorado em Madrid em 19 de abril desse mesmo ano. Em 20 de novembro de 2010, com a finalização do processo de reconhecimento e registro de meu Diploma de Doutor pela UCM, ocorreu minha promoção para Professor Adjunto I. Desde meu ingresso na UFU, trabalhei com as seguintes disciplinas:

Grade antiga anterior

- Formação do Espaço Brasileiro – Centro-Sul;
- Geografia Política;
- Região e Regionalização do Espaço
- Educação Ambiental
- Geografia Cultural e Humanística (Optativa)
- Geografia da Religião (Optativa);
- Geografia do Turismo (Optativa)

Grade vigente

- Geografia Cultural, Humanística, Direitos Humanos e Relações étnico-raciais;
- Geografia Política
- Formação Territorial do Brasil;
- Geografia da Religião (Optativa);
- Geografia do Turismo (Optativa)

Todas essas disciplinas foram (ou são) trabalhadas desde o prisma da crítica decolonial²¹ em diálogo com a abordagem crítica de Milton Santos e outros autores de diferentes correntes críticas da Geografia e da Sociologia/Filosofia, como Paul Claval, Rogério Haesbaert, Roberto Lobato Correia, Zeny Rosendahl, Yi-Fu Tuan, Maria Geralda de Almeida, Manuel Castells, Z. Bauman e outros. Também gosto de trabalhar com autores regionais do Triângulo Mineiro, dentre os quais destaco Rosselvelt José Santos, Carlos Alberto Póvoa e Moisés Abdon Coope. Por fim, destaco o grande estudioso da “Geografia Negra” brasileira (produzida por geógrafos negros), Prof. Dr. Andreilino Campos e os professores Dr. Adnilson Almeida e Dr. Éder Rodrigues, ambos grandes nomes da Etnogeografia Indígena brasileira.

O paradigma da descolonialidade ganhou mais fôlego em minha produção após o isolamento social, depois que eu estudei com mais profundidade autores da sociologia e da filosofia luso-latino-americana: Boaventura de Souza Santos (Portugal), Grada Quilomba (Portugal), Aníbal Quijano (Peru), Frantz Fanon (Martinica/Argélia), Walter Mignolo (Argentina), Ramón Grosfoguel (Porto Rico) e Edward Said (Palestina/EUA). Dos autores brasileiros estudados a partir do isolamento social, destaco: Lélia Gonzalez, Ayrton Krenak, Abdias do Nascimento, Conceição Evaristo, Leonor Franco de Araújo, Flávia Pinto e Bárbara Carine.

A abordagem decolonial na Geografia tem partido das bases críticas legadas do neomarxismo e, por sua vez, amplia essa análise para incluir as estruturas de dominação que permanecem após o colonialismo político formal, a chamada “colonialidade do poder, do saber e do ser”. Esse conceito deriva da ideia de “colonialidade do poder”, proposta por Aníbal Quijano e que envolve dimensões de raça, gênero e conhecimento.

Portanto, o discurso decolonial na Geografia (em especial na Geografia Cultural) não nega a luta de classes e demais temas do legado neomarxista, mas aborda com centralidade algumas questões que ficaram na periferia da produção geográfica do século XX. O mergulho na Filosofia e na Sociologia decolonial me levou a formar um grupo de leituras e produção de textos, que resultou na formação do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Decolonialidade e Território, cuja logo apresento na figura 83. O Grupo foi registrado em 2023 pela UFU no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Figura 83: Logomarca do GEP-CDT

²¹ Reconheço a polêmica sobre o uso desse termo, mas não cabe debate teórico em memoriais de titularidade. Há diversos textos de minha autoria onde discuto conceitos como descolonialidade, decolonialidade, contra-colonialidade, pós-colonialidade etc.



Fonte: Arquivos do autor (2023).

O grupo publica anualmente 4 livros organizados por seus membros, com os textos produzidos ao longo do ano e dos estudos nas áreas de Geografia, Turismo, Educação e Religiosidade Popular e, ocasionalmente, obras de outras ciências.

Em termos de métodos pedagógicos, continuei trabalhando com o pensamento de Paulo Freire e a abordagem que caracterizou minha prática docente anterior: o sociointerativismo vigotskyano. Tais paradigmas foram muito influenciados pelo marxismo. Porém, particularmente, eu defendo que o pensamento decolonial, que também é crítico, adere muito bem às ideias de Paulo Freire e Vygotsky e me permite uma prática coerente e dinâmica. Mais recentemente, incorporei ao meu fazer pedagógico os pressupostos propostos por Johannes Hessen, em sua “Teoria do Conhecimento”, que também traz uma abordagem interativista de grande relevância para quem estuda culturas subalternizadas pela colonialidade e pela ocidentalidade pós-colonial.

Dito isso, creio que posso lhes contar mais sobre as disciplinas que lecionei e as que ainda leciono no ICHPO/UFU. De partida, em nosso curso comumente nos concursamos para grandes áreas, tais como: Geografia Humana e Ensino, Geografia Física, Cartografia e Geotecnologias e, nessa perspectiva, são poucos os docentes que se concursaram para dar aulas de uma disciplina específica. Como sou da área de Geografia Humana e Planejamento, cabe-me a responsabilidade de contribuir com o curso ofertando disciplinas obrigatórias e optativas dentre desse escopo. Por isso, ao longo do tempo, ministrei diferentes disciplinas, a depender da demanda do curso naquele momento.

Porém, felizmente tenho ofertado mais frequentemente as disciplinas com as quais tenho mais familiaridade: Geografia Política, Formação Territorial do Brasil, Geografia do Turismo, Geografia da Religião e disciplinas de Geografia Cultural. A constância em ministrar um determinado conjunto estável de disciplinas me permitiu formar uma biblioteca variada e de qualidade em minha casa. A regularidade também me incentivou a buscar cursos de formação continuada na área e, quando possível, eventos com temáticas afinadas às minhas disciplinas.

Para deixar todo esse processo mais claro, procurei organizar, então, uma sequência de quadros que trazem as minhas principais contribuições na oferta de aulas da graduação entre 2010 e 2026 e, ainda, apresentar os trabalhos de campo e oficinas que realizamos ao longo do tempo. Para iniciar, apresento-lhes o quadro 6, que mostra as disciplinas lecionadas com regularidade entre 2010 e 2025, mas que já não fazem mais parte de minha oferta atual.

Quadro 6: Oferta regular de disciplinas obrigatórias na graduação, 2010-2025.

Disciplina	Período de oferta	Turno
Educação Ambiental	2º Semestre – 2017 2º Semestre – 2016 2º Semestre – 2015 2º Semestre – 2014 2º Semestre – 2013 2º Semestre – 2012 2º Semestre - 2011	Matutino e noturno
Formação do Espaço Brasileiro: Centro-Sul (extinta pela nova grade curricular)	2º Semestre – 2021 2º Per. Esp. - 2020 2º Semestre - 2020 2º Semestre – 2019 2º Semestre – 2017	Matutino e noturno
Formação do Espaço Brasileiro: Nordeste	1º Semestre - 2014	Matutino e noturno
Geografia Política	1º Semestre – 2025 1º Semestre – 2024 1º Semestre - 2023 1º Semestre - 2022 1º Semestre – 2021 1º Per. Esp. - 2020 1º Semestre – 2017 1º Semestre - 2016 1º Semestre - 2015 1º Semestre – 2014 1º Semestre - 2013 1º Semestre - 2012 1º Semestre – 2011	Matutino e noturno

Fonte: Portal Docente/UFU. Acessado em 03 jan. 2026.

Durante o período em que lecionei essas disciplinas, tive a oportunidade de realizar atividades práticas que deram mais dinamismo às aulas. Fizemos inúmeras visitas técnicas a locais de interesse em Ituiutaba, empreendemos trabalhos de campo de alto impacto pedagógico (figuras 84 e 85) e, ainda, realizamos oficinas em escolas das redes pública e privada da Educação Básica de Ituiutaba (figuras 86 a 89).

Figura 84: Trabalho de campo de Formação do Espaço Brasileiro no Pantanal (MS) e fronteira com a Bolívia com alunos e professores do curso de Geografia (ICHPO) em 2017.



Fonte: Acervo do autor (2017).

Figura 85: Trabalho de Formação do Espaço Brasileiro na sede do Projeto Tamar-Ibama com alunos e professores do curso de Geografia (ICHPO), em Ubatuba (SP).



Fonte: Acervo do autor (2014).

Figuras 86 a 89: Oficinas de Educação Ambiental em escola de Ituiutaba, realizadas pelos alunos do Curso de Geografia do ICHPO/UFU.



Fonte: Acervo do autor (2012-2015).

O quadro 7 mostra as disciplinas lecionadas ocasionalmente, nas quais atuei em situações emergenciais ou ocasionais, para cobrir a falta de docentes ou o afastamento de colegas para qualificação.

Quadro 7: Oferta ocasional de disciplinas obrigatórias na graduação, 2010-2025.

Disciplina	Período de oferta	Turno
Geografia Rural	1º Semestre - 2024	Matutino e noturno
Metodologia da Pesquisa	1º Semestre – 2011 1º Semestre – 2010 1º Semestre - 2010	Matutino e noturno
Planejamento Regional	2º Semestre - 2020	Matutino e noturno
Projeto Integrado de Prática Educativa II	2º Semestre - 2010	Matutino e noturno
Geografia Cultural (grade antiga)	1º Semestre - 2013	Matutino e noturno
Região e Regionalização do Espaço	1º Semestre – 2020 1º Semestre – 2020 1º Semestre - 2019	Matutino e noturno

Fonte: Portal Docente/UFU. Acessado em 03 jan. 2026.

O quadro 8, que segue, apresenta as disciplinas obrigatórias e optativas que ministro na atualidade. Estou retomando a ideia de montar projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão, pois creio que essa abordagem me proporciona maior alcance em meus objetivos pedagógicos. Além de os alunos se sentirem mais motivados, eu consigo produzir bastante material de publicação, o que enriquece minha produção docente.

Quadro 8: Oferta regular atual de disciplinas na Graduação

Disciplina	Período de oferta	Turno
Formação Territorial do Brasil	2º Semestre - 2025 2º Semestre - 2024 2º Semestre - 2023 2º Semestre - 2022	Matutino e noturno
Geografia Cultural, Humanística, Direitos Humanos e Relações Étnico-Raciais	1º Semestre - 2025 1º Semestre - 2024 1º Semestre - 2023 1º Semestre - 2022 1º Semestre - 2021	Matutino e noturno
Geografia do Turismo (Optativa)	2º Per. Esp. - 2020 2º Semestre - 2015 1º Semestre - 2012 1º Semestre - 2010	Matutino e noturno
Geografia da Religião (Optativa)	2º Semestre – 2014 Prevista para 2026-1	Matutino e noturno

Fonte: Portal Docente/UFU. Acessado em 03 jan. 2026.

Atualmente, desenvolvo um projeto integrado de ensino, Pesquisa e Extensão intitulado “A formação territorial do Brasil na perspectiva da decolonialidade”. Esse projeto foi criado em 2023 e publicado em 2024. Submetemo-lo a um edital da Prefeitura de Ituiutaba, mas infelizmente ele não obteve o apoio financeiro que esperávamos, apesar de ter sido bastante elogiado. Estamos agora nos preparando para submetê-lo novamente (Edital da Lei Aldir Blanc) e, se conseguirmos a verba, o mesmo será desenvolvido em 2027.

RESUMO: O presente projeto consiste em uma abordagem integrada de ensino, pesquisa e extensão que abordará a formação territorial do Brasil a partir da perspectiva da decolonialidade, com o objetivo de compreender as lógicas políticas, sociais, culturais, ambientais e econômicas que moldaram os contextos históricos da territorialidade brasileira. Os objetivos, articulados à tríade ensino, pesquisa e extensão, buscam: a) conhecer as diversas leituras sobre a formação territorial, incluindo o olhar dos movimentos sociais indígenas e negros sobre o tema; b) criar estratégias de ensino que provoquem a reflexão crítica entre os alunos e docentes convidados; c) produzir materiais audiovisuais utilizáveis em diferentes níveis de ensino; d) gerar publicações acadêmicas e não acadêmicas que consolidem a experiência em um formato de memória da ação. Em 2026 ministraremos a disciplina Formação Territorial do Brasil no 1º semestre letivo abordando diversos conteúdos articulados pela perspectiva decolonial. Concomitantemente, o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Descolonialidade e Território (CNPq/UFU), organizará alguns encontros presenciais e *online* abertos a professores, alunos e comunidade para debater metodologias e temas emergentes de pesquisa sobre formação territorial do Brasil. A extensão, por sua vez, será representada por uma exposição no Museu Antropológico de Ituiutaba (MUSAI), com montagem de painéis, atividades interativas e divulgação para escolas da região, que levarão seus estudantes de 6º ano para participarem da ação. A avaliação será processual, participativa e qualitativa, com revisões (se necessárias) a cada dois meses. Ao final, esperamos proporcionar aos estudantes de Geografia do ICHPO a oferta de uma disciplina dinâmica e crítica, além de oportunidade de ampliação de seus conhecimentos por meio dos debates teóricos promovidos pelo Grupo de Estudos. Por fim, desejamos oferecer aos nossos discentes a oportunidade de atuar como educadores em uma exposição para a comunidade e estudantes do Ensino Fundamental, na qual apresentarão o que apresentaram por meio de uma programação lúdica e diversificada (Adaptado de Portuguese, 2024, p. 350-352).

Para o Edital de Projeto de Ensino da UFU, pretendo apresentar um segundo projeto integrado, desta vez juntando as seguintes disciplinas: Geografia da Religião, Geografia do Turismo e Geografia Cultural (que inclui temas de Humanismo, Direitos Humanos e Relações étnico-raciais). O projeto versará sobre o papel das religiões tradicionais de matriz africana na movimentação do alto e do baixo circuito da economia urbana na perspectiva da obra de Milton Santos. O projeto, entretanto, encontra-se em fase de elaboração.

As figuras 90 e 91 apresentam dois exemplos de trabalhos de campo que realizamos nas disciplinas de Formação territorial do Brasil, Geografia da Religião e Geografia Cultural.

Figura 90: Trabalho de campo de Geografia Cultural durante a Festa da Congada de Ituiutaba (MG) com alunos do curso de Geografia (ICHPO) em 2012.



Fonte: Acervo do autor (2012).

Figura 91: Trabalho de campo de Geografia da Religião em Aparecida do Norte (SP) com alunos e professores do curso de Geografia (ICHPO) em 2014.



Fonte: Acervo do autor (2014).

Ainda a respeito de minha atuação na graduação, gostaria de apresentar minha contribuição como orientador de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) em dois quadros. O primeiro (quadro 9) apresenta os TCCs que orientei no Curso de Geografia do Campus Pontal da UFU entre os anos de 2010 e 2025.

Quadro 9: Trabalhos de Conclusão de Curso orientados na Graduação em Geografia do ICHPO/UFU de 2010 a 2025.

Disciplina	Orientando	Ano
Jéssica Souza Gomes	Maternidade e autoridade feminina no espaço sagrado: o papel sociorreligioso e cultural das Ekedisnos terreiros de Candomblé.	2025
Maurio Antônio da Silva	A Geograficidade das Artes Cênicas: Um Estudo Sobre o Teatro Vianinha, Ituiutaba, MG.	2024
Artur Souza Mateus	Espacialidades do Futebol em Ituiutaba, MG. 2024.	2024
Angélica Mayara de Souza	CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre o trabalho informal e a territorialidade das sacoleiras no município de Ituiutaba – MG.	2022
Murillo Inojosa Wolf	Serra do Corpo Seco, Ituiutaba, MG: o lugar, a assombração e o mito popular a partir da Geografia das Representações.	2019
Lázara Dayane Muntaser	A Geografia das benzeções no município de Ituiutaba (MG).	2018
Wildy Fernando Silva Machado	Conservação ambiental e uso sustentável do espaço: uma proposta para a proteção da mata ciliar do Córrego dos Barus com a criação de um parque urbano na cidade de Ituiutaba, MG.	2017
Douglas Ronaldo Silva	Dinâmicas produtivas das propriedades rurais da bacia hidrográfica do Córrego da Caçada, Ituiutaba, MG.	2017

Diogo Leonardo Vieira Duarte	Festa de Nossa Senhora da Abadia: o olhar da geografia sobre a turistificação da cidade de Romaria, MG.	2017
Arnaldo Ferreira de Araújo Filho	O grupo LGBT em Ituiutaba: reflexões sociais e a cidade.	2017
Adriano Silva Oliveira	Processo de formação de territórios de prostituição em Ituiutaba (MG) nas Avenidas 25 e 27 nas décadas de 1960 e 1970.	2016
Bruno Fernando Borges Sant"Ana	Turismo e pesca recreativa no município de Tupaciguara, MG.	2016
Daniel Medeiros Maia	A opinião dos residentes.	2015
Daniel Féo Castro de Araújo	(Re)Territorialização e identidade cultural: estudo de caso dos migrantes nordestinos no bairro Novo Tempo II, em Ituiutaba, MG.	2015
Luiz Fernando Rodrigues Campos	A utilização do espaço público para realização das feiras livres em Ituiutaba, MG: o caso da feira do bairro Alcides Junqueira.	2014
Guilherme Valagna Pelisson	Análises dos usos e da ocupação turística do espaço urbano de Cachoeira Dourada de Minas (MG).	2013
Bruno de Freitas	Uso e ocupação do espaço na bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba, MG) e suas potencialidades para o desenvolvimento do turismo ecoturista.	2013
. Bárbara Luísa Martins Mariano de Souza	Usos turísticos e de lazer da Cachoeira do Córrego da Caçada, Ituiutaba - MG.	2012

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Para finalizar meu relato sobre minha experiência na graduação, apresento-lhes um quadro (quadro 10) que mostra minha participação em bancas de conclusão de cursos de graduação de alunos orientados por colegas de 1999 a 2025. Considero que colaborar com colegas e estudantes em bancas, sejam elas quais forem, é antes de tudo um ato de generosidade, de acolhimento e profundo respeito. Me sinto profundamente constrangido quando sinto que uma arguição se encaminha para fora dessas balizas. Sempre aprendi muito nas bancas, com estudos feitos por meus alunos e por discentes de outras instituições que me convidaram para suas bancas e guardo com afeto cada momento vivenciado nessas ocasiões. Para falar a verdade, creio que depois de minha aposentadoria, bancas será a única forma de convite acadêmico que pretendo seguir aceitando.

Quadro 10: Participação em bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação (1999-2025).

Ano	Discente	Trabalho	IES
2024	Maurio Antônio da Silva	A trajetória do Teatro Vianinha: um estudo sobre o Grupo Meca em Ituiutaba - MG	UFU
2024	Arthur Souza Mateus	Espacialidade do futebol em Ituiutaba – MG	UFU
2022	Antonia Aparecida da Silva.	O circuito inferior da economia urbana do Bairro Natal, Ituiutaba, Minas Gerais e os impactos no cotidiano das famílias	UFU

2022	Angélica Mayara de Souza	Circuito inferior da economia urbana: um estudo sobre o trabalho informal e a territorialidade das sacoleiras no município de Ituiutaba, MG	UFU
2021	Walisson dos Santos Torquato	Territorialidades da figura política e religiosa do Padre Cícero Romão Batista em Juazeiro do Norte (CE), Boca da Mata (AL) e Cachoeira Dourada (MG)	UFU
2019	Luiz Gustavo de Souza Araújo	A cidade das travestis: territorialidades e a produção dos lugares da invisibilidade social em uma cidade média, Ituiutaba/MG	UFU
2019	Murillo Inojosa Wolf	Serra do Corpo-Seco, Ituiutaba, MG: o lugar, a assombração e o mito popular a partir da Geografia das Representações	UFU
2018	Diego Oliveira de Aquinos	Um estudo sobre a utilização de agrotóxicos e seus riscos no cultivo da horticultura no município de Ituiutaba, NG. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia	UFU
2018	Lázara Dayane Muntaser	.A Geografia das benzeções mo município de Ituiutaba (MG)	UFU
2018	Leandro Pedro	Fragmentação socioespacial: um estudo a partir do bairro Satélite Andradina em Ituiutaba, MG	UFU
2018	Mateus Felício Nogueira	Geografia, cinema e a cidade moderna: o papel do cinema enquanto transformador do imaginário coletivo social	UFU
2017	Arnaldo Ferreira de Araújo Filho	O grupo LGBT em Ituiutaba: reflexões sociais e a cidade	UFU
2017	Maria Cristina Moreira Penna	Estudo dos principais impactos ambientais na bacia hidrográfica do Córrego do Carmo - Ituiutaba/MG	UFU
2017	Maria Cristina Moreira Penna	Movimentos sociais: espacialização e territorialização no assentamento Chico Mendes em Ituiutaba	UFU
2017	Diogo Leonardo Vieira Duarte	Festa de Nossa Senhora da Abadia: o olhar da geografia sobre a turistificação da cidade de Romaria, MG.	UFU
2017	Wildy Fernando Silva Machado	Conservação ambiental e uso sustentável do espaço: uma proposta para a proteção da mata ciliar do Córrego dos Barus com a criação de um parque urbano na cidade de Ituiutaba, MG	UFU
2016	Adriano Silva Oliveira	Processo de formação de territórios de prostituição em Ituiutaba (MG) nas avenidas 25 e 27 nas décadas de 1960-1970	UFU
2016	Bruno Fernando Borges Sant'Ana	Turismo e pesca recreativa no município de Tupaciguara, MG	UFU
2015	Fábio Souza Vieira.	Perfil populacional do bairro Ipiranga - Ituiutaba (MG)	UFU
2013	Bruno de Freitas	Uso e ocupação do espaço na bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba, MG) e suas potencialidades para o desenvolvimento do turismo ecoturista	UFU
2013	Diego Dias Martins	A evolução da agropecuária no município de Ituiutaba, MG de 1990- 2000 - 2009	UFU
2012	Gesler Wallace Matusalém	Qualidade Ambiental do Córrego Lagoinha	UFU
2011	Giliander Allan da Silva	Fragilidade ambiental da bacia hidrográfica do ribeirão São Lourenço, Ituiutaba, MG	UFU

2009	Viviane Constantino Telles	Urbanização da orla de Nova Almeida: percepção da comunidade e o potencial atrativo de visitantes	FESV
2009	Dâmaris Ferreira Fraga	O Museu Capixaba do Negro e seu uso cultural e turístico	FESV
2009	Amanda Fonseca Giese	Turismo na indústria: a experiência do projeto de visitação da Vale - Vitória - ES	FESV
2009	Ingridy Tyciany Nogueira Ramos	Planejamento turístico e paisagem: transformações no espaço litorâneo da Praia de Camburi - Vitória - ES	FESV
2009	Lara Alves Amigo	Uma estratégia de sensibilização da comunidade de Dores do Rio Preto para o turismo no Parque Nacional do Caparaó	FESV
2009	Ana Paula Coradi Azevedo	O patrimônio histórico e cultural do centro de Vitória: uma análise da percepção da demanda turística	FESV
2008	Bruna Pereira Guarnier	Turismo urbano no município de Vila Velha: potencialidades do circuito cultural do bairro da Glória	FESV
2009	Talita Alves Moure	Turismo de base local: participação e sensibilização da comunidade do entorno do Parque Natural Municipal Morro da Manteigueira	FESV
2009	Eliézer de Souza Neto	A sinalização na trilha de acesso ao Pico da Bandeira pelo Estado do Espírito Santo	FESV
2009	Luciane dos Santos Patrocínio	Turismo receptivo e segmentação de mercado: perfil e hábitos de consumo do turista adulto na Grande Vitória	FESV
2009	Narcelo Ribeiro	As interferências da monocultura do eucalipto em comunidades com potencial turístico no Estado do Espírito Santo: o caso de Barra do Riacho	FESV
2009	Edna Marques Ramos de Souza	Turismo e desenvolvimento sustentável: o Mosteiro Zem Budista de Ibraçu como elemento de conservação ambiental	FESV
2008	Bruno José Maia	Ocupação hoteleira dos hotéis da Praia da Costa filiados à ABIH-ES e propostas de redução da sazonalidade	FESV
2008	Gracielle Cabral de Souza	O Parque Botânico Vale como espaço de lazer, turismo e sensibilização ambiental na cidade de Vitória (ES)	FESV
2008	Bruna Pessin	Um olhar sobre Itaúnas: turismo, cotidiano e desenvolvimento	FESV
2008	Simone Simmer Bravim	O uso recreacional e turístico dos Parques de Vitória - ES: Parque Municipal Horto de Maruípe	FESV
2008	Altair Chung Junior	Estudo da demanda turística na hotelaria da orla da Praia da Costa - Vila Velha - ES	FESVV
2008	Aline Alcântara Vaz	A diversidade étnica na rede hoteleira do município de Vila Velha (ES): A presença do negro	FESVV
2008	Wanderson Pinto Moreira	Turismo rural no município de Venda Nova do Imigrante: O caso das famílias Carnielli e Busato	FESVV
2008	Carla Cristina Leal	Programa de Iniciação Escolar para o Turismo: A sensibilização de alunos em escolas públicas do município de Vitória (ES)	FESVV
2007	Aline Prucoli de Souza	O enoturismo nos municípios de Domingos Martins e Alfredo Chaves - ES	FESV
2007	Carla Tovar	O agroturismo em Venda Nova do Imigrante	FESV

2007	Felipe Ramaldes Corrêa	Resorts: uma análise crítica sobre os não-lugares	FESV
2007	Verônica do Carmo Macedo	Turismo cultural: o trabalho interdisciplinar de valorização da cultura no Colégio São José colaborando para a prática do turismo cultural	FESV
2007	Victor Massetti de Pinho Soares	O sistema CM soluções como ferramenta para melhoria da qualidade no atendimento na hotelaria	FESV
2006	Jaqueline Campos C de Moraes	Ilha da Baleia: um complexo de lazer marinho	FESV
2006	Ana Marietta Teles Spinola	A qualificação da mão-de-obra como diferencial para o dinamismo da hospitalidade na hotelaria	UFPA
2006	Mariza Santos Fonseca Guerra	Análise das dimensões conceituais do turismo religioso	FASB
2006	Danielle Daher de Rezende	A festa do sanfoneiro como potencial turístico de Conceição do Castelo	FESV
2006	Issa Leão Pozes Soares	O festival internacional de inverno de Domingos Martins/ES e sua contribuição para o desenvolvimento turístico local	FESV
2005	Zoraidy Carvalho Bra Simon	O transporte rodoviário do município de Santa Leopoldina e sua colaboração para o desenvolvimento turístico	FESV
2004	Juliani Dekleva Cosme	Principais Reclamações Oficiais de Usuários de Transporte Aéreo Regular no Brasil	FESV
2004	Lucy Karla Mizael	A arte de fazer panelas de barro: o primeiro ofício tombado como patrimônio cultural brasileiro.	FESV
2004	Renilda Costa e Lopes Terezinha Falco Pinudo.	O envelhecer viajando	FESV
2004	Ligiane Aparecida Modolo	O turismo como fator de promoção do desenvolvimento local: o caso do município de Domingos Martins - ES	UFES
1999	Alessandra Martinha André Ferri e Wilham James.	Desenvolvimento do Agronegócio no Município de Linhares, Através de Estratégias de Comercialização de Café	Unilinhares
1999	Carlos Andrade	O Novo Cenário da Atividade Leiteira Após a Criação do Mercosul	Unilinhares

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Os TCCs que orientei e que integrei bancas são das áreas de Geografia Física e Geografia Humana. Trazem trabalhos relacionados a temas diversos, com especial destaque para estudos rurais, bacias hidrográficas e questões urbanas de Ituiutaba. Considero de extrema importância participar de bancas de graduação. É sempre prazeroso ver nossos alunos chegando ao final de suas caminhadas na graduação e também é uma oportunidade de aprender com as pesquisas que realizam.

4.2.2 Experiência na Pós-Graduação

Em 2011, fui convidado a me credenciar como professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Negócios Turísticos (Mestrado Profissional) na Universidade Estadual do Ceará, momento em que tive minha primeira experiência com a formação de mestrandos. No PPGTUR da UECE ministrei a disciplina “Políticas Públicas e Turismo” e tive a oportunidade de levar os alunos para trabalhos de campo em diversos espaços do Ceará. Orientei 5 dissertações de mestrado, participei de bancas e eventos e, claro, pude ampliar minha rede de contatos e amigos. Permaneci no Programa até o ano de 2015, quando solicitei meu desligamento para me dedicar mais detidamente ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pntal - PGEP/UFU.

Foi nessa época que pude trabalhar ao lado da Prof^a. Dra^a. Luzia Neide M. T. Coriolano (figura 92), que além de ter feito as costuras burocráticas e políticas para viabilizar minha ida para o Mestrado em Turismo, me ajudou com as primeiras orientações, o que me deu confiança para seguir sozinho depois de um tempo. Naquela época, a Professora e eu realizamos diversos trabalhos de campo juntos e tive a oportunidade de aprender muito com ela. O nome da professora sempre me foi familiar desde os tempos do Mestrado, quando já lia seus livros e textos e, com o passar do tempo, seu nome se consolidou como um dos mais relevantes do país. Trabalhar com ela foi para mim motivo de muito orgulho.

Atualmente a professora seguiu um caminho teórico oposto ao meu, o que aliás, é um direito dela. Academicamente nós não tratamos mais dos mesmos temas, tampouco nos utilizamos dos mesmos referenciais de leitura de mundo. Porém, mesmo que estejamos em campos opostos na militância política, seguimos amigos e a respeito gigantescamente. Jamais esquecerei que foi ela quem me acolheu e me ensinou a trabalhar na pós-graduação. Sempre foi generosa comigo e serei sempre muito grato a ela.

Figura 92: Dra. Luzia Neide M. T. Coriolano (UECE).



Fonte: Acervo do autor (2015).

No Programa de Mestrado Profissional em Turismo da UECE, além das aulas que ministrei, realizamos trabalhos de campo na Serra de Ibiapaba, em Jijoca de Jericoacoara, em Canoa Quebrada, em Pacatuba e muitas outras localidades nas áreas de deslocamento até esses destinos. Trabalhei em Fortaleza em uma época muito interessante, quando a cidade se preparava para receber jogos da Copa Mundial de Futebol de 2014. Foi, sem dúvidas, um período rico, de experiências diversas, de acolhimento e de novas experiências.

Figura 93: Trabalho de campo com professores e alunos do Mestrado em Turismo da UECE em Jijoca de Jericoacoara (CE) em 2013.



Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 94: Trabalho de campo com professores e alunos do Mestrado em Turismo da UECE na Serra de Ibiapaba (CE) em 2014.



Fonte: Acervo do autor (2014)

No Programa cearense, tive as minhas 5 primeiras experiências de orientação de Dissertações de Mestrado (quadro 11). Tive a oportunidade de visitar todos os locais pesquisados por meus orientandos e passei mal em absolutamente todas as bancas (as defesas pareciam ser minhas). Além das dissertações, pude produzir com colegas e alunos alguns importantes artigos para publicação em eventos, livros organizados e periódicos.

Quadro 11: Orientações concluídas de Mestrado no Programa de Pós Graduação – Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da UECE

Orientando(a)	Título	Ano
Gheysa Mara Carneiro Paiva	A natureza, a cultura e o patrimônio como pilares da dinâmica turística de Pacatuba, CE.	2015
Fernanda Rilna Fonteles Nascimento	A oferta de lazer para o segmentado mercado LGBT na cidade de Fortaleza, Ceará.	2015
Francisco Irapuan Ribeiro	O Ecoturismo e o Turismo de Aventura na Chapada da Ibiapaba com foco em Tiamguá, CE.	2014
Silvia Helena Timbó Dias	Os transportes no turismo e os passeios de <i>Buggy</i> em Cumbuco, CE.	2014
Dárdano Nunes de Melo	Estratégia de desenvolvimento do turismo na perspectiva da economia solidária: uma proposta para Fortaleza.	2013

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Quando o Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal foi criado (eu participei da equipe de professores do quadro docente inicial), eu ainda trabalhava no Ceará e iniciei minhas ações no PPGEP já com a experiência de 5 dissertações orientadas. Porém, o PPGEP me trouxe uma experiência diferente, afinal de contas, foi minha primeira experiência em um programa em minha área de formação.

Desde 1990 até a presente data, 36 anos de magistério se passaram. Tomando por base a média de idade de meus colegas de curso, vejo que demorei um pouco para finalizar meu doutorado e entrar na carreira do magistério Federal. Na década de 1990, quando fiz meu mestrado na USP, o acesso a este nível de qualificação era bem mais difícil, ainda mais para alguém como eu, cuja família tinha limitações para ajudar e ainda não tive bolsa de estudos. Tive que trabalhar muito durante o mestrado para conseguir finalizá-lo em 3 anos, tempo bastante aceitável para década de 1990.

Às vezes, quando vejo hoje meus alunos acessando o mestrado em Geografia no Campus Pontal da UFU, fico imaginando como já avançamos como sociedade dos anos 1990 para cá. Afinal de contas, naquela época, mestrados eram poucos, de difícil acesso e localizados basicamente em capitais de Estados ou em importantes cidades do interior paulista. Um ou outro programa de pós-graduação fugia à essa lógica.

Mas hoje em dia, felizmente, esse quadro está transformado. Jamais imaginei na minha juventude trabalhar em um campus avançado de uma universidade federal localizado em uma cidade com pouco mais de 100 mil habitantes, Ihá 670 km da capital do Estado e em pleno Cerrado brasileiro. Nos meus tempos de estudante isso era algo inimaginável.

Foi com a ampliação da cobertura territorial da rede federal de ensino universitário ocorrido a partir do REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão da Rede de Ensino Superior) que essa realidade se tornou possível. O REUNI foi um programa do governo federal criado e implantado pelo Ministério da Educação durante a gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre 2007-2008, para reorganizar, ampliar e fortalecer a oferta de ensino superior no país, sobretudo por meio da construção de novos campi, ampliação de vagas, criação de cursos e melhoria da infraestrutura existente. Foi nesse contexto que a já consolidada Universidade Federal de Uberlândia deu um passo adiante, abrindo campis em três municípios do Triângulo Mineiro: Ituiutaba, Patos de Minas e Monte Carmelo.

Acho natural que, depois de alguns anos de funcionamento, os cursos de graduação atingissem maturidade para desejarem alçar voos mais elevados e creio que foi exatamente esse o

caso do curso de Geografia do Campus Pontal. Depois de formar algumas turmas de estudantes, veio o desejo, o sonho de abrir um programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em Ituiutaba.

O PPGE/UFU foi efetivamente implantado em dezembro de 2014. Como já disse, desde a fase da elaboração do projeto do curso eu estive presente no grupo de professores interessados em fazer parte do corpo docente. Quando o PPGE foi aprovado e implantado, solicitei meu desligamento do Programa de Pós-Graduação em Turismo da UECE, para que minha produção não fosse dividida e potencializasse o Programa do ICHPO/UFU.

Criei a disciplina optativa “Desenvolvimento Local, Cultura e Turismo”, que foi oferecida em 4 oportunidades, como se vê no quadro 12. Porém, acho interessante citar que a área de cultura interessou bem mais aos alunos que a área de turismo. Sobre turismo, propriamente, orientei apenas dois trabalhos. O quadro que segue traz a minha oferta geral e disciplinas no PPGE entre 2015 e 2024.

Quadro 12: Oferta de disciplinas na pós-graduação (PPGEP/UFU), 2015-2024.

Disciplinas	Período de oferta	Turno
Desenvolvimento Local, Cultura e Turismo	2º Semestre – 2022 1º Per. Esp. – 2020 1º Semestre – 2020 1º Semestre - 2016	Vespertino
Fundamentos Teóricos e Metodológicos em Geografia	1º Semestre – 2019 1º Semestre - 2015	Vespertino
Estágio de Docência	2º Semestre – 2023 1º Semestre – 2023 2º Semestre – 2022 2º Semestre – 2021 1º Semestre – 2017 2º Semestre - 2015	Vespertino

Fonte: Portal Docente/UFU. Acessado em 03 jan. 2026.

Penso que tomei uma boa decisão em me dedicar somente ao PPGEP, pois estava fazendo a transição da área de pesquisa, ampliando meus estudos da área de turismo para abarcar também os temas culturais. Uma vez desligado, toda minha produção foi absorvida pelo PPGEP/UFU, onde atuei até 2024, totalizado 9 anos de contribuição. Apenas para ilustrar, apresento duas imagens de defesas de discentes (figuras 95 e 96).

Figura 95: Primeira turma de discentes do PPGEP/UFU



Fonte: Acervo do autor (2023)

Figura 96: Defesa de meu orientando Tarcísio Luiz Cândido



Fonte: Acervo do autor (2024)

Enquanto estive no PPGEP, procurei atuar como líder de grupo de pesquisa, participei de congressos nacionais e internacionais, organizei eventos locais, nacionais e internacionais, orientei alunos, apoiei a coordenação atuando no Colegiado do Programa, busquei valorizar o Programa em minhas publicações, citando-o, entre outras ações. Em relação às orientações, como se vê no Quadro 13, lhes conto que orientei 11 dissertações, sendo duas sobre turismo e 9 sobre temas culturais.

Quadro 13: Orientações concluídas de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal/UFU.

Orientando(a)	Título	Ano
Tarcísio Luiz Cândido.	Venha ver o Congo passar, que coisa mais bela! o turismo cultural em Ituiutaba, Minas Gerais.	2024
João Paulo Miros Neves	O Corpo, a dança e os territórios da Congada: um estudo sobre a expressão corporal como ato de resistência negra em Ituiutaba – MG.	2023
Helier Gomes Muniz Fernandes	Paisagem, patrimônio e dinâmica turística de Peirópolis, Uberaba-MG.	2023
Jonas de Alves Bessa.	Representações das paisagens do Cerrado (MT) na iconografia do artista Benedito Nunes.	2023
Natália Caroline Silva Nery	Espaços de sociabilidade e solidariedade na comunidade rural do Córrego Santa Rita (Ituiutaba, MG).	2022
Jonas Alves Bessa	Representações das paisagens do Cerrado na iconografia de Benedito Nunes.	2021
Leonardo Sebastião D. de Souza	Conflitos Territoriais e Resistência Cultural da Umbanda e do Candomblé em Ituiutaba - Minas Gerais.	2019
Mohamed Moudjabatou Moussa.	Microfinanciamento como estratégia de promoção do desenvolvimento da cunicultura em Allada, Benin e o combate à pobreza na busca do desenvolvimento local.	2019
Marília Cristina de Almeida da Silveira	Tradições alimentares do Cerrado sob a ótica da Geografia Cultural.	2019
Midiane Scarabeli Alves Coelho da Silva.	Geografia e cinema: imaginários e representações do espaço urbano de Contagem - MG e Belo Horizonte - MG.	2017
Luana Regina Mendes Rafael	Entre o ritmo, a cor e o movimento: as territorialidades na festa de Congada da cidade de Ituiutaba/MG.	2016

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Outro aspecto de minha contribuição na pós-graduação foi a participação constante em bancas de Teses, Dissertações e Exames de Qualificação. O Quadro 14, a continuação, apresenta um panorama das bancas nas quais pude atuar como avaliador.

Quadro 14: Participação em bancas de Teses, Dissertações e Exames de Qualificações na Pós-Graduação

Ano	Nível	Discente	Trabalho	IES*
2025	Mestrado Profissional	Maykon Favoritto Araújo	Água que corre, vida que brota: o desenho como metodologia de ensino sobre o ciclo da água e a morfologia das bacias hidrográficas na Geografia Física	IFGO
2025	Doutorado	Diego Uliano Rocha	Políticas públicas como produtoras do espaço: turismo e formação territorial no Sudeste Brasileiro	UFU
2024	Mestrado Acadêmico	Tarcísio Luiz Cândido	Venha ver o Congo passar, que coisa mais bela: o turismo cultural em Ituiutaba, MGs	UFU

2024	Qualificação Doutorado	Daiane Dizielle Meireles Soares Macêdo	. Percepção ambiental: da topofilia à paisagens do medo, Brumadinho - MG	UFU
2023	Mestrado Acadêmico	Helier Gomes Muniz Fernandes	Paisagem, patrimônio e dinâmica turística de Peirópolis, Uberaba-MG.	UFU
2023	Mestrado Acadêmico	Jonas de Alves Bessa	Representações das paisagens do cerrado na iconografia do artista Benedito Nunes	UFU
2023	Doutorado	César Augusto Otálvaro Sierra	Território indígena colombiano e o interesse turístico: as transformações da natureza em Caño Bocón, Departamento do Guaiânia, Colômbia	UFU
2023	Qualificação Mestrado	João Paulo Miros Neves	O corpo, a dança e os territórios da Congada: um estudo sobre a expressão corporal como ato de resistência negra em Ituiutaba - MG	UFU
2022	Mestrado Acadêmico	Karina Correa do Carmo Gonçalves	A territorialidade da fé em Nossa Senhora da Abadia no município de Ituiutaba/MG.	UFU
2022	Mestrado Acadêmico	Leonardo Giácomo	Essência do queijo artesanal: desafios para manutenção das territorialidades dos pequenos produtores de queijo canastra em São João Batista da Serra da Canastra, distrito de São Roque de Minas/MG.	UFU
2022	Mestrado Acadêmico	Natália Caroline Silva Nery	Espaços de sociabilidade e solidariedade na comunidade rural do Córrego Santa Rita (Ituiutaba, MG)	UFU
2022	Doutorado	Josilene Cavalcante Corrêa	Geografia e pesca: saberes tradicionais, percepções e conflitos no litoral centro-sul do Espírito Santo	UFES
2022	Qualificação Mestrado	Karina Correa do Carmo Gonçalves	A territorialidade da fé Nossa Senhora da Abadia no município de Ituiutaba/MG	UFU
2022	Qualificação Mestrado	Aline Calegari de Andrade	Impactos da pandemia da covid-19 aos agricultores familiares feirantes do município de Ituiutaba, MG	UFU
2022	Qualificação Mestrado	Natália Caroline Silva Nery	Espaços de sociabilidade, lazer e solidariedade na comunidade rural do Córrego Santa Rita (Ituiutaba, MG)	UFU
2022	Qualificação Mestrado	Jonas de Alves Bessa	Representações das paisagens do Cerrado na iconografia do artista Benedito Nunes	UFU
2022	Qualificação Mestrado	Helier Gomes Muniz Fernandes	Paisagem, patrimônio e dinâmica turística de Peirópolis, Uberaba-MG	UFU
2022	Qualificação Mestrado	João Paulo Miros Neves	O corpo, a dança e os territórios da congada: um estudo sobre a expressão corporal como ato de resistência negra em Ituiutaba	UFU
2021	Mestrado Acadêmico	Marília Cristina de Almeida Silveira	A Geografia Cultural e os sabores do Brasil Central: Produção, Circulação, comercialização e consumo de alimentos do Cerrado em Ituiutaba, MG	UFU
2021	Mestrado Acadêmico	Diego Pinto de Mendonça	Caminho de Cora Coralina em Goiás: significados, usos e relações sociais	UFG

2021	Mestrado Acadêmico	Graciele Rodrigues Ribeiro	A contribuição do turismo pedagógico para a efetivação do Decreto N° 8636/2016	Unipampa
2021	Mestrado Acadêmico	Eline Tosta Felipe	Museus da Grande Vitória (ES): Lazer, socialização possibilidades de conhecimento e identidade cultural	UFES
2021	Qualificação Doutorado	Daniel Féo Castro de Araújo	Internacionalização da agricultura: o setor sucroalcooleiro no Estado de Minas Gerais no contexto da mundialização do capital	UnB
2021	Qualificação Mestrado	Anajá Souza Santos	A escuta de velhas sujeitas: o Conselho Internacional das Treze Avós Nativas e a prática historiográfica no mundo pós-coronário	UFU
2021	Qualificação Mestrado	Leonardo Giácomo	Sabor do queijo: manutenção do território dos produtores de Queijo Artesanal Canastra em São João Batista da Canastra/MG	UFU
2020	Mestrado Acadêmico	Ludmylla Arantes de Andrade	O lixo nosso de cada dia: os catadores informais e o circuito inferior da economia urbana em Ituiutaba, MG	UFU
2020	Mestrado Acadêmico	Maicon Lemos Sathler	Espaço e religião: um estudo sobre sacralidade em Vitória (ES). O caso do Monte Horebe (Morro da Gamela)	UFES
2020	Qualificação Mestrado	Leonardo Sebastião Delfino de Souza	Territorialidades da intolerância religiosa: resistência cultural e o preconceito contra a Umbanda e o Candomblé em Ituiutaba, MG	UFU
2020	Qualificação Mestrado	Diego Pinto Mendonça	Trilhas de Longo Curso e o processo de turistificação do Caminho de Cora Coralina	UEG
2019	Mestrado Acadêmico	Silvânio de Cássio da Silva	Percepção ambiental dos moradores sobre o Loteamento Nova Ituiutaba I e II no município de Ituiutaba, MG	UFU
2019	Mestrado Acadêmico	Mohamed Moudjabatou Moussa	Microfinanciamento como estratégia de promoção da cunicultura em Allada, Benin e o combate à pobreza na busca do desenvolvimento local	UFU
2019	Doutorado	Ricardo da Silva Costa	Resiliência camponesa e atos territoriais em espaços reocupados pelos interesses do setor sucroalcooleiro: Tupaciguara, MG	UFU
2019	Doutorado	Eleuza Maria Leão	Mulheres quilombolas e ações de afirmação territorial - Uruaçu, GO	UFU
2019	Qualificação Mestrado	Geisa Candida da Silva Gonçalves	Políticas públicas voltadas para a população idosa: uma análise do município de Ituiutaba, MG	UFU
2019	Qualificação Mestrado	Ludmylla Arantes de Andrade.	O lixo nosso de cada dia: os catadores informais e o circuito inferior da economia urbana em Ituiutaba, MG	UFU
2018	Mestrado Acadêmico	Luana Regina Mendes Rafael	Entre o ritmo, a cor e o movimento: as territorialidades na festa de congada da cidade de Ituiutaba/MG	UFU
2018	Doutorado	Gina Soledad Lobato Cordeiro	O jardim Andino: da mestiçagem cultural à outra paisagem em Cuenca dos Andes.	UFU
2018	Qualificação Mestrado	Jéssica Oliveira Barbosa.	Limpeza urbana e qualidade ambiental no conjunto habitacional "Nova Ituiutaba I" na cidade de Ituiutaba, MG	UFU

2018	Qualificação Mestrado	Silvanio de Cássio Sa Silva.	Percepção ambiental dos moradores do loteamento Nova Ituiutaba I e III do município de Ituiutaba, MG	UFU
2018	Qualificação Mestrado	Mohamed Moudjabatou Moussa.	O microfinanciamento como estratégia de promoção da cunicultura em Aladá, Benin	UFU
2017	Mestrado Acadêmico	Isley Borges da Silva Junior	Espaço, cultura e religião: um olhar para o neopentecostalismo underground	UFU
2017	Mestrado Acadêmico	Midiane Scarabeli Alves Coelho Silva	Geografia e cinema: imaginário e representações do espaço urbano de Contagem-MG e Belo Horizonte-MG	UFU
2017	Qualificação Mestrado	Luana Regina Mendes Rafael.	As dinâmicas territoriais da festa da Congada na cidade de Ituiutaba, MG.	UFU
2016	Mestrado Acadêmico	Bruno de Freitas	Cidade, gênero e territorialidades LGBT em Uberlândia MG	UFU
2016	Qualificação Mestrado	Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo	Metodologia de análise do Plano Diretor sob a ótica da sustentabilidade ambiental e cidade saudável: o caso dos municípios Ituiutaba, Uberlândia e Belo Horizonte	UFU
2015	Mestrado Profissional	Gheysa Maria Carneiro Paiva	A natureza, a cultura e o patrimônio como pilares da dinâmica turística de Pacatuba, CE	UECE
2015	Mestrado Profissional	Fernanda Rilna Fonteles Nascimento	A oferta de lazer para o segmento de mercado LGBT na cidade de Fortaleza, CE	UECE
2015	Qualificação Mestrado	Gheysa Mara Carneiro Paiva	A natureza, a cultura e o patrimônio como pilares da dinâmica turística de Pacatuba, CE	UECE
2015	Qualificação Mestrado	Fernanda Rilna Fonteles Nascimento	A oferta de lazer para o segmento de mercado LGBT na cidade de Fortaleza, CE	UECE
2014	Doutorado	Lilian Carla Moreira Bento	Parque Estadual do Ibitipoca/MG: potencial geoturístico e proposta de leitura do seu geopatrimônio por meio da interpretação ambiental	UFU
2014	Mestrado Profissional	Francisco Irapuan Ribeiro	Ecoturismo e turismo de aventura na Chapada de Ibiapaba, CE	UECE
2013	Mestrado Acadêmico	Cristina Buratto Cross Machado	O território da pesca artesanal em Barra Velha/SC: Colônia Z4 entre a tradição e a modernidade	Unioeste
2013	Mestrado Acadêmico	Beatriz Mauro Zandonadi	O agroturismo e as transformações sócio-espaciais em Venda Nova do Imigrante - ES	UFES
2013	Mestrado Acadêmico	Josilene Cavalcante Corrêa	Territorialidades e resistências da Comunidade de Pescadores de Ubu e Parati ao polo industrial de Anchieta, ES	UFES
2013	Doutorado	Edevaldo Aparecido Souza	O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar, em Quirinópolis/GO.	UFU
2013	Qualificação Mestrado	Paulo Roberto Abreu de Oliveira	Guaramiranga - CE: Do Lazer das segundas residências ao turismo dos festivais	UECE
2012	Doutorado	João Carlos Geraldo	Contribuição para a caracterização das atividades de turismo em espaço rural em propriedades de médio e grande	UNESP

			porte na zona de cuevas do Estado de São Paulo.	Presidente Prudente
2011	Mestrado Acadêmico	Fernando Braconaro	A Geografia da Pesca: Modo de vida e lazer na bacia do rio Araguari	UFU
2011	Doutorado	Viviane Veiga Shibaki	Ícones urbanos na Metrópole de São Paulo.	USP
2010	Doutorado	Paulo Sergio da Silva	O público e o privado na gestão das potencialidades e fragilidades turísticas no município de Sacramento - MG	UFU
2010	Doutorado	Jean Carlos Vieira Santos	Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre a Lagoa de São Simão e Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano.	UFU
2010	Qualificação Doutorado	Jean Carlos Vieira Santos	Políticas públicas de regionalização e criação de novos destinos turísticos no Baixo Vale Paranaíba goiano	UFU

Currículo Lattes do autor (2026).

Durante o isolamento social da pandemia de covid-19, senti que deveria me dedicar mais a mim e à minha família. Minha mãe adoeceu gravemente com o herpes zoster e chegou a ficar em uma situação de grande seriedade. Vi-me impedido de cuidar de minha mãe, pois nem havia formas de ir para o interior do Espírito Santo onde ela mora. Havia ainda o risco de ir até ela e levar a covid-19 na bagagem, o que poderia ser fatal para ela, dada às comorbidades (idade e pressão alta) e ao agravamento do quadro de saúde com a herpes. Foram meses e meses de desespero, ao mesmo tempo em que a onda de mortes causada pela covid-19 levou parentes, amigos, professores e colegas.

Após a fase aguda da pandemia, com a vacinação em massa, pude finalmente ver minha mãe que ainda estava acamada. Sua saúde deteriorara-se visivelmente e como consequências do tratamento, ela sofreu um acidente vascular cerebral que a acometeu repentinamente, quando já se sentia relativamente bem recuperada do herpes zoster.

Junto a isso, vieram minhas próprias limitações de saúde, outros compromissos e interesses em minha vida pessoal e, então, decidi que era hora de (re)planejar minha vida acadêmica para passar mais tempo com minha família, assim como cuidar melhor de algumas pessoas que dependem de meus cuidados em Ituiutaba. Foi neste contexto que se deu meu desligamento do PPGE em dezembro de 2024. Antes de sair do quadro docente, porém, assegurei-me de não deixar nenhum aluno com pendências documentais ou sem orientação de Dissertações. Todos os discentes que aceitei foram levados à defesa.

Senti que já havia dado a minha contribuição e que, agora, poderia me dedicar a outros projetos pessoais, profissionais e familiares. Às vezes sinto saudades do Mestrado, mas sei que preciso, pelo menos nesse momento, estar atento às demandas de pessoas que amo e para as quais devo muito. Um dia, quem sabe, conseguirei voltar. Até lá, desejo de coração que os colegas que ainda atuam na Pós-Graduação sejam mais reconhecidos pelo Estado e pela sociedade; que possam contar com mais editais de apoio; que desfrutem de mais destinação de verbas; mais bolsas para discentes e que tenham mais liberdade para produzirem conhecimentos da forma que gostam e que sabem, sem os enquadramentos homogeneizantes dos órgãos de governo que controlam e elitizam a produção do discurso de ciência no Brasil.

5 PESQUISA E EXTENSÃO COM FOCO NAS COMUNIDADES E TERRITÓRIOS

Minha trajetória como pesquisador e extensionista tem sido marcada por uma busca constante de diálogos entre o estudo acadêmico e a prática com as comunidades. Esse é, sem dúvidas, uma das bases de sustentação do pensamento sociointerativo vigotskyano. Nesse tópico, tratarei de minha trajetória na pesquisa e na extensão com foco nas comunidades externas à Universidade.

5.1 Pesquisa

Ao longo dos anos 1992 a 2010, desenvolvi um interesse profundo pelos impactos socioterritoriais das atividades turísticas e pela riqueza cultural das tradições locais capixabas. Essa relação entre teoria e prática orientou minhas escolhas metodológicas, minhas interlocuções com gestores públicos e comunidades, bem como a forma como apresentei os resultados, sempre buscando o olhar dos residentes, a valorização do setor receptivo e a compreensão das dinâmicas socioespaciais. Em outras palavras, sempre busquei estudar o turismo desde o prisma do território turistificado, não me aprofundando muito em temas mais empresariais.

Na segunda fase, que corresponde aos anos 2010-2025, mantive meu interesse no setor turístico, mas ampliei os horizontes de pesquisa para abarcar temas culturais, festas populares, religiosidade e questões de Direitos Humanos e relações étnico-raciais. Os textos que seguem apresentam uma síntese de minha trajetória como pesquisador nessas duas fases.

5.1.1 Primeira fase: entre o mar, as serras e as comunidades do Estado do Espírito Santo

Na primeira fase (1992-2010), embalado pela onda do discurso da sustentabilidade dos anos 1990, dediquei-me aos estudos do turismo receptivo com foco nos impactos socioterritoriais dessa atividade, além de alguns estudos de base cultural. O Espírito Santo figurou como o principal espaço de investigação, especialmente no que diz respeito ao turismo litorâneo, ao turismo no meio rural e suas dinâmicas locais. Nessa etapa, procurei mapear relações entre visitantes, comunidades anfitriãs e recursos naturais, buscando entender como o turismo poderia contribuir para o desenvolvimento sustentável, sem perder a identidade regional. Destaco minha Dissertação de Mestrado que, na

época, foi considerada a primeira pesquisa brasileira sobre o fenômeno do agroturismo e uma das primeiras sobre turismo rural no país.

Também destaco estudos sobre o litoral do Espírito Santo, com diversos trabalhos publicados em Anais de eventos nacionais e internacionais de Geografia e Turismo. O turismo litorâneo capixaba tinha, naquela época, algumas características que sempre me fascinaram como pesquisador: baixa coesão e articulação entre os destinos, elevada quantidade de segundas residências, urbanização desordenada de orlas, baixa inserção social de comunidades tradicionais (sobretudo comunidades de pescadores), entre outros. E foi justamente essa paixão pelo litoral ocupado por grupos tradicionais que me levou a escolher o litoral norte como recorte de estudos de minha Tese doutoral, que se focou nas 5 comunidades de pescadores da Planície Costeira do baixo Rio Doce.

Com exceção de minha Dissertação de Mestrado e minha Tese de Doutorado, nesse período eu não cheguei a estruturar outras pesquisas de peso, com financiamento externo, pois eu era um professor de instituições privadas e os órgãos de fomento não costumavam financiar estudos de professores com o meu perfil. Lembro que nessa primeira fase eu possuía apenas o título de Mestre, pois a defesa de meu Doutorado ocorreu somente em 2010.

As pesquisas acadêmicas que realizei foram, portanto, predominantemente pequenas, com resultados suficientes apenas para produzir artigos para periódicos e eventos. O grande destaque desse período fica, porém, para o projeto “Turismo, Memória e Patrimônio Cultural”, desenvolvido como projeto docente sem financiamento vinculado à Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade Estácio de Sá de Vitória. Esse projeto resultou em dois trabalhos de Iniciação Científica publicados em 2003 e, em 2004, na publicação do livro que leva seu nome, posto no mercado pela Editora Rocca, de São Paulo.

Ainda nesse período, orientei mais 3 outras Iniciações Científicas que derivaram de outros projetos de pesquisa docente sem financiamento, também vinculados à Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade Estácio de Sá de Vitória. O quadro 15, que segue, traz os trabalhos que surgiram dos referidos projetos.

Quadro 15: Orientações de Iniciação Científica entre 2003 e 2009.

Discente	Projeto	Ano	Apoio
Guilherme Scarpi Nespoli	Impactos positivos e negativos do crescimento do setor de hidrocarbonetos sobre a organização da atividade turística	2009	

	em Pontal do Ipiranga (Linhares-ES)		Programa Institucional de Apoio à Iniciação Científica da Faculdade Estácio de Sá de Vitória.
Rachel Barros Leite Maciel	Turismo cultural em conservatória: um estudo da musicalidade como fator de turistificação.	2005	
Marcelo Barbosa	Turismo e políticas públicas de segurança no Espírito Santo.	2004	
Vilma Barroso Lopes	Turismo e desenvolvimento com base local: o caso do tombamento do sítio histórico de Muqui - ES.	2003	
Patrick José dos Santos	Turismo e patrimônio cultural em vilas rurais: São Pedro do Itabapoana o renascer do tempo de glória.	2003	

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Em todas as Iniciações Científicas citadas houve intenso trabalho de campo e, neles, pudemos (os alunos e eu) trabalhar diretamente com as comunidades dos territórios turistificados. Fico feliz em dizer que tive bons resultados em despertar nos meus orientandos a paixão pela pesquisa-ação, pela pesquisa participante e pela escuta sensível das vozes locais. Mas admito que nessa época eu ainda estava amadurecendo as metodologias que mais tarde seriam norteadoras de minha Tese de Doutorado e que foi somente depois dela (da Tese) que me senti realmente confiante de realizar ações mais ousadas no campo da pesquisa acadêmica de caráter participativo.

5.1.2 Segunda fase: Turismo, cultura e identidade em terras mineiras e uma paixão chamada Ceará

Na segunda fase da minha trajetória no campo da pesquisa sobre o turismo, cito uma paixão que nasceu do inesperado convite para trabalhar no Ceará. Refiro-me, como já dito, à minha participação no Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará. Essa experiência ampliou horizontes teóricos e metodológicos, conectando o estudo da gestão turística a necessidades locais específicas. O Ceará proporcionou um ambiente fértil para eu pensar em estratégias de gestão, desenvolvimento regional e participação comunitária, levando em consideração as especificidades culturais, econômicas e territoriais do Estado.

Desenvolvi uma relação afetiva com o Ceará, mais especialmente com Fortaleza, a cidade que aprendi a amar profundamente. Meus 20 dias de trabalho anual (presencial) na capital cearense eram uma grande aventura disfarçada de trabalho. Ou seria o contrário? Seja como for, em minhas estadas em Fortaleza eu dedicava horas e horas a andar pelas ruas, pelo Mercado, pelos sítios

históricos, pelos lugares turísticos, mas também pela periferia, pelas antigas vilas de pescadores da região metropolitana e ocasionalmente em praias famosas do litoral: Lagoinha, Flexeiras, Mundaú, Canoa Quebrada, Cumbuco e Jericoacoara. A praia do Futuro, em Fortaleza, que tantos reclamam, para mim era um pedaço do paraíso no qual desfrutei muitas manhãs de sol.

Entre 2014 e 2018, realizei minha primeira grande pesquisa de ponta em Ituiutaba, com financiamento do CNPq e com a parceria de dois colegas de trabalho: Gerusa Gonçalves Moura e Paulo Cezar Mendes. A pesquisa consistiu em um diagnóstico quali-quantitativo de 7 bacias hidrográficas de Ituiutaba, que envolveu visita e aplicação de um questionário em 268 propriedades rurais. Foi uma pesquisa épica, uma grande aventura, que mobilizou dezenas de professores, alunos voluntários, motoristas da universidade, pessoal técnico-administrativo, bolsistas, além de estudantes do Ensino Médio e da África. A tabela 2, a seguir, apresenta em números a abrangência da pesquisa de campo desse projeto.

Tabela 2: Propriedades rurais visitadas nas bacias eleitas para a pesquisa.

Bacia	Base ANVAP, 2003*	Total de propriedades visitadas	Total de propriedades da amostra**	Percentual de entrevistas em relação ao total de propriedades
Ribeirão São Vicente	82	67	63	94,2%
Córrego da Caçada	26	17	13	76,8%
Córrego dos Pilões	44	43	35	81,17%
Córrego da Areia	37	35	30	85,5%
Córrego do Baú	102	97	68	70,1%
Córrego Santa Rita	68	37	25	67,2%
Rio São Gabriel	44	41	34	82,9%
Total:	403	337	268	79,5%

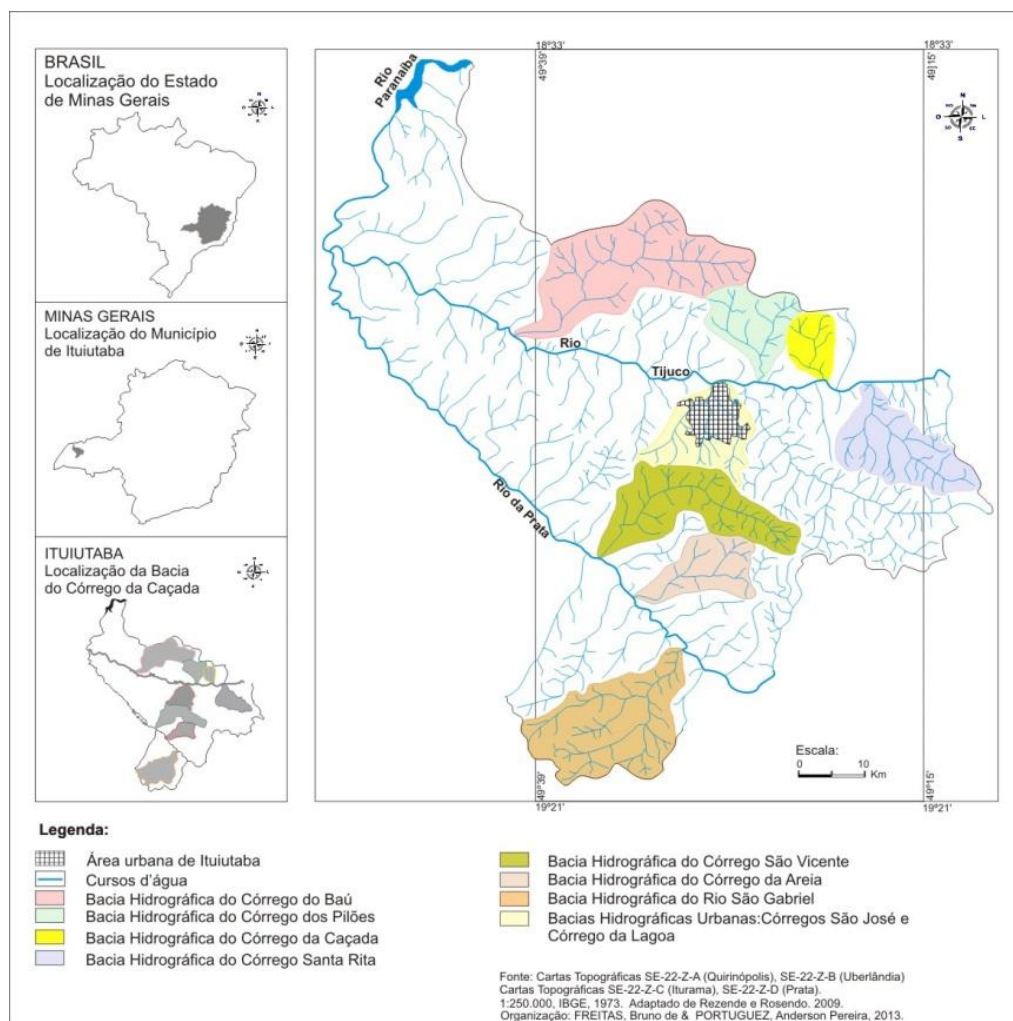
*Mapa da zona rural de Ituiutaba com localização das sedes de fazendas, que serviu de ponto de partida da pesquisa.

**Propriedades nas quais aplicamos questionários.

Fonte: Portuguez (2020, p. 25).

A figura 97, que segue, mostra a localização das 7 bacias hidrográficas trabalhadas no projeto. As bacias hidrográficas da zona urbana (Córrego do Carmo, Córrego São José e Córrego Pirapitinga), embora não façam parte do universo inicialmente delimitado para a pesquisa, foram em parte estudadas para elaboração de TCCs e artigos de alguns alunos.

Figura 97: Município de Ituiutaba: Localização das bacias hidrográficas estudadas.



Fonte: (Portuguez, 2020, p. 26).

O objetivo foi produzir um diagnóstico rural amplo, contemplando três eixos centrais: a relação dos moradores do meio rural com o meio ambiente do Cerrado; a saúde coletiva e a saúde ambiental; e as dinâmicas econômicas e perspectivas de futuro no âmbito de cada bacia. Pela natureza da pesquisa, a coleta de dados em campo se deu ao longo de todo o processo, com retornos periódicos às comunidades para a divulgação de diagnósticos parciais e a proposição de ações coletivas para melhoria das condições de vida em cada uma das bacias pesquisadas.

Esse trabalho me mostrou com dados claros que o turismo era pouco compreendido pelos produtores rurais, assim como pelos políticos e empresários locais:

- O turismo é uma atividade não dimensionada, não havendo em Ituiutaba nenhum inventário atualizado, tampouco mapeamento turístico atualizado com bases cartográficas de qualidade;
- Há no meio rural um grande desconhecimento sobre o papel do turismo como forma de promoção do desenvolvimento local;
- Ituiutaba não possuía nenhum curso de Turismo presencial ativo em 2014. Não havia, portanto, um espaço de produção de saberes na área e nem estudos básicos que pudessem me nortear sobre potencialidades locais efetivas;

- O Governador Aécio Neves não tinha muito interesse em políticas efetivas de turismo de base regional no chamado “Circuito Águas do Cerrado”, que incluía Ituiutaba, de forma que o circuito jamais saiu do papel;
- Em escala regional, Ituiutaba funciona muito mais como espaço emissor de turistas, que receptor;
- O setor de hotelaria de Ituiutaba era (e ainda hoje é) profundamente deficitário e carente de capacitação;
- O setor de gastronomia é pouco profissionalizado e pouco competitivo em comparação com outros centros regionais, como Uberaba e Uberlândia;
- O lazer é um campo de pesquisa bastante interessante, tanto na área urbana, quanto rural. Porém, também carece de investimentos e planejamento;
- A Prefeitura Municipal não dispõe de uma política clara e eficiente de proteção do patrimônio material e imaterial da cidade. Muitos casarões antigos da cidade foram demolidos nos últimos 5 anos e as ações de salvaguarda da cultura local são lentas e ineficientes;
- A cultura negra é, sem dúvidas, o grande ativo potencial da cidade. Porém as políticas de incentivo à Congada, por exemplo, refletem o olhar racista e elitista que se tem sobre a cultura afro-brasileira. Sempre há recursos para realização de festas municipais com atrações do movimento “pop sertanejo”, mas raramente há verbas para as festas do catolicismo negro, que é a grande marca identitária da cidade;
- Ituiutaba não tinha nenhuma empresa de turismo receptor, não possuía nenhum restaurante ou hotel no meio rural, não possuía área regulamentada para camping e muitas de suas cachoeiras são inacessíveis por estarem em propriedades rurais privadas.

Como visto, havia muito a se estudar e se fazer em Ituiutaba e região em favor do turismo. Até tentei montar grupos de estudos, projetos setoriais, mas não obtive muito sucesso. Foram raros os alunos do curso que aceitaram ser orientados nessa área, assim como os mestrandos do PPGEP, que demonstravam pouco interesse pelo setor.

Mas isso não foi uma característica única de Ituiutaba. Em Fernandes e Portuguese (2023), observamos que após a década de 2010 houve uma redução drástica na produção da Geografia do Turismo em escala nacional. Tal redução pode ser explicada pela combinação de diversos fatores:

- Fechamento de muitos cursos de Turismo no Brasil, o que produziu uma cadeia de arrefecimentos que atingiu a Geografia;
- Emergência de crises conjunturais no Brasil, que resultou na diminuição gradual de investimentos em pesquisas na área de Geografia Humana;
- (Re)Surgimento de novos campos temáticos na Geografia²², o que fez cair significativamente o quantitativo de trabalhos sobre turismo nos eventos nacionais e internacionais, assim como também diminuiu a produção de Teses e Dissertações em escala nacional;

²² Alguns exemplos: saúde coletiva e saúde ambiental, insegurança alimentar, geopolítica global pós atentados terroristas da década de 2000, expansão e impactos do agronegócio, crescimento de redes sociais e surgimento de novas tecnologias de comunicação em massa, novas geotecnologias, a substituição das licenciaturas presenciais pelo ensino EAD nas instituições privadas, mudanças no Ensino Médio, emergência dos estudos afro-brasileiros e indígenas na Geografia, crises políticas e econômicas no Brasil, crimes e insegurança urbana, questões fundiárias e questões agrárias contemporâneas, entre outros temas.

- Entre o final da década de 2000 e início da década de 2010 os cursos de Geografia se tornaram praticamente restritos às universidades públicas. A maior parte das ofertas em instituições privadas (que já não tinha a pesquisa como foco) migrou para o modelo EAD (menos produtivo). Nas instituições privadas, a formação em Geografia privilegiou a licenciatura, cujo escopo de produção intelectual versa sobre educação e ensino.
- O mercado editorial entrou em crise: fechamento de livrarias em todo o país, fechamento de editoras, redução de linhas de interesse de publicação etc. Tudo isso ajudou a diminuir o volume de trabalhos sobre Geografia do Turismo. A emergência dos periódicos científicos como canais privilegiados para qualificação curricular fez com que os livros ficassem em segundo plano e, no conjunto, tais fatores fizeram reduzir os canais de publicações da Geografia do Turismo. Mesmo com a abertura de editoras especializadas em *e-books* o quadro do sistema editorial permaneceu focado nos periódicos²³.

Considero relevante afirmar que a redução de interesse na Geografia do Turismo não a fez desaparecer. Ela ainda é importante campo de estudo e produção da Geografia, mas sem o protagonismo que teve entre as décadas de 1990-2000. Particularmente, creio que isso explica bastante o desinteresse dos alunos do Campus Pontal pelo turismo que, segundo alguns deles, era assunto importante, mas que não os motivavam a construir currículo nessa área de estudos. Até gostam da ideia de fazer um “artiguinho para eventos” sobre temas de turismo, ou uma Iniciação Científica (se tiverem bolsa), mas não desejam construir carreira estudando esse fenômeno social.

Aí veio minha última cartada! Tentando fazer com que a Geografia do Turismo tivesse relevância, organizei em 2013 um evento nacional em Ituiutaba. O *VII Simpósio de Turismo Sertanejo* foi grandioso (figuras 98 a 101). Tivemos 19 palestrantes vindos de 10 estados diferentes do Brasil e recebemos congressistas de todo o país. Porém, mesmo com esse grande esforço, o turismo não arrebanhou muitos interessados em fazer pesquisas na área. Na época me lembro que me senti orgulhoso e frustrado ao mesmo tempo.

Figura 98: Cartaz do VII Simpósio de Turismo Sertanejo.

Figura 99: Auditório cheio durante as conferências do VII Simpósio Turismo Sertanejo.

²³ Os periódicos científicos acabaram se tornando quase que a única forma de se publicar na área de Geografia do Turismo, pois até mesmo os congressos retiraram esse campo da pesquisa geográfica de seus eixos temáticos.



Figura 100: Exposição montada pela Fundação Cultural de Ituiutaba durante o evento.



Figura 101: Parte da comissão de alunos com as camisetas do evento.



Fonte: Acervo do autor (2013).

O evento em si foi um sucesso, mas não consegui criar um grupo coeso de alunos motivados a enfrentar as questões da cidade no que se refere ao turismo e o lazer.

Por outro lado, eu fui profundamente demandado por pessoas interessadas em estudos culturais dentro e fora da Universidade. Temas como a religiosidade popular, catolicismo negro, cultura cerradeira e tradições sertanejas já fazia parte do repertório de análise de dezenas de alunos dos cursos de História, Geografia e outros.

Isso não quer dizer, como já afirmei antes, que eu tenha abandonado a área de turismo. Esse fenômeno continua sendo objeto de reflexões minhas, porém com menos centralidade. Comecei então a orientar esses alunos e, aos poucos, a cultura se tornou quase que exclusivamente meu foco de estudos e como sou um dos poucos professores que trabalham com o tema, passei a ser bastante demandado para estudos culturais e étnico-raciais. Surgiu assim a terceira fase de minha trajetória na pesquisa.

5.1.3 Fase atual: estudos africanos, cultura afro-brasileira, religiosidade popular e relações étnico-raciais.

Quais as origens da fé? Como ela se constrói em um determinado grupo social? Como se manifesta na vida, na paisagem e no território? Qual seu papel social,

político e cultural? A quais interesses se vincula? Por que é tão plural? (Portuguez, 2023, p. 7).

A partir de 2014, passei a dedicar-me com maior intensidade às manifestações da religiosidade popular, ampliando meus estudos sobre religiões de matriz africana sob as perspectivas da Geografia e da Sociologia.

2014 se tornou um marco temporal importante, porque foi nesse ano que realizei uma pesquisa em escala nacional sobre a geograficidade das religiões tradicionais de matriz africana. Coleta de dados foram realizadas nos seguintes estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Maranhão, Goiás, Ceará e outros. A pesquisa foi realizada a pedido de colegas ligados aos movimentos sociais em defesa da liberdade religiosa e resultou em uma de minhas publicações autorais mais importantes: o livro *Espaço e Cultura na Religiosidade Afro-Brasileira* (Ituiutaba, Barlavento, 2014), que levou o mesmo nome do projeto.

O impacto da obra foi imediato, com lançamentos em Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Maranhão, além de uma palestra sobre ele em Natal (RN). Atualmente, esse livro se encontra em sua 2ª edição. Foi minha estreia fora da área de Turismo e isso impactou muitas pessoas que se declararam surpresas com a novidade.

Entre 2019 e 2022 realizei um outro projeto de pesquisa importante, dessa vez com alguns financiamentos de bolsas e com o apoio da UFU. Trata-se do projeto “*Representações espaciais e sociais da fé e da religiosidade popular na Mesorregião Geográfica Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, MG*”. A pesquisa obteve o Registro de Projeto DIRPE/PSFE N° 0141/2019 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

A tabela 3, a continuação, mostra o impacto dessa pesquisa entre os estudantes. Publicamos artigos em revistas científicas, capítulos de livros, livros organizados, trabalhos em congressos, realizamos projetos de extensão e produzimos 2 relatórios de Iniciação Científica e algumas Dissertações de Mestrado no âmbito do PPGE/UFU (direta ou indiretamente ligadas aos estudos da religiosidade popular). Esses dados podem ser melhor visualizados na tabela 3.

Tabela 3: Resultados da pesquisa por categoria de produção 2019-2023.

Categoria de produção	Quantitativo absoluto	Quantitativo de discentes da UFU envolvidos
Trabalho de Conclusão de curso	3	3
Iniciação Científica	2	2
Dissertações de Mestrado	4	4

Artigos em revistas	3	2
Palestras/Artigos em eventos	6	2
Livros publicados	9	4
Capítulos de livros publicados	7	6
Projetos de Extensão com interface com a pesquisa	11	9

Fonte: Portuguese (2023, p. 21).

Considero que o trabalho de campo, nesse novo eixo, expandiu-se grandemente e tem envolvido diálogos com lideranças religiosas, pesquisadores de Ciências Humanas e comunidades diversas, buscando valorizar a diversidade cultural em escala regional abarcando alguns municípios do Triângulo Mineiro: Ituiutaba, Uberaba, Uberlândia, Capinópolis, Iturama e outros.

Como se trata de estudos que empiricamente baseiam-se em fenômenos locais e regionais, fica mais fácil realizar campanhas de coleta de dados em campo, assim como coberturas fotográficas, mapeamentos e realização de atividades de extensão associadas à pesquisa. A produção de relatórios, mapeamentos participativos, oficinas de formação e momentos de circulação de saberes tem desempenhado papel central em minhas atividades. É meu desejo que esse compromisso com as comunidades seja parte integrante da minha identidade profissional e da forma como formo novos pesquisadores em Geografia.

Em 2023, após a entrega do relatório final do projeto sobre religiosidade popular no Triângulo Mineiro, elaborei outro projeto que ainda se encontra em execução. Trata-se do projeto “*O axé, o aqué e a cidade: Impactos econômicos das funções e festas do Candomblé sobre os circuitos da economia urbana de Ituiutaba, Uberlândia e Uberaba (MG)*” (Registro DIRPE/PSFE/UFU N° 049/2023). Esse projeto foi planejado inicialmente para ser encerrado em dezembro de 2025, porém, devido ao fato de eu o estar executando com recursos comunitários, sua finalização foi prorrogada em 12 meses, com entrega dos resultados prevista para janeiro de 2027.

O projeto de pesquisa refere-se a um tema pouco trabalhado na Geografia brasileira: o Candomblé como fenômeno social, religioso, econômico e cultural. Embora muitos estudos sobre as religiões tradicionais de origem africana veem surgindo em todo o Brasil desde a década de 2000, há a necessidade de se compreender de forma mais aprofundada como os terreiros (espaços sagrados) dialogam com as cidades brasileiras, pois o Candomblé sofre com o preconceito religioso que decorre do racismo ainda existente na sociedade brasileira.

Com o estudo, meu objetivo é estudar, desde o prisma da Geografia Cultural e da Geografia Econômica, os impactos econômicos das funções e festas do Candomblé sobre os dois circuitos da economia urbana nas cidades mineiras de Ituiutaba, Uberaba e Uberlândia. Os trabalhos de campo

e coleta de dados já foram realizados em Uberaba e Ituiutaba, restando apenas algumas ações ainda a serem empreendidas em Uberlândia.

Como os resultados serão publicados na forma de livro autoral, optei por não citar aqui os resultados preliminares. Espero que me compreendam. Porém, posso lhes assegurar que serão realmente surpreendentes.

Na sequência, o quadro 16 apresenta um resumo global de minha produção de pesquisa nos últimos 16 anos, desde que entrei na UFU.

Quadro 16: Participação e coordenação de Projetos de pesquisa, 2010-2025.

Período	Situação	Projeto	Financiamento ou apoio	Área
2023 - atual	Coordenador. Em andamento, com conclusão e publicação previstas para 2026.	O axé, o aqué e a cidade: Impactos econômicos das funções e festas do Candomblé sobre os circuitos da economia urbana de Ituiutaba, Uberlândia e Uberaba (MG)	Submetido a financiamento, aguardando resultado de edital. Possui registro na PROPP.	Geografia da Religião Geografia Urbana
2019 a 2023	Coordenador. Finalizado e publicado	Representações espaciais e sociais da fé e da religiosidade popular na Mesorregião Geográfica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, MG	Sem financiamento externo. Houve bolsas para discentes. Possui registro na PROPP.	Geografia da Religião
2014 a 2020	Coordenador. Finalizado e publicado	Bacias hidrográficas de Ituiutaba, MG: uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural	Projeto financiado pelo CNPq, com bolsistas do CNPq, da CAPES e da FAPEMIG	Geografia Rural, Geografia da Saúde e Geografia Física
2014 a 2016	Colaborador. Concluído e publicado	Produção do espaço público: formas, usos e funções no contexto da cidade contemporânea	Projeto financiado pela FAPEMIG	Geografia Urbana
2013 a 2015	Sub-Coordenador. Concluído e publicado.	Turismo y desarrollo. Conflictos, resistencias y retos en la comunidad de pescadores de Mundaú, Trairi (Brasil), a partir de la aplicación de indicadores de sostenibilidad.	Financiado parcialmente pelo Ministro de Educación, Cultura y Deporte de España-MECD. Recebeu aporte de recursos do Governo do Ceará.	Geografia do Turismo
2010 a 2011	Coordenador. Concluído e publicado.	Turismo, Espaço e Estratégias de Desenvolvimento Local	Recebeu apoio do Edital UFU 2011.	Geografia do Turismo

Fonte: Arquivos do autor (2025).

Minha chegada à UFU marcou um novo momento no que se refere à orientação de Projetos de Iniciação Científica. Desde 2011, tenho produzido pesquisas com iniciações científicas de forma regular, com ou sem bolsas. Orientei alunos brasileiros e africanos; da UFU, do Ensino Médio e de diferentes cursos e realidades, o que me enriqueceu bastante como pessoa e como professor.

O quadro 17, que segue, traz um panorama geral dessas experiências de iniciação científica no âmbito do projeto “*Bacias hidrográficas de Ituiutaba, MG: uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural*”. Como é possível observar, só esse projeto produziu um forte impacto sobre a formação de discentes na UFU e instituições parceiras.

Quadro 17: Orientandos do Projeto “Bacias hidrográficas de Ituiutaba, MG: uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural” (2014-2018).

Órgão de Fomento ou tipo de vínculo	Estudantes	Curso	Universidade	Bacias Hidrográficas em que atuaram
PIBIC/PIVIC CNPq	Jaqueline Dall Agnol	Geografia	UFU	Córrego da Areia
	Charles D. A. Santos	Geografia	UFU	Córrego Santa Rita
PIBIC/PIVIC FAPEMIG	Bruno de Freitas	Geografia	UFU	Córrego São Vicente Córrego dos Pilões Córrego da Caçada
	Ana Paula O. da Silva	Geografia	UFU	Córrego da Areia
	Natália Caroline S. Nery	Geografia	UFU	Córrego Santa Rita Córrego dos Baús Rio São Gabriel Córrego da Areia
	Guilherme Pereira dos Santos	Geografia	UFU	Córrego dos Baús
	Patrícia Inague Moretti	Geografia	UFU	Córrego Santa Rita
	Bruno de Freitas	Geografia	UFU	Córrego São Vicente
Jovens Talentos para a Ciência (CAPES)	Alexandre D. Carvalho Junior.	Engenharia de Produção	UFU	Córrego dos Pilões
	Ana Cláudia F. Ribeiro	Engenharia de Produção	UFU	Córrego dos Pilões
	Jefferson Bezerra da Silva	Engenharia de Produção	UFU	Córrego dos Pilões
	Livia Vieira Faria	Engenharia de Produção	UFU	Córrego dos Pilões
Programas CAPES/MEC de Formação Científica de	Stéphanie Monteiro	Geografia	Universidade de Cabo Verde	Córrego da Areia
	Maria Manuela Fortunato	Geografia	Universidade Katyavala	Córrego da Caçada

Estudantes de Moçambique, Amgola e Cabo Verde			Bwila (UKB, Angola)	
	Tânia Maria Uaila	Agronomia	Universidade São Tomás De Moçambique (USTM)	Córrego da Caçada
	Elísio Abel Agostinho	Medicina	Angola	Ribeirão São Vicente
	Márian Binte Yacoob	Medicina	Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique	Córrego da Caçada
	Fidel Nzinga S. Eduardo	Medicina	Universidade LuejiA´Nkonde (Angola)	Córrego da Caçada
	Lucineia de Fátima Monteiro	Geografia	Universidade de Cabo Verde	Córrego dos Pilões
PIBIC Júnior FPEMIG	Colignon Junio Freitas	Ensino Médio	Escola Estadual Coronel Tonico Franco	Córrego Santa Rita e Córrego dos Baús Rio São Gabriel
	Lucas Guimarães Vilela	Ensino Médio	Escola Municipal Machado de Assis	Córrego Santa Rita e Córrego dos Baús

Fonte: Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq (Portuguez, 2020, p. 37).

Apresento-lhes agora o quadro 18, no qual exponho outros projetos de Iniciação Científica que orientei. Como é possível observar, houve uma redução na produção científica dos discentes entre 2020 e 2023. Isso se deveu à pandemia de covid-19, que fez com que a UFU reorganizasse seu calendário acadêmico e isso impactou em nosso quantitativo de alunos.

Quadro 18: Outras orientações concluídas de Iniciação Científica na UFU entre 2010 e 2025.

Discente	Projeto	Apoio/financiamento	Ano
Bruno Pereira Mantovani	Ayahuasca e o neoxamanismo urbano: considerações acerca de uma vivência em Uberlândia (MG).	Bolsa PETGEO	2024
Walisson dos Santos Torquato	A figura religiosa e política de Padre Cícero e seu papel na formação de territórios da fé.	PIVIC-UFU	2020
Guilherme Valagna Pelisson	Análise do modelo de uso e ocupação turística do espaço urbano de Cachoeira Dourada de Minas (MG).	FAPEMIG-UFU	2013
Bruno de Freitas	Territórios do turismo e do lazer LGBTs em Uberlândia (MG): vida noturna, consumo e exclusão social.	CNPq UFU	2013

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Atualmente estou me preparando para submeter mais um projeto de pesquisa para concessão de bolsas de Iniciação Científica para alunos interessados no projeto “*O axé, o aqué e a cidade: Impactos econômicos das funções e festas do Candomblé sobre os circuitos da economia urbana de Ituiutaba, Uberlândia e Uberaba (MG)*”. Esses alunos ou alunas farão levantamentos de dados de consumo do chamado “povo de axé” em Uberlândia.

5.1.4 Grupos de pesquisa e redes globais e nacionais de pesquisadores

Os grupos de estudos e pesquisas, em tese, desempenham um papel central na construção do conhecimento científico e na formação de nossa comunidade acadêmica. Na perspectiva do CNPq, eles funcionam como espaços de produção intelectual, onde ideias são desafiadas, métodos são testados e práticas de pesquisa são democratizadas. Ao fomentar a colaboração entre pares, a orientação de estudantes e a integração com redes nacionais e internacionais, esses grupos almejam impactar a formação de novos pesquisadores, influenciar políticas públicas e promover formas de ensino que valorizam a diversidade cultural, a igualdade de oportunidades e a elevação do padrão de qualidade na pesquisa acadêmica.

Ultimamente, muitos grupos de pesquisa têm se permitido abrir para pesquisas pautadas em epistemologias não eurocentrada e isso tem gerado grande ganhos para todos. Não se trata de combater, nem de negar, menos ainda de apagar o legado que a ciência ocidental construiu. É importante deixar isso claro: o paradigma decolonial não menospreza o patrimônio intelectual edificado pela civilização ocidental. O que deseja, entretanto, é que outras formas de pensar, outras epistemologias, outras maneiras de organizar a sociedade, de produzir e reproduzir saberes, etc., também sejam respeitadas e que a universidade escute as vozes que ecoam desde grupos sociais historicamente subalternizados pela colonialidade, pelo patriarcado e pelas religiões hegemônicas.

Como líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Cultura, Descolonialidade e Território (CNPq/UFU), tenho desenvolvido uma atuação marcada pela orientação de pesquisas interdisciplinares (Geografia, Sociologia e Ciências da Religião) que dialogam com as perspectivas decoloniais, culturalitas e as dinâmicas territoriais. Sob minha coordenação, o grupo promoveu encontros, debates e projetos de pesquisas e extensão que articulam teoria crítica com saberes ancestrais; práticas de campo e formação de pesquisadores de modo a estimular a produção de conhecimentos relevantes para políticas públicas, educação e memória social.

Meu papel envolve a produção anual de publicações (*e-books*) em parceria com a Editora Barlavento, projeto exitoso, que desde 2017 vem oportunizando a edição de obras bem aceitas e consultadas em todo o país nas áreas de Educação antirracista, Geografia, Turismo e Ciências da Religião.

Tenho participado de grupos de pesquisa brasileiros que promovem diálogos entre geógrafos ou entre grupos interdisciplinares. Na perspectiva da ciência universitária, esses grupos fazem circular saberes entre colegas de todo o país. Embora eu trabalhe com perspectivas decoloniais, me sinto muito bem acolhido nesses grupos e sinto que o diálogo interparadigmático tem se ampliado. Essas atividades potencializam as redes nacionais de cientistas, promovem trocas de metodologias e fortalecem uma visão crítica sobre as possibilidades de transformação social a partir do estudo científico. Entre eles, destaco a atuação nos seguintes grupos:

- Grupo de Estudos e Pesquisa “Diálogos com a Geografia Cultural” (IG-UFU);
- Grupo de Estudos e Pesquisas Oniruru: África, Islã, Diáspora Africana e Estudos Anticoloniais (UFES);
- Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo no Espaço Rural - GEPTER (UNESP) e
- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas (ICHPO-UFU).

Na esfera internacional, tenho contribuído por meio de artigos e palestras *online* com redes de pesquisa que ampliam os estudos do turismo e do lazer. Destaco minha atuação na Rede Internacional Colaborativa do Turismo “Ecos do Turismo” (UFMS) e na Red Internacional de Investigadores en Turismo, Cooperación y Desarrollo (Departamento de Geografia, Universitat Rovira i Virgili). Essas redes promovem cooperação transnacional, protocolos de pesquisas compartilhadas e intercâmbios de experiências entre pesquisadores de diferentes continentes. Estas parcerias enriquecem a qualidade metodológica dos trabalhos, facilitam o acesso a financiamentos (inclusive internacionais) e divulgam resultados em contextos mais amplos, contribuindo para que as investigações sobre cultura, território e turismo ganhem relevância global.

5.2 Projetos de Extensão

Preciso confessar: sou apaixonado por projetos de extensão que conectam saberes acadêmicos, saberes populares e as comunidades onde vivem os sujeitos sociais de cada território. Acredito que a universidade não está completa sem levar o conhecimento para fora dela, dialogando com as pessoas, retomando saberes tradicionais e fortalecendo identidades coletivas. É nesse encontro entre teoria e prática que encontro a energia para criar, aprender e transformar realidades quando possível.

Como militante em coletivos culturais e comunidades afro-descendentes, não defendo em nenhum momento que a universidade deva se interessar pelas comunidades tradicionais tratando-as como meros objetos de estudo. Tampouco acredito ser aceitável “dar voz” às comunidades em projetos diversos, pois isso dá a impressão que a voz é nossa e que estamos apenas fazendo uma concessão. Acredito que devemos aprender a escutar, ou seja, mais que dar voz, devemos dar ouvidos.

Precisamos aprender que não há no mundo uma única forma de produzir, reproduzir, representar e legitimar conhecimentos. Precisamos aprender a fazer com que nosso modo de produzir saberes acadêmicos dialogue respeitosamente com outras maneiras de produzir, reproduzir, representar e legitimar saberes ancestrais. Por isso lhes digo mais uma vez: nós não somos donos da “voz” para dá-la como uma concessão. Todos os grupos sociais possuem voz. A questão é que muitos são silenciados pelo sistema social que legitimam o modelo universalizado de discurso sobre ciência e, diante disso, precisamos nos questionar: quais vozes da sociedade estamos dispostos a ouvir e com elas aprender?

Entre 2010 e o tempo presente, participei de quase 70 Projetos de Extensão, sendo mais de 50 deles coordenados por mim. Esse percurso, marcado por desafios e aprendizados, revelou uma diversidade de necessidades que existem nas comunidades, ao mesmo tempo em que mostrou o potencial de ações coletivas bem estruturadas. Liderar esses esforços exigiu de mim muita sensibilidade, ética, planejamento cuidadoso e uma escuta constante dos atores locais.

Sinto que meu trabalho tem se destacado principalmente na formação continuada de professores da Educação Básica. Acredito que a qualidade da educação passa pela formação contínua de quem ensina, por isso desenvolvemos ações que promovem trocas de experiências, atualização pedagógica e fortalecimento de redes entre escolas, instituições culturais e comunidades. Essas iniciativas ampliam horizontes didáticos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais relevante para os estudantes e suas realidades.

Outra dimensão central é a capacitação de lideranças comunitárias. Em muitos territórios, são as lideranças locais que articulam saberes, organizam ações e representam interesses coletivos. Os projetos nesse eixo buscam fortalecer essas lideranças, promovendo a ética, a participação cidadã, a gestão de projetos e a construção de redes de apoio. Ver o crescimento dessas lideranças e o engajamento das comunidades é, para mim, um retorno incalculável.

Também atuei em projetos de leitura e produção textual em áreas como religiosidade popular, cultura, geografia, educação e turismo. Essas iniciativas favorecem a leitura crítica, a expressão criativa e a documentação de saberes locais. Ao estimular a produção textual, promovemos a memória coletiva, a reflexão sobre identidade e a compreensão das práticas culturais que moldam cada território. A leitura se transforma em ferramenta de empoderamento e de cidadania.

Em parceria com a Editora Barlavento, os produtos dos projetos de produção coletiva têm me aproximado de pesquisadores de todo o Brasil, em especial do Triângulo Mineiro e da Amazônia. Os saberes indígenas e afro-brasileiros têm formado boa parte do acervo de textos

publicados por mim na forma de organização de livros. Na parceria com a Barlavento, criei as linhas de publicação constantes no quadro 19:

Quadro 19: Obras organizadas e publicadas a partir de ações extensionistas.

Coleções	Eixos Temáticos	Total de livros publicados*
Coleção Ensino e Educação	Educação escolar Educação popular Educação para as relações étnico-raciais Relatos de projetos e experiências pedagógicas	4
Coleção Geografia, Meio Ambiente e Turismo	Geografia Humana Geografia Física Cartografia Ensino de Geografia Turismo	8 de Geografia e 4 de Turismo
Coleção Ciências da Religião	Religiosidade indígena e afro-brasileira Religiosidade popular Religiosidade e redes sociais Ensino Religioso	7

Fonte: www.editorabarlavento.com.br. Acessado em 04 jan.2026.

Destaco também os projetos comunitários de promoção e valorização das memórias culturais em comunidades tradicionais de matriz africana, bem como iniciativas de incentivo às artes populares e ao turismo com respeito às tradições locais, incluindo a capoeira. Esses trabalhos me mostraram a importância de considerar a diversidade como fonte de riqueza e a identificar meios de a universidade colaborar para construir caminhos de desenvolvimento que sejam culturalmente responsivos.

Tenho o propósito de continuar investindo em ações que conectem conhecimentos, territórios e identidades, fortalecendo a autonomia das comunidades e a dignidade de suas histórias.

O quadro 20, que segue, traz um panorama geral dos Projetos de Extensão coordenados por mim entre 2010 e 2025. Não vou relatar projetos desenvolvidos antes desse período, pois creio que já os expliquei ao tratar de minha trajetória no ensino privado, ficaria repetitivo. O quadro citado mostra, de maneira bem clara, meu engajamento na extensão na Universidade Federal de Uberlândia, que tem me apoiado em todas as minhas iniciativas.

Quadro 20: Projetos de Extensão Coordenados por mim.

Tipo	Reg. Siex	Título	Período	/h	Público total
Projeto	30404	Plantando Axé IV: Saberes ancestrais e saberes acadêmicos em diálogo.	04/03/2024 a 25/11/2024	40	480
Evento	31881	Educação, estudos africanos e descolonialidade	24/05/2024 a 25/05/2024	8	100
Publicação	29835	Debates contemporâneos sobre Turismo, Geografia, Educação e Cultura	20/09/2023 a 31/05/2024	80	2000
Projeto	27304	Estágios de vivência: música, dança e resistência na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais	01/12/2022 a 31/12/2023	960	160
Publicação	27918	Espaço geográfico, cultura, religião, turismo e educação: temas emergentes na perspectiva da descolonialidade	02/01/2023 - 30/05/2023	80	2000
Projeto	25878	Plantando Axé III: memórias ancestrais e o dilema do mundo contemporâneo em comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira	08/03/2022 - 10/12/2022	40	320
Curso	27503	Clarins e tambores: a orquestra sagrada das religiões tradicionais de matriz africana.	31/10/2022 - 03/11/2022	12	32
Evento	26258	Palestra comemorativa do Dia do(a) Geógrafo(a): Balnearização e modernidades urbanas, uma geo-história global	18/05/2022 - 25/05/2022	2	400
Evento	27619	XIII Encontro de Geografia do Pontal - Geografia Histórica: desafios e perspectivas	12/12/2022 - 14/12/2022	24	400
Projeto	24601	Plantando axé II: revisitando antigos saberes e reafirmando a afetividade como um valor civilizatório em territórios religiosos de matriz africana	15/08/2021 - 15/12/2021	40	200
Evento	24045	Palestra comemorativa do Dia do Geógrafo: "Geografia e Descolonialidade: convergências e controvérsias sobre um paradigma em construção"	27/05/2021 - 27/05/2021	4	1200
Publicação	24996	Território, turismo, cultura e religiosidade na perspectiva da multidisciplinaridade.	01/10/2021 - 30/04/2022	80	2000
Projeto	21042	Estágios de vivência: Minha Aruanda Canta: tambores, saberes e tradições musicais afro-brasileiras na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais	04/05/2020 - 04/12/2020	960	1240
Produção de vídeo	21522	Redes de cooperação, produção e consumo solidário em comunidades religiosas tradicionais de matriz africana no Triângulo Mineiro	10/05/2020 - 30/06/2020	80	240

Evento	21960	III Seminário sobre diversidade, religiosidade afro-brasileira e questões étnico- raciais na	14/07/2020 - 10/09/2020	24	400
Projeto	22939	III Seminário Interno do Programa de Pós- Graduação em Geografia do Pontal	10/12/2020 - 11/12/2020	16	400
Curso	22879	Geografia cultural e contra-hegemonia eurocêntrica: a formação territorial do Brasil na perspectiva da descolonização do pensamento geográfico brasileiro	01/02/2021 - 05/02/2022	30	190
Evento	22887	Palestra: "Educação para as relações étnico- raciais: temas recorrentes e emergentes na abordagem escolar	17/11/2020 - 18/11/2020	2	440
Publicação	21177	Desafios e dinâmicas espaciais do turismo receptivo	19/02/2020 - 30/03/2020	80	2000
Publicação	21178	Balbúrdia geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade	19/02/2020 - 30/03/2020	80	2000
Publicação	21179	A força da fé: existência, resistência e resiliência da religiosidade popular brasileira	19/02/2020 - 30/03/2020	80	2000
Publicação	21521	Espaço geográfico e dinâmicas ambientais: uso e apropriação dos recursos naturais no centro-norte do Brasil	10/05/2020 - 31/05/2020	80	2000
Publicação	23120	Paisagens, natureza e dinâmicas socioambientais	20/12/2020 - 20/02/2021	80	2000
Publicação	23121	Religiosidade popular e o desafio da contra- hegemonia no contemporâneo brasileiro	20/12/2020 - 20/02/2021	80	2000
Publicação	23122	Geografia, pandemia e os desafios da reinvenção do mundo vivido	20/12/2020 - 20/02/2021	80	2000
Publicação	23123	Turismo e saúde global: pandemia, pandemônio e novos rumos para o setor no Brasil e no mundo	20/12/2020 - 20/02/2021	80	2000
Projeto	18175	Estágios de vivência: cultura afro-brasileira e educação para as relações étnico-raciais	01/08/2019 - 30/09/2020	960	1240
Projeto	19338	Que barulho é esse? Capoeira, tradição e o despertar de um novo pertencimento sociocultural na periferia de Ituiutaba.	11/04/2019 - 31/10/2019	80	240
Curso	18763	A cultura popular e o cuidado com a saúde no meio rural de Ituiutaba e Capinópolis (MG)	17/05/2019 - 18/05/2019	16	120
Evento	20184	1º Encontro Vivência Cultural: os saberes da velha guarda e homenagens aos grandes Mestres da Capoeira	19/10/2019 - 19/10/2019	8	400
Publicação	18764	Narrativas da fé: tradições religiosas, ancestralidade e resistência no Brasil Contemporâneo	08/02/2019 - 30/03/2019	80	2000
Publicação	18774	Olhares da Geografia brasileira: dinâmicas ambientais e questões sociais na atualidade	12/02/2019 - 15/03/2019	80	2000

Publicação	18776	Territorialidades do turismo: dinâmicas socioambientais, mercados e desafios	12/02/2019 - 15/03/2019	80	2000
Publicação	19975	Ancestrais de Aruanda: resgate memorial das cantigas tradicionais de um terreiros de Umbanda de Ituiutaba, MG	19/07/2019 - 30/08/2019	120	400
Publicação	16701	Ilê Àse: Registro fotográfico e descrição memorial das tradições do Candomblé Ketu em Ituiutaba, MG.	01/02/2018 - 01/07/2018	280	1050
Curso	16714	Desenho de Políticas Públicas para os Setores de Turismo e lazer.	01/10/2018 - 01/10/2018	30	230
Projeto	14997	Plantando Axé: do lugar sagrado ao território da militância e da resistência cultural.	21/09/2016 - 30/12/2017	280	1250
Projeto	15573	Sensibilização da população rural para a atenção à saúde e ao meio ambiente na Bacia Hidrográfica do Córrego da Caçada, Ituiutaba, MG	12/06/2017 - 15/12/2017		
Curso	15061	Curso de introdução aos toques, cânticos e danças ritualísticas do Candomblé.	07/01/2017 - 21/03/2017	30	20
Curso	13666	Capacitação para educadores do ensino superior para trabalharem com conteúdos de diversidade étnico-racial e cultura afro-brasileira.	01/03/2016 - 31/12/2016	180	6030
Evento	13390	VIII Seminário de Educação para as Relações Étnico- Raciais e Ações Afirmativas II Encontro de trabalho com a lei 10.639/03 – “intolerância religiosa, educação e diversidade cultural” II Seminário diversidade, cultura afro- brasileira e questões étnico- raciais na atualidade	17/11/2015 - 20/11/2015	40	600
Curso	12690	Fundamentos teóricos e práticos para a implantação de projetos turísticos em áreas rurais	09/05/2015 - 16/05/2015	16	220
Curso	13235	Espaço e Cultura na Religiosidade Afro- Brasileira	27/08/2015 - 27/08/2015	8	880
Evento	12713	II Seminário " Diversidade, Religiosidade Afro- Brasileira e Questões Etnicorraciais na Atualidade"	09/10/2015 - 10/10/2015	8	1200
Evento	12714	II Seminário " Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Etnicorraciais na Atualidade"	01/03/2015 - 02/10/2015	8	1200
Evento	13329	Exposição fotográfica "Religiosidade popular e uso do espaço público: As festividades de 13 de maio de Ituiutaba, MG.	02/12/2015 - 04/12/2015	8	400
Evento	12031	I Seminário “Diversidade, religiosidade afro-brasileira e questões etnicorraciais na atualidade”	18/08/2014 - 18/08/2014	5	2.200

Evento	11453	Exposição Fotográfica "Cultura, Natureza e Espaço 2013".	06/11/2013 - 15/12/2013	8	1.000
Curso	9734	fotografias aéreas amadoras como ferramentas de Educação Ambiental e ordenamento do território	01/03/2012 - 30/12/2012	120	2750
Evento	9331	Exposição virtual de fotografias panorâmicas aéreas de Ituiutaba	29/05/2011 - 29/07/2011	60	11000
Programa	9519	Programa de Incentivo ao desenvolvimento local em comunidades do Pontal do Triângulo Mineiro	01/09/2011 - 15/12/2013	300	16500
Evento	8933	II Encontro de Geografia do Pontal - Não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo	18/10/2010 - 21/10/2010	8	150
Projeto	34762	Projeto Plantando axé V: terreirizando a educação para a diversidade e para as relações étnico-raciais.	04/05/2025 - 10/12/2025	40	480
Projeto	35179	Cuidar com axé: saberes tradicionais e saúde integral: promoção da saúde na perspectiva das tradições afro- brasileiras.	17/07/2025 - 15/08/2025	24	100
Publicação	33252	Reflexões teóricas e pesquisa em Turismo, Geografia, Educação e Cultura Popular.	02/01/2025 - 30/01/2025	80	2000

Fonte: Sistema SIEX/UFU (2026). Disponível em: <https://siex.proexc.ufu.br>. Acessado em 10 jan. 2026.

O Quadro 21 apresenta os trabalhos coordenados por colegas da UFU, nos quais pude contribuir com meu trabalho na condição de colaborador.

Quadro 21: Projetos de Extensão coordenados por colegas do ICHPO nos quais atuei como colaborador.

Tipo	Reg. SIEX	Título	Período	C/h	Público total
Projeto	36200	Estágios de vivência: música, dança e resistência na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais	01/03/2026 - 31/12/2026	960	80
Projeto	36429	Projeto Caburé: educação de crianças de/no terreiro	01/03/2026 - 31/12/2026	560	220
Projeto	36464	Cenários de exclusão e vulnerabilidade social: saúde e doença das mulheres em situação de rua	01/04/2026 - 30/11/2026	500	100
Projeto	30947	Projeto Caburé: educação de crianças de/no terreiro	01/10/2024 - 31/07/2025	560	160
Evento	31086	Estágios de Vivência: português brasileiro em ritmos, cores e sabores	01/08/2024 - 31/08/2024	20	160
Projeto	27315	VIII Congresso étnico-racial: formação docente e prática pedagógicas na perspectiva decolonial	01/06/2023 - 30/11/2023	800	200

Projeto	28900	Projeto Caburé: educação de crianças de/no terreiro	01/06/2023 31/05/2024	200	160
Evento	28853	VIII Encontro PET Saúde, Cultura e Saberes: religiões de matriz africana	05/06/2023 06/06/2023	15	300
Projeto	22048	Grupo de estudos Nepere-Neabi Pontal	28/07/2020 14/12/2020	20	40
Curso	21994	V Congresso étnico-racial - Edição Internacional. XII Seminário de Educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas.	17/11/2020 20/11/2020	30	200
Curso	22044	projeto vozes do slam - Ciclo de debates virtuais Slam Zumbi dos Palmares e Curso de formação Slam – poesia	29/08/2020 30/11/2020	20	200
Curso	18586	Projeto TransNegressão: Curso de aperfeiçoamento e formação acadêmica para acesso à pós-graduação - FACIP/UFU. (Turmas I e II)	05/03/2019 30/12/2019	200	480
Projeto	13604	O estudo da Dengue como possibilidade de pesquisa e mobilização social a partir das escolas	01/03/2016 31/12/2016	800	600
Projeto	12469	Saraus Artísticos	01/02/2015 31/12/2015	880	800
Programa	9554	Educação ambiental e saneamento básico: diagnóstico socioambiental para a bacia do Córrego Pirapitinga na área urbana de Ituiutaba – MG	15/01/2012 15/12/2012	180	14.105
Curso	10139	III Ciclo de Debates Sobre o Meio Ambiente: socializando ideias	31/05/2012 02/06/2012	20	400
Evento	9350	II Ciclo de Debate Sobre Meio Ambiente: um diálogo interdisciplinar	09/06/2011 11/06/2011	20	450

Fonte: Sistema SIEX/UFU (2026). Disponível em: <https://siex.proexc.ufu.br>. Acessado em 10 jan. 2026.

Com esses projetos, com as pesquisas e as atividades extensionistas, a mídia local tem se interessado pelas minhas atividades e me convidado para emitir opiniões em programas de televisão, reportagens e coberturas de eventos ligados à cultura municipal. A figura 102, a continuação, mostra um desses momentos. Sempre atendo ao chamado da imprensa para falar de meus projetos. Porém, caso o assunto envolva as comunidades e suas tradições, procuro incentivar que elas sejam ouvidas antes de mim.

Figura 102: Entrevista concedida à TV Vitoriosa (Rede Globo) por ocasião da festa da Congada. É importante falar sobre isso, pois sou



Fonte: Acervo do autor (2023).

um homem branco e, em um país marcado pelo racismo estrutural, é de se esperar que a imprensa dê espaço de manifestação para o pesquisador de pele clara da Universidade Federal. Situações como essa caracterizam o que a Sociologia decolonial costuma chamar de “privilégios da branquitude”. Os grupos negros possuem seu líderes e representantes e eles é que precisam ser ouvidos em primeiro plano.

A eles cabe a liderança da militância e da resistência e, a mim, cabe a postura de seguidor apoiador. Como cidadão e pesquisador tenho minhas opiniões e leituras do mundo, mas isso não me outorga o direito de falar em nome de nenhum movimento cultural. Posso me posicionar com eles, jamais por eles.

6 EXPERIÊNCIA NA GESTÃO

No tópico sobre minha trajetória profissional mencionei que criei e coordenei um curso de Geografia. Na realidade, tive algumas atuações junto à gestão quando trabalhava na rede privada de ensino: coordenador dos cursos de Geografia e História da Unilinhares, coordenador de cursos Lato Sensu na Unilinhares, coordenador geral de estágio curricular da Faculdade Estácio de Sá de Vitória, coordenador de cursos Lato Sensu na Estácio de Sá em Vitória e Vila Velha, entre outras atividades.

Porém, nunca senti que a gestão seria um bom campo de trabalho para mim. A ideia de gerir um orçamento que não seja o meu me incomoda e, ainda, a burocracia, as disputas de egos, os blocos de interesse e poder, enfim, tudo isso me cansa profundamente. Por essa razão, sempre preferir apoiar quem está à frente da coordenação, sem me envolver diretamente na gestão. Mesmo assim, sei que em determinados momentos precisamos fazer algo por nossos cursos e atuar na gestão de forma mais direta. Em meu caso, entretanto, tais momentos foram enfrentados e, uma vez cumprida a missão, retornei para o meu papel de professor.

Desde que entrei na UFU em 2010 tenho procurado apoiar a coordenação do curso integrando comissões, colegiados, grupos consultivos e outras instâncias. Em especial, tenho atuado em comissões internas da Universidade, sempre buscando harmonizar as ações administrativas com as minhas atividades pedagógicas, de pesquisa e extensão.

Também colaborei com o Instituto de Ciências Humanas do Pontal (que se desmembrou da FACIP), participando de comissões que ajudaram a consolidar a nova identidade e as prioridades do Instituto. Nessas instâncias, tive a oportunidade de contribuir para a definição de políticas acadêmicas, de planejamento de ensino e de organização administrativa.

Minhas atividades também se estenderam às comissões do curso de Geografia, onde pudemos acompanhar de perto a evolução curricular, as demandas de infraestrutura e a qualidade do ensino. Nessas comissões, defendemos a inclusão de componentes curriculares que fortaleceram as competências técnicas de nossos alunos, bem como a integração com atividades de pesquisa e extensão. A participação constante nesses grupos permitiu identificar gargalos, propor ajustes e validar propostas com base em evidências coletadas junto ao corpo discente e docente.

Mas o desafio sempre foi árduo. Lidar com questões que nos limitam, que nos atingem, é sempre muito difícil e desgastante e nem sempre as sugestões de uma comissão podem ser implantadas em sua totalidade. Atualmente, por exemplo, estamos discutindo as necessidades de ajustes da grade curricular no NDE-Núcleo Docente Estruturante, do qual faço parte.

Entre os anos de 2016 e 2017, por um ano, fui Coordenador do Curso de Graduação em Geografia da FACIP/UFU. Fui nomeado pela Portaria REITO-55^a, Art. 1º, publicada no Diário Oficial da União, nº. 118, Seção 2, p. 30, em 22 de junho de 2016.

Como coordenador do curso de Geografia procurei efetivar um planejamento estratégico de curto e médio prazo que refletisse as necessidades do corpo discente, do corpo docente e as demandas da sociedade. Organizei reuniões periódicas (mensais) com docentes, procurei organizar da melhor maneira possível o trabalho dos técnicos que atuam no curso e atender os estudantes em suas necessidades. Em 2017, quando tive a oportunidade de fazer o estágio pós-doutoral na Universidade de Brasília, providenciei o processo eleitoral necessário à minha substituição.

De todas as atividades inerentes ao trabalho do coordenador, o que mais me acrescentou foram as reuniões semanais nos conselhos (CONSUN, CONGRAD e CONFACIP²⁴). Nos conselhos, eu pude entender mais profundamente o funcionamento da Universidade e a aplicabilidade (ou não) das resoluções de cada câmara. Esse é um aprendizado relevante, pois passamos a atuar internamente nos cursos de forma mais assertiva, evitando perdas de tempo e etapas desnecessárias na tramitação de processos. Como coordenador, eu representava o curso nesses conselhos e comunicava para discentes e docentes, as decisões tomadas nessas instâncias.

Outro aspecto relevante da minha atuação institucional foi a participação na construção de políticas de acesso, permanência e suporte aos estudantes negros, indígenas e com deficiências. Um exemplo dessa ação foi minha participação na *Comissão Permanente para o acompanhamento e fiscalização das Ações Afirmativas* do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal. Atuei na articulação entre as demandas da comunidade acadêmica e as diretrizes institucionais, buscando soluções que tornassem o ambiente universitário mais acolhedor, inclusivo e equitativo não só para as vítimas do racismo, mas também do machismo e da homofobia. Destaco, nesse sentido, minha atuação na *Comissão de elaboração da Política da Diversidade Sexual da UFU*, comissão essa vinculada à Reitoria. Essas duas experiências reforçaram meu entendimento de que a gestão universitária precisa considerar não apenas a eficiência administrativa, mas também o bem-estar e o engajamento dos estudantes.

Nesses 16 anos, encontrei também desafios que me ensinaram resiliência e criatividade. Houve momentos de consensos difíceis, mudanças repentinas nas políticas administrativas e a necessidade de adaptar planos diante de novos cenários. Os constantes cortes de verbas, as limitações para realização de trabalhos de campo, a redução no quantitativo de alunos no período

²⁴ Conselho Universitário, Conselho de Graduação e Conselho da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal.

pós-pandemia, enfim, são desafios que nos inquietam e nos forçam a agir de maneiras criativas para encontrar soluções e, assim, apoiar a coordenação em suas tomadas de decisões.

O quadro 22, que segue, apresenta um resumo das muitas comissões docentes e administrativas nas quais atuei nesses anos.

Quadro 22: Participação na composição de Comissões na UFU.

Período	Portaria	Finalidade
13/01/2011	Portaria FACIP N. 02 de 13/01/2011	Nomeia Comissão Julgadora do Processo Simplificado para contratação temporária de professor substituto para o Curso de Geografia da FACIP
21/03/2011	Portaria FACIP N. 13 de 21/03/2011	Nomeia comissão para criação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Nível Mestrado Profissional da FACIP/UFU.
24/11/2011	Portaria FACIP N. 88 de 24/11/2011	Institui a Comissão para a criação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Nível Mestrado Profissional em Planejamento, Gestão e Políticas Públicas da FACIP/UFU.
12/01/2012	Portaria FACIP N. 02 de 12/01/2012	Nomeia Comissão Julgadora de Processo Simplificado para contratação temporária de professor substituto para o Curso de Graduação em Geografia da FACIP
02/10/2012	Portaria FACIP/GEOGRAFIA Nº. 05 de 02/10/2012	Revoga a Portaria FACIP/GEOGRAFIA n.1, de 14 de abril de 2011 e institui a Comissão responsável pelas atividades do Estágio do Bacharelado do Curso de Geografia – FACIP/UFU.
20/12/2012	Portaria FACIP N. 93, de 20/12/2012	Nomeia a Comissão Julgadora do concurso público de provas e títulos para preenchimento de vagas de professor da carreira do magistério superior para o Curso de Geografia da FACIP/UFU.
16/06/2013	Portaria FACIP N. 77 de 19/03/2013	Institui a Comissão para avaliação dos Planos de Trabalho Docente da FACIP/UFU e revoga Portarias anteriores.
10/12/2013	Portaria FACIP N. 149, de 10/12/2013	Nomeia banca para elaboração e aplicação de Exame de Suficiência do discente Marcelo Alves Teodoro do Curso de Geografia da FACIP.
07/01/2014	Portaria FACIP N. 01 de 07/01/2014	Nomeia banca para elaboração e aplicação de Exame de Suficiência dos discentes Francielle de Siqueira Castro, Guilherme Valagna Pelisson, Lara Cristina Alves de Souza, Luiz Carlos Santos da Silva e ThalesSilveira Solto, todos do Curso de Geografia da FACIP.
24/02/2014	Portaria FACIP N. 14 de 24/02/2014.	Nomeia banca para elaboração e aplicação de exame de suficiência do discente Dionys Fabricio Soares Franco, do Curso de Graduação em Geografia do Pontal.
06/08/2014	Portaria FACIP N. 68 de 06/08/2014	Restaura a Comissão Interna do Curso para avaliação de Estágio Probatório e Progressão Horizontal da FACIP.
17/10/2014	Portaria FACIP N. 79 de 17/10/2014.	Institui a Comissão Eleitoral para proceder à consulta eleitoral para elaboração de lista tríplice visando a escolha e nomeação do Diretor da FACIP.

20/01/2015	Portaria PPGEP/FACIP N. 01 de 20/01/2015	Nomeia Comissão para realização do processo seletivo de alunos ingressantes no PPGEP/UFU.
28/05/2015	Portaria FACIP N. 51, de 28/05/2015	Nomeia comissão para estudo de critérios para distribuição orçamentária da FACIP para o ano base de 2016.
06/10/2016	Portaria PPGEP/FACIP/UFU Nº. 3 de 06/10/2016	Nomeia a Comissão de Seleção para o processo seletivo para ingresso de alunos regulares no 1º semestre de 2017 no Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal
16/11/2016	Portaria REITO-1198, de 16/11/2016.	Cria a Comissão de elaboração da Política da Diversidade Sexual da UFU.
17/11/2017	Portaria SEI/PPGEP Nº 2 de 17/11/2017	Nomeia a Comissão Permanente para o Acompanhamento e Fiscalização das Ações Afirmativas do Programa de Pós-Gaduação em Geografia do Pontal.
06/05/2019	Portaria DIRICHPO Nº 18, de 06/05/2019	Nomeia a Banca Examinadora para Processo Seletivo Simplificado visando contratação de professor visitante do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (Edital PROGEP nº 57/2019).
22/11/2019	Portaria DIRICHPO Nº 63, De 22 De Novembro De 2019	Institui a comissão julgadora do processo de seleção de alunos regulares para ingresso no 1º semestre de 2020 no Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal
24/02/2020	PORTARIA PPGEP Nº 11, DE 22/10/2020	Nomear a Comissão de atualização, manutenção, coleta e inserção de dados de produção técnico-científica do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal na Plataforma Sucupira - CAPES.
14/07/2020	Portaria COGEO Nº 2 de 14/07/2020	Institui a Comissão de Planejamento das Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais (AARE) do Curso de Geografia do ICHPO
09/02/2021	Portaria PPGEP Nº 1 de 09/02/2021	Nomear Docentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal, para compor a comissão de seleção, implementação de bolsa, acompanhamento até a titulação de discente ingressante pelo Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras - OEA (Organização dos Estados Americanos) conforme orientações PROPP/UFU.
30/09/2021	Portaria DIRICHPO Nº 33 de 01/010/2021	Nomeia representante docente junto ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal.
13/10/2021	Portaria DIRICHPO Nº 34, de 15/10/2021	Nomeia membros do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal.
01/01/2022.	Portaria PPGEP Nº 10 de 24/05/2022	Nomeia representantes Docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal, para compor a Comissão Organizadora do Evento "Dia Do Geógrafo".
15/03/2022	Portaria COGEO Nº 11, de 15 de março de 2022	Nomeia a Comissão de Eventos do Curso de Graduação em Geografia - Campus Pontal - ICHPO/UFU
01/04/2022	Portaria PPGEP Nº 10, de 24/05/2022	Nomeia representantes Docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal, para compor a Comissão Organizadora do Evento "Dia Do Geógrafo"

15/09/2022	Portaria PPGEPI Nº 15, de 01/09/2022.	Nomear a Comissão Permanente para o acompanhamento e fiscalização das Ações Afirmativas do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal.
19/04/2023	Portaria PROEXC Nº 157, De 19 De Abril De 2023	Constituir Comissão mista responsável pela elaboração de minuta de Regimento Interno do Museu de Antropologia e Arqueologia - MAnA:
25/08/2023	Portaria De Pessoal UFU Nº 5096, De 25 De Agosto De 2023	Nomear o professor Anderson Pereira Portuguez como membro do Colegiado do Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal.
27/08/2025	Portaria De Pessoal UFU Nº 5799, de 27/08/2025	Nomeia membros do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal.

Fonte: Secretaria do Curso de Geografia (2025); organização do autor (2026).

Para finalizar este tópico, lhes conto que tenho interesse em propor em 2026 a criação de uma comissão presidida por mim, para a criação e implantação do curso de Licenciatura EAD em Ciências da Religião a ser ofertado pelo Instituto de Ciências Humanas do Pontal. Será a primeira experiência de um curso criado pelo ICHPO para a plataforma UFU de educação à distância. Ainda não temos esse curso de graduação na UFU e a iniciativa de um curso no formato EAD foi bem recebida em conversar informais com representantes da Pró-Reitoria de Graduação em Uberlândia.

7 RECONHECIMENTO, GENEROSIDADE E CONQUISTAS: ALGUNS PRÊMIOS E TÍTULOS HONORÍFICOS QUE RECEBI

Falemos, pois, de alguns prêmios e menções honrosas que recebi. De partida, reconheço que tais honrarias chegaram a mim, mas não são méritos somente meus. São frutos de oportunidades e de apoios recebidos e de trabalhos feitos em parceria com alunos, colegas, parceiros de luta e até familiares. É por essa razão que cada reconhecimento veio acompanhado de gratidão, pois nada disso teria acontecido sem a colaboração de pessoas incríveis com as quais trabalhei.

Quando eu estava na 7ª. Série do 1º Grau (atual Ensino Fundamental) eu participei da Feira de Ciências do Colégio Salesiano, em Vitória. Eu decidi que meu tema seria a origem dos povos indígenas e que eu faria uma exposição com achados arqueológicos do Espírito Santo na Escola. Por intermédio de um professor, fui até a UFES e lá conheci o Prof. Dr. Celso Perota, um dos maiores arqueólogos do Espírito Santo. Ele deve ter achado muita graça de uma criança chegar sozinha até o laboratório dele e pedir ossadas emprestadas para fazer uma exposição. O fato é que ele emprestou e a exposição foi um escândalo! Crânios e ossos humanos espalhados sobre as mesas, fizeram com que meus coleguinhas fugissem de seus experimentos para ir até meu cantinho ver os restos mortais dos indígenas de 7 mil anos.

Essa foi a primeira vez que ganhei um prêmio. Guardo até hoje a medalhinha dourada de campeão da Mostra Científica do Colégio Salesiano, ocorrida em 1985. O Colégio era uma instituição cristã, privada, gerida por padres muito comprometidos com a qualidade do ensino. Era uma escola de elite, onde estudei à custa de muito esforço de minha mãe, que costurava roupas e fazia bordados para complementar a renda de funcionária pública e me permitir estudar lá.

Anos depois, em 1991, quando estava no 2º período do curso de Geografia da UFES, fui aluno do Prof. Dr. Celso Perota em duas disciplinas e ao recordarmos da exposição do Colégio Salesiano, dávamos boas risadas lembrando do moleque que caiu de paraquedas no laboratório pedindo ossadas, amostras de cerâmicas escavadas e machados de pedra lascada.

Figura 103: Medalha de 1º lugar na Feira de Ciências do Colégio Salesiano de Vitória.



Fonte: Acervo do autor (2025).

O tempo passou, me formei em Geografia, comecei a dar aulas e, aos poucos, construí alguma fama e conquistei meus primeiros prêmios de gente grande. Em 2007, conquistei o 1º lugar no Concurso de Artigos Científicos do Programa de Comunicação Ambiental da multinacional Arcelor Mittal Tubarão S/A. Na época eu estava fazendo Doutorado e dava aulas na rede Estácio de Sá.

A premiação me rendeu muito reconhecimento e um prêmio que veio mais que em boa hora: um computador de última geração. Em 2010, quando já atuava como professor do Curso de Geografia do Campus Pontal da UFU, recebi Menções Honrosas pela apresentação de trabalhos sobre os impactos socioambientais do turismo e valorização dos recursos naturais da bacia do Córrego São Vicente (Ituiutaba), apresentados no IV Encontro Científico Multidisciplinar, na Faculdade Estácio de Sá de Vitória. Era a primeira vez que eu retornava à Estácio de Sá depois de minha demissão e foi muito prazeroso ser homenageado como pesquisador e como ex-professor. Até hoje sou muito bem tratado sempre que vou àquela instituição e, inclusive, faço parte do Conselho Editorial de sua revista *Destarte*.

Em 2015, como já dito anteriormente, recebi uma Menção de Aplauso pela Câmara dos Vereadores do Município de Uberlândia. Essa honraria reforçou minha responsabilidade de dialogar com políticas locais de educação, cultura e desenvolvimento, sempre com a humildade de continuar aprendendo com cada comunidade que encontro. Em 2017, recebi mais uma Menção de Aplauso pelo trabalho social e cultural junto às comunidades tradicionais de matriz africana, concedida também pela Câmara dos Vereadores de Uberlândia.

Em 2019, recebi a homenagem “Honra ao Mérito” pelos esforços em promover a Capoeira e os saberes dos *Mestres Guardiões dos Saberes da Capoeira*. O certificado me foi entregue pelo

Mestre Víbora, grande nome da capoeira ituiutabana, professor da Escola Vivência Cultural Capoeira. Tal honraria chegou às minhas mãos durante um evento realizado na UFU (Campus Pontal), em reconhecimento ao projeto de extensão que fizemos no Ponto de Cultura Axé Obatalá entre 2018-2019.

Em 2022, recebi o Prêmio Destaque de Atividades Extensionistas "Paulo Freire", concedido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia. A primeira edição do "Estágio de Vivência" foi considerada uma iniciativa inovadora e de alto impacto na formação continuada de professores da Educação Básica de Ituiutaba e entorno. Outras edições das vivências culturais foram realizadas, até que mais uma delas recebeu, em 2024, mais uma vez o Prêmio Paulo Freire, que é a mais alta honraria que a UFU concede a um projeto de extensão.

Em 2024, recebi a outorga *Doutor Honoris Causa* concedido pela Faculdade Cristã de Teologia e Filosofia do Estado do Rio de Janeiro. Creio que senti uma das emoções mais forte de minha vida. Não fui outorgado sozinho, recebi tal honraria ao lado de lideranças religiosas de matriz africana e ativistas e militantes de causas negras de todo Triângulo Mineiro. Na ocasião de minha titulação (figuras 104 e 105) pude contar com a presença do Dr. Antônio Oliveira Júnior (representante do curso de Geografia do ICHPO/UFU), Babá Kekerè Colignon de Osumarè (representando o Ponto de Cultura Axé Obatalá) e Dra. Mical de Melo Marcelino (representando o Curso de Pedagogia do ICHPO/UFU).

Em linhas gerais, o título *Doutor Honoris Causa* é uma outorga solene de uma Instituição de Ensino Superior para pessoas que se destacam por contribuições relevantes em áreas como ciência, educação, arte, serviço público ou liderança social. Trata-se de um título honorário que reconhece o elevado impacto social de uma pessoa. Além da outorga e da solenidade, a Faculdade Cristã de Teologia e Filosofia do Estado do Rio de Janeiro me entregou um diploma registrado no seu Departamento de Registro de Diplomas sob o número 2176, Livro 3, Folha 24 (08/07/2024) nos termos do parecer nº. 024 de 08 de agosto de 2015 do Conselho Diretor da Instituição. O ato foi, ainda, publicado no Diário Oficial da União pela Associação Brasileira de Capelania Civil na Seção 3, nº. 150, p. 194 em 06 de agosto de 2024.

Figuras 104 e 105: Outorga do Título Dr. Honoris Causa pela Faculdade Cristã de Teologia e Filosofia do Estado do Rio de Janeiro (2024).



Fonte: Acervo do autor (2024).

Também em 2024, fui beneficiado por uma premiação institucional. Tudo começou quando escrevi um artigo para apresentação no Geopontal – Encontro de Geografia do Pontal, realizado anualmente no ICHPO-UFU. O artigo intitula-se “*Erês, caruru de Ibeji e festas de Cosme e Damião: expressões da celebração da infância como ato de resistência cultural e territorial de comunidades tradicionais de terreiros*” e encontra-se publicado nos anais do evento. O artigo foi transformado em um vídeo pelo Ponto de Cultura Axé Obatalá, no qual conto a história de resistência cultural negra por trás da celebração da infância nas festas de setembro. O vídeo foi encerrado pelas mulheres da comunidade cozinhando o caruru e o vatapá, comidas típicas da tradição gastronômica afro-brasileira, servidas na festa de Ibeji, Erês e Cosme e Damião.

O material audiovisual foi enviado à Fundação Palmares, em Brasília, para concorrer ao “*I Prêmio Sabores e Saberes: Comida de Terreiro para Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana de Terreiro*” (Edital MINC/FCP 05/2024). Após receber nota máxima, o vídeo (que concorreu em nome do Ponto de Cultura Axé Obatalá) foi selecionado como destaque Região Sudeste, rendendo um prêmio de 13 mil Reais em dinheiro e 20 mil Reais em equipamentos de cozinha para a citada instituição de caridade (figura 105). Embora o prêmio tenha saído em nome da instituição, os créditos do conteúdo ganhador são meus. Fiquei de fato muito feliz em ter contribuído, pois a comunidade estava mesmo precisando dos equipamentos e dos recursos para obras infraestruturais.

Figura 106: Equipamentos de cozinha recebidos pelo Ponto de Cultura Axé

Figura 107:

Obatalá como parte da premiação
concedida pela Fundação Cultural
Palmares.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Certificado de premiação do Edital
MINC/FCP 05/2024.



Por fim, em 2025, fui agraciado com o título *Álákáyé*, a mim concedido pela comunidade Ilé Oya Oba Àkárá Àsè Ògòdo. Trata-se de um reconhecimento dessa comunidade pelos meus esforços em defender pautas de interesse das comunidades tradicionais de matriz africana.

8 ENTRE AMIGOS, LIVROS E LUGARES: PANORAMA DE UMA PRODUÇÃO CIENTÍFICA AFETIVAMENTE CONSTRUÍDA

Minha produção literária e acadêmica é variada. Porém, por opção, prazer e conveniência, concentrei a maior parte de minhas publicações em livros autorais, organizações de livros e capítulos de livros. Também publiquei textos em outros formatos para atender as formalidades acadêmicas (artigos em revistas, trabalhos em congressos, paradidáticos e outros), mas de fato minha paixão é mesmo o livro (de preferência impresso). Desde criança, sempre adorei folhear as páginas da nada pequena biblioteca de minha mãe (amante da literatura) e de meu pai (apaixonado pelas enciclopédias). Talvez por isso, sinto que há algo de afetivo, de mágico nas obras impressas, nos clássicos da literatura, no cheiro do papel novo e na solenidade dos volumes amarelados pelo tempo.

Nasci e cresci em uma casa onde livros, revistas jornalísticas impressas, jornais diários com suas folhas gigantescas, enciclopédias de capas duras e cadernos antigos e amarelados com anotações e memórias faziam parte da identidade familiar. Sempre vi minha mãe lendo livros, meu pai lendo compêndios enciclopédicos, minha tia madrinha revirando as páginas de obras didáticas para preparar aulas, minha avó ditando os ingredientes de um bolo para alguém anotar no seu caderno de receitas. Enfim, para mim há algo de afetivo e de saudoso em uma bela estante repleta de obras.

Além dos livros, destaco a minha participação em alguns eventos regionais, nacionais e internacionais. Procurei atuar na esfera científico-educacional de forma contínua, com artigos em periódicos acadêmicos, palestras e conferências que ampliaram a comunicação científica de tudo que produzi sozinho e com meus pares. Além disso, redigi e publiquei relatórios de pesquisas que objetivaram oferecer fundamentação sólida para decisões e políticas públicas em municípios capixabas e mineiros, quer no campo da Geografia Rural, quer no campo do Turismo, quer no campo da Geografia Cultural e áreas correlatas. Em paralelo, participei de experiências culturais e literárias e realizei produções técnicas que sustentaram projetos de natureza multifacetada.

Atuo com frequência como revisor de periódicos, contribuindo com avaliações técnicas, sugestões de melhoria e validação de metodologias, de modo a preservar a qualidade, a consistência e a relevância dos trabalhos publicados em diversos veículos de divulgação acadêmica. Alguns periódicos recorrem com regularidade aos meus pareceres. Entre eles estão: Anales de Geografia da Universidad Complutense (UCM, Espanha), Sociedade & Natureza (UFU), Destarte (FESV), Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde (UFU), Geografares (UFES), Caminhos de Geografia (UFU), Brazilian Geographical Journal (ICHPO/UFU), Revista Brasileira de

Ecoturismo (UFESP) e outros.

Minha atuação como membro do corpo editorial de revistas envolve participação estratégica e operacional em processos de revisão, seleção de conteúdos, orientação editorial e garantia de padrões éticos e de qualidade. Como membro de corpo editorial, também dou minha contribuição para a definição de linhas temáticas, avaliação de manuscritos e melhoria de materiais publicados. Nesse sentido, destaco minha participação como conselheiro da Revista Gestão Contemporânea e da Revista Destarte, ambas da Rede Estácio de Sá do Espírito Santo, onde contribuo como membro efetivo do conselho editorial desde 2011, quando o Departamento de Publicações foi criado

Porém, há um espaço de publicações que considero um de meus maiores feitos na vida: a editora Barlavento. Desde os tempos do Mestrado eu já idealizava um dia criar uma editora e com esse nome, “Barlavento”, uma referência clara à dimensão produtiva da academia, quando acariciada pelos bons ventos do conhecimento. Naquela época os livros eram mais importantes que hoje. Atualmente, pouca gente quer publicar livros físicos, pois são caros e de difícil distribuição espacial.

Ao meu ver, o sistema Qualis CAPES²⁵ não valoriza adequadamente esse tipo de publicação e os programas de pós-graduações, por consequência, também dão mais valor aos periódicos. Fazer livros, aos poucos, tem se tornado insistência de apaixonados, ato de resistência de pesquisadores que guardam carinho pela letra impressa, ou dos autores e autoras que se veem desprendidos do controle da qualização.

A Editora Barlavento é uma editora comunitária, sem fins lucrativos, com conselho editorial nacional e internacional e registro na Biblioteca Nacional. A editora funciona como o braço editorial do Ponto de Cultura Axé Obatalá, criado por mim em 2013. O projeto nasceu da iniciativa de criar um veículo de popularização da ciência, da arte e da literatura, oferecendo aos cientistas um canal para disponibilizar seus textos em obras de qualidade, com acesso universal e irrestrito. Gosto de enfatizar que os livros possuem todos os devidos registros (CDD, CDU, fichas catalográficas registradas, ISBN, DOI e outros), além de parcerias com gráficas detentoras de selos de sustentabilidade para as versões impressas.

Dito isso, passo a detalhar a minha produção por veículos de divulgação científica. Início pelos periódicos. O Quadro 23 apresenta, no intervalo de 1997 a 2025, minha produção publicada em periódicos, abrangendo as áreas de Geografia, Turismo, Ciências da Religião, Sociologia e

²⁵ Sucintamente, o Qualis Capes é um sistema da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para classificar a qualidade da produção científica (artigos, livros, etc.) de programas de pós-graduação brasileiros, usando estratos como A1 (excelência internacional) a C (baixa relevância), visando avaliar e melhorar a pós-graduação *stricto sensu* do país. A classificação ajuda a mensurar o impacto e a qualidade dos periódicos e outras publicações, influenciando a nota dos programas de pós-graduação.

estudos interdisciplinares. Nesses conteúdos, adoto uma base analítico-descritiva do turismo, articulando dados, processos e práticas com foco na compreensão de ambientes, viajantes e impactos socioculturais e ambientais. Em publicações mais recentes, empreendo leituras críticas e decoloniais sobre temas como intolerância religiosa, cultura popular, estudos africanos e afro-brasileiros, relações étnico-raciais e, ainda, questões ambientais.

Quadro 23: Artigos completos publicados em periódicos.

Área	Referência
Ciências Sociais	SILVEIRA, M. C. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Cultura alimentar e os sabores do Cerrado no Brasil Central. <i>Studies In Social Sciences Review</i> . v.5, p.e9554, 2024.
Ciências Sociais	WOLF, M. I.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Serra do Corpo-Seco, Ituiutaba, MG: o lugar, a assombração e o mito popular a partir da Geografia das Representações. <i>Brazilian Journal of Development</i> . v.6, p.1421 - 1475, 2020.
Ciências Sociais	COSTA, E. R. C.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Por uma dose de cachaça brasileira: indicadores geográficos e o decreto da cachaça como mecanismos de preservação do patrimônio cultural brasileiro. <i>Observatorio de la Economía Latinoamericana</i> . v.209, p.1 - 25, 2015.
Educação	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MARCELINO, M. M.. Religiosidade afro-brasileira, educação para as relações étnico-raciais e a formação docente na perspectiva da sociointeratividade. <i>Revista de Educação Popular</i> . v.Esp., p.189 - 203, 2022.
Educação/Ciências Sociais	NERY, N. C. S.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Relações de solidariedade e a construção coletiva do senso de lugar: o caso da comunidade do Córrego Santa Rita (Ituiutaba, MG). <i>Studies in Education Sciences</i> . v.6, p.1 - 25, 2025.
Etnografia/Ciências Naturais	ALVES, K. C. H.; POVH, J. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. <i>ETHNOSCIENTIA</i> . v. IV, p.1 - 10, 2019.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Comunidades de pescadores tradicionais e os vetores do desenvolvimento na Planície Costeira do rio Doce (ES) entre 1980-2015. <i>Brazilian Geographical Journal</i> : v.10, p.77 - 93, 2019.
Geografia	MOUSSA, M. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Nos dois lados de Atlântico Sul: reflexões sobre semelhanças e diferenças do rural e do urbano no Brasil e no Benin. <i>Brazilian Geographical Journal</i> : v.10, p.58 - 73, 2019.
Geografia	FREITAS, B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Sexualidade, Preconceito e Perfil Socioeconômico dos Freqüentadores das Áreas de Lazer e/ou Turismo LGBT em Uberlândia, MG. <i>Revista Latino-americana de Geografia e Gênero</i> . v.6, p.222 - 240, 2015.
Geografia	Carlos Roberto dos Anjos Candeiro; CASTANHO, R. B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A Geodiversidade do Pontal do Triângulo Mineiro como possibilidade para o turismo local. <i>Caderno Prudentino de Geografia</i> . v.2, p.68 - 80, 2014.
Geografia	FREITAS, B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Sexualidade, Preconceito e Perfil Socioeconômico dos Freqüentadores das Áreas de Lazer e/ou Turismo LGBT em Uberlândia, Minas Gerais.. <i>Revista Latino-americana de Geografia e Gênero</i> . v.VI, p.222 - 240, 2014.
Geografia	FREITAS, B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Uso, ocupação do espaço e perspectivas de desenvolvimento do turismo ecoturístico na Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente, Ituiutaba, MG. <i>Campo - Território</i> .

	v.9, p.330 - 361, 2014.
Geografia	PELISSON, Guilherme Valagna; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Análise do perfil da demanda turística e suas incidências espaciais em Cachoeira Dourada, MG. <i>Caminhos de Geografia</i> . v.14, p.183 - 198, 2013.
Geografia	BRUNO DE FREITAS; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Consumo, exclusão social e a dinâmica de produção do território lgbt na área central de Uberlândia, MG. <i>Brazilian Geographical Journal: geosciences and humanities research medium</i> . v.4, p.539 - 560, 2013.
Geografia	FREITAS, B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O espaço urbano de Santa Vitória (mg) nas representações > fotográficas elaboradas por alunos do ensino médio. <i>Revista de Ensino de Geografia</i> . v.4, p.98 - 114, 2013.
Geografia	AGOSTINHO, Elísio Abel; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Saúde e meio ambiente: Um estudo de caso na bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba – MG). <i>Hygeia : Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde (Uberlândia)</i> . v.8, p.143 - 156, 2012.
Geografia	MAIA, D. M.; FREITAS, B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Um estudo diagnóstico sobre os impactos ambientais do turismo sobre a orla fluvial de Cachoeira Dourada de Minas (MG). <i>Caminhos de Geografia</i> . v.13, p.227 - 246, 2012.
Geografia	Bárbara Luísa Martins Mariano de Souza; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Usos e potencialidades da Cachoeira do Córrego da Caçada (Ituiutaba, MG) para o lazer e o turismo de natureza. <i>Geografares: Revista do Mestrado e do Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais (UFES)</i> . v.13, p.192 - 223, 2012.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Usos productivos y apropiación de los recursos naturales en el espacio rural del municipio de Santa Maria de Jetibá (ES- Brasil). <i>Anales de Geografía de la Universidad Complutense</i> . v.32, p.345 - 368, 2012.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Rafael Gumiero Oliveira. Os (des)caminhos do Planejamento Municipal do Turismo: o caso da revitalização do Sítio Histórico de Vila Velha (Espírito Santo Brasil). <i>Brazilian Geographical Journal: geosciences and humanities research medium</i> . v.2, p.305 - 322, 2011.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Desenvolvimento socioespacial. pressupostos para a gestão participativa do turismo com base local.. <i>Espaço e Geografia (UnB)</i> . v.2, p.111 - 119, 1999.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. 1º Encontro Nacional de Turismo Com Base Local.: balanço geral do evento.. <i>Geosp</i> . v.2, p.97 - 98, 1997.
Geografia/ Turismo	TIMBO, S. H.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Transportes recreativos e desenvolvimento local : a atividade Buggy-turismo na praia de cumbuco, município de Caucaia, CE. <i>TURyDES (Málaga)</i> . v.17, p.1 - 20, 2014.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Vanda Aparecida da Silva Alves. O crescimento da classe média interiorana do Brasil e seus impactos sobre o turismo interno. <i>Observatorio de la Economía Latinoamericana</i> . v.189, p.1 - 12, 2013.
Interdisciplinar	CANDIDO, T. L.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Dinâmicas turísticas e produção do espaço em Ituiutaba, MG. <i>Studies in Multidisciplinary Review</i> . v.6, p.01 - 32, 2025.
Interdisciplinar	PORTUGUEZ, C. J. F.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Mobilização comunitária para recuperação e uso sustentável da área de compensação socioambiental do bairro/Loteamento Cidade Jardim, Ituiutaba, MG. <i>Destarte</i> . v.13, p.179 - 204, 2024.
Interdisciplinar	NEVES, J. P. M. ; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O corpo, a dança e os territórios da congada: um estudo sobre a expressão corporal como ato de resistência negra em Ituiutaba, MG. <i>Destarte</i> . v.13, p.1 - 35, 2024.
Interdisciplinar	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Paisagem, ruralidade e funcionalidade

	turística. Destarte. v.3, p.1 - 13, 2013.
Interdisciplinar	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; RAMOS, E. A.. A abordagem da teoria geográfica no ensino fundamental brasileiro: reflexões, proposições e desafios. Destarte (FESV). v.2, p.1 - 21, 2012.
Interdisciplinar	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Desenvolvimento socioespacial: um conceito e sua abordagem multidisciplinar. Tempo & Memória. v.2, p.153 - 170, 2004.
Interdisciplinar	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Visão de entorno: análise dos impactos do meio socioambiental sobre as organizações e seus mercados. Scientia (Vila Velha). v.5, p.7 - 19, 2004.

Fonte: Currículo Lattes do autor. Acessado em 04 jan. 2026.

Ao longo da minha trajetória, publiquei livros autorais que abarcam temas centrais de minha atuação acadêmica e cultural: turismo (com ênfase em turismo rural); religiosidade popular; educação antirracista e Geografia; e paradidáticos destinados à promoção da educação para as relações étnico-raciais. O quadro 24, a continuação, apresenta meus livros, muitos deles escritos em parcerias com colegas maravilhosos.

Quadro 24: Livros autorais publicados entre 1999 e 2025.

Área	Referência
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Gerusa Gonçalves Moura; MENDES, P. C. Bacias Hidrográficas de Ituiutaba: dinâmica produtiva, saúde e meio ambiente no espaço rural tijucano, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.166.
Geografia da Religião	CANDIDO, T. L.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Congados, Marujos, Moçambiques e Catupés: Tradições do Catolicismo Negro e o Turismo Cultural em Ituiutaba, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, v.1., p.253.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Merindilogun, o oráculo de búzios: diálogos ancestrais entre o mundo divino e o mundo vivido, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.135.
Geografia da Religião	NEVES, J. P. M. ; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O corpo negro e a dança como ato de resistência cultural da comunidade congadeira de Ituiutaba, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.305.
Geografia Humana	NERY, N. C. S.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Sociabilidade e solidariedade na construção do lugar de uma comunidade rural de Ituiutaba, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.234.
Geografia do Turismo	FERNANDES, H. G. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Peirópolis: a turistificação de um sítio paleontológico no Triângulo Mineiro, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2023, p.216.
Geografia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira, ed.2. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p.195. PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira. 2 ed. Ituiutaba: Barlavento, 2015, p.138.
Geografia Cultural	SILVEIRA, M. C. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Geografia, cultura alimentar e os sabores do Brasil central: os alimentos do Cerrado no pontal do Triângulo Mineiro, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p.170.
Geografia da Religião	SOUZA, L. S. D.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Arerês e fuzuês: intolerância religiosa contra a umbanda e o candomblé em Ituiutaba, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p.276.
Geografia Humana	MOUSSA, M. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Desenvolvimento local e combate à pobreza em África Ocidental: microfinanciamento e promoção da cunicultura em Allada, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, v.1., p.155.
Geografia	SILVA, M. S. A. C.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; DINIZ, A. M. A..

Cultural	Imaginário urbano e representações da paisagem no cinema contemporâneo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, p.157.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; BACCINI, B. H. F.; OLIVEIRA, B.; SILVA, D. R.; SILVA, G. A. B.; DANTAS, H. R.. Minha Aruanda canta: tambores, saberes e tradições musicais da umbanda no Pontal do Triângulo Mineiro, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, p.113.
Geografia da Religião	RAFAEL, L. R. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Ritmos e cores do catolicismo negro em Ituiutaba: as territorialidades da festa de congada entre 1950 e o tempo presente, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, p.158.
Literatura/ Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Contos de uma África mítica: a educação pela oralidade nas religiões de matriz afro-brasileira, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p.73.
Geografia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO SOBRINHO, F. L.. Espaço sagrado, fé e ancestralidade de uma comunidade umbandista de Capinópolis., ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p.100.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Agroturismo e desenvolvimento regional - versão ampliada, ed.3. Ituiutaba: Barlavento, 2017, v.1., p.200. PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Agroturismo e desenvolvimento regional. 2 Ed. São Paulo: Hucitec, 2001. PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Agroturismo e desenvolvimento regional. 1 Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Espaço sagrado e ritos iniciáticos na tradição dos Candoblés de raiz ketu, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2017, p.285.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; NAZCO, D. C.; ESCALONA, Y. P.. Turismo, território e patrimônio histórico-cultural: experiências cubanas e brasileiras na perspectiva da cooperação para a promoção do desenvolvimento local, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2015, p.416.
Geografia Humana	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Geografia Humana del bajo río Doce, ed.1. Uberlândia: Assis, 2010, p.655. PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Geografia Humana del bajo río Doce. 2 Ed. Ituiutaba: Barlavento, 2010, p.655.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas São Paulo: Roca, 2001, p.135.

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Desde o início da década de 2000, tenho organizado livros de forma contínua, e venho sendo constantemente procurado por colegas para tratar de temas relevantes à Geografia. Essas colaborações refletem uma prática de mediação intelectual que fortalece redes de pesquisa e facilita o intercâmbio entre diferentes saberes.

Tenho um projeto editorial, junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura, Descolonialidade e Território, com objetivo de produzir anualmente pelo menos três publicações organizadas em torno de áreas-chave: Geografia e Turismo, Educação e Religiosidade Popular. Esse trabalho coletivo foi iniciado em 2017 e já resultou em diversas obras relevantes, contribuindo para a circulação de saberes e para o debate público nas áreas envolvidas. A continuidade desse projeto está garantida para 2026, mantendo a periodicidade e a qualidade dos produtos editoriais, bem como a integração de saberes acadêmicos e de base popular.

As ações de organização e publicação ocorrem principalmente por meio da Editora Barlavento, cuja missão e estrutura dialogam com o perfil colaborativo, comunitário e de acesso aberto que eu valorizo. O quadro 25, a seguir, apresenta as obras que organizei entre os anos de 2004 e 2025.

Quadro 25: Organização de livros entre os anos 2004 e 2025.

Áreas	Referência
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F. Religiosidade Popular: o desafio da interdisciplinaridade no tempo presente., ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2025, p.397.
Ciências da Religião/ Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F. Fé, território e sociedade: debates sobre a religiosidade popular brasileira, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.442.
Ciências da Religião/ Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F. Espaço, cultura e memória na religiosidade popular brasileira, 2 ed. Ituiutaba: Barlavento, 2023, p.281.
Ciências da Religião/ Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F. Territorialidades da fé: religiões, religiosidade popular e as manifestações do sagrado na natureza, no rural e no urbano, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p.333.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F.; SANTOS, E. R. Religiosidade popular e o desafio da contra-hegemonia no contemporâneo brasileiro, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p.395.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F.; COPPE, M. A. A força da fé: existência, resistência e resiliência da religiosidade popular brasileira, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p.405.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F.; POVOA, C. A. Narrativas da fé: tradições religiosas, ancestralidade e resistência no Brasil contemporâneo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1., p.462.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, L. F.; ENOQUE, A. G. Meu povo de fé: olhares sobre a religiosidade popular no Brasil, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p.551.
Educação	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MARCELINO, M. M.; FRANCA, J. S. Educação: inquietações teóricas e experiências pedagógicas, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.602.
Educação	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MARCELINO, M. M.; FRANCA, J. S. Educação e transformação social: vivências e experiências, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2023, p.206.
Educação	MARCELINO, M. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Educação: da consciência cidadão à resistência política, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p.206.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Geografia: Dinâmicas ambientais, produção do espaço e turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2025, p.461.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; BOLLELI, T. M. Dinâmicas sociais, produção do espaço e ensino de Geografia, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.308.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; BOLLELI, T. M.; MAUAD, F. F. Geografia, sustentabilidade, dinâmicas da natureza e turismo., ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p.397.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; COSTA, H. R. O. Geografia e Dilemas da Contemporaneidade: Economia, Sociedade, Meio Ambiente e Turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2023, p.355.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SANTOS, J. C. V. Geografia, educação ambiental e dinâmicas espaciais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p.475.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SOARES, B. R.; Antônio Oliveira Júnior. Geografia, pandemia e o desafio da reinvenção do mundo vivido, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p.434.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Rildo Aparecido Costa; PEDROSO, L. B.

	Paisagem, natureza e dinâmicas socioambientais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p.541.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; COSTA, C. L.; MIYAZAKI, L. C. P. Balbúrdia geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p.488.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; COSTA, C. L.; MIYAZAKI, L. C. P. Espaço geográfico e dinâmicas ambientais: usos e apropriação dos recursos naturais no Centro-Norte do Brasil, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p.303.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Antônio Oliveira Júnior; Vitor Koiti Miyazaki. Olhares da Geografia Brasileira: dinâmicas ambientais e questões sociais na atualidade, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1., p.609.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO SOBRINHO, F. L.. Inquietações geográficas: natureza, sociedade e turismo no Brasil contemporâneo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p.581.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Patricia Francisca de Matos; CASTANHO, R. B. Leituras geográficas: ensaios teóricos sobre temas da contemporaneidade, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2016, v.1., p.380.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Geresa Gonçalves Moura; Rildo Aparecido Costa. Geografia do Brasil Central: enfoques teóricos e peculiaridades regionais, ed.1. Uberlândia: Assis, 2011, v.1., p.410.
Geografia/ Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo, memória e patrimônio cultural, ed.1. São Paulo: Roca, 2004, p.204.
Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TRIGO, L. G. G.; COSTA, C. Turismo e lazer na reconstrução econômica pós-pandêmica, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p.302.
Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TRIGO, L. G. G. Sustentabilidade e turismo em comunidades, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p.272.
Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TRIGO, L. G. G. Turismo e saúde global: pandemia, pandemônio e novos rumos para o setor no Brasil e no mundo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p.274.
Turismo Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Giovanni F. Seabra; NOGUEIRA, C. R. D. Desafios e dinâmicas espaciais do turismo receptivo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p.506.
Turismo Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SILVA, R. L. G.; Rosselvelt José Santos. Cultura, natureza e saberes na dinâmica territorial do turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1., p.430.
Turismo Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Rildo Aparecido Costa. Territorialidades do turismo: dinâmicas e desafios dos mercados receptivos, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1., p.346.
Turismo/ Geografia	QUEIROZ, Odaléia Telles M. M.; Giovanni F. Seabra; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MORAES, C. S. B. A natureza e o patrimônio na produção do lugar turístico, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2016, v.1., p.169.
Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; FREITAS, B.; OLIVEIRA, H. C. M. Turismo sertanejo: a comunidade, o lugar e os saberes locais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2014, v.1., p.276.
Turismo	Giovanni F. Seabra; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo Sertanejo: patrimônio cultural e realidade social em comunidades., ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2014, v.1., p.233.
Turismo/ Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Giovanni F. Seabra; Odaléia Telles M. M. Queiroz. Turismo, Espaço e Estratégias de Desenvolvimento Local, ed.1. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012, p.396.
Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TAMANINI, Elizabete; SANTIL, José Afonso dos Santos; CORRÊA, Maria Claudia Lorenzetti; FERRETTI, Orlando; NIEHUES, Valdete Daufemback. Turismo no espaço rural: enfoques e perspectivas São Paulo: Roca, 2006, p.294.

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Além de incorporar minhas pesquisas e experiências pedagógicas em meus livros, também

escrevi capítulos para obras organizadas por mim e por colegas, fortalecendo redes de colaboração acadêmica e a circulação de conhecimentos entre diferentes instituições. Participei com frequência de eventos que publicam livros organizados em vez de anais, destacando-se, entre eles, a Conferência da Terra e o Congresso Brasileiro de Educação Ambiental, ambos promovidos pela UFPB, os quais promoveram obras coletivas também com acesso gratuito, irrestrito e ilimitado. O quadro 26 mostra os capítulos publicados em obras organizadas entre 1996 e 2025.

Quadro 26: Capítulos de livros publicados entre 1996 e 2025.

Áreas	Referência
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; FREITAS, C. J. Magia Hoodoo: das tradições afro-norteamericanas às redes sociais no Brasil In: Espaço, cultura e memória na religiosidade popular brasileira, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2023, p. 9 - 23.
Ciências da Religião	FREITAS, C. J.; LIMA, A. J.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Quimbanda brasileira: a gargalhada que ecoa na noite escura. In: Espaço, cultura e memória na religiosidade popular brasileira, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2023, p. 240 - 274.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A ação da capelania de matriz afro-brasileira em situações de catástrofes e eventos naturais extremos. In: Territorialidades da fé: religiões, religiosidade popular e as manifestações do sagrado na natureza, no rural e no urbano, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p. 274 - 288.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Obatalá: a viagem do rei negro na perspectiva da “jornada do herói”, de Joseph Campbell. In: Territorialidades da fé: religiões, religiosidade popular e as manifestações do sagrado na natureza, no rural e no urbano, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p. 8 - 42.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SOUZA, L. S. D.; SILVEIRA, M. C. A. A covid-19 sob o olhar da Doutrina Espírita In: Religiosidade popular e o desafio da contra-hegemonia no contemporâneo brasileiro, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 257 - 277.
Ciências da Religião	MUNTASER, L. D.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Oraí por nós: a tradição das benzedeadas e benzedores em Ituiutaba-MG In: Narrativas da fé:, 1 ed. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1, p. 323 - 369.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; DAHER, V. R. C. Entre a tradição, a modernidade e o mito do retorno às origens: os movimentos de des/re/territorialização do candomblé ketu entre 1950 e o tempo presente. In: Meu povo de fé: olhares sobre a religiosidade popular no Brasil, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p. 14 - 48.
Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O lugar das religiões afro-brasileiras em Ituiutaba, MG In: Plantando axé: do lugar sagrado ao espaço da militância e da resistência cultural, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2016, p. 15 - 21.
Ensino de Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Cinema africano e educação para as relações étnico-raciais: possibilidades e limitações do uso de obras fílmicas como recurso didático In: Geografia: Dinâmicas ambientais, produção do espaço e turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2025, p. 206 - 223.
Ensino de Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Descolonialidade e formação territorial do Brasil: uma experiência de projeto integrado de pesquisa, ensino e extensão. In: Educação: inquietações teóricas e experiências pedagógicas, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p. 350 - 381.
Geografia Cultural	CANDIDO, T. L.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Cultura popular e a cidade: a geograficidade do Congado em Ituiutaba, MG In: Geografia, sustentabilidade, dinâmicas da natureza e turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p. 52 - 94.
Geografia Cultural	SILVEIRA, M. C. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O conceito de Cultura e sua abordagem na Geografia In: Geografia, educação ambiental e dinâmicas espaciais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p. 210 - 238.
Geografia Cultural	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TORQUATO, W. S. A figura do Padre Cícero Romão Batista: milagreiro, religioso e político do sertão nordestino. In: A força da fé: existência, resistência e resiliência da religiosidade popular brasileira, ed.1.

	Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 143 - 157.
Geografia Cultural	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Balbúrdia na periferia: a Capoeira e a Cultura Afro-Brasileira na perspectiva da integração da universidade com seu entorno social em Ituiutaba In: Balbúrdia Geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade, 1 ed., Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 435 - 443.
Geografia Cultural	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Cultura, memória e o mito do Caboclo Bernardo na Foz do Rio Doce: notas sobre a fé, a festa e o turismo entre 2010 e 2020 In: Desafios e dinâmicas espaciais do turismo receptivo, 1 ed., Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 470 - 492.
Geografia Cultural	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAUJO, D. F. C. Território e identidade cultural: estudo de caso dos migrantes nordestinos no bairro Novo Tempo II, em Ituiutaba, MG In: Olhares da Geografia Brasileira: dinâmicas ambientais e questões sociais na atualidade, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1, p. 347 - 380.
Geografia Cultural	COSTA, Rildo Aparecido; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Em busca das enchentes de São José: crença popular ou existência científica? In: Inquietações geográficas: natureza, sociedade e turismo no Brasil contemporâneo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p. 122 - 135.
Geografia Cultural	SANTANA, B. F. B.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A pesca recreativa como prática cultural e a produção do espaço turístico em Tupaciguara, MG In: A natureza e o patrimônio na produção do lugar turístico, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2016, v.1, p. 148 - 159.
Geografia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MANTOVANI, B. P. Ayahuasca e o neoxamanismo urbano: considerações acerca de uma vivência em Uberlândia/MG In: Religiosidade Popular: o desafio da interdisciplinaridade no tempo presente., ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2025, p. 201 - 227.
Geografia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Representações espaciais e sociais da fé e da religiosidade popular no Triângulo Mineiro In: Fé, território e sociedade: debates sobre a religiosidade popular brasileira, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p. 89 - 121.
Geografia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SOUZA, L. S. D. A pandemia de Covid-19 e seus reflexos sobre as comunidades religiosas tradicionais de matriz africana no Triângulo Mineiro In: Geografia, pandemia e os desafios da reinvenção do mundo vivido, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 174 - 212.
Geografia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A geodiversidade e as representações culturais do sagrado na cultura afro-brasileira. In: Espaço geográfico e dinâmicas ambientais: usos e apropriação dos recursos naturais no Centro-Norte do Brasil, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 282 - 294.
Geografia da Saúde	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MONTEIRO, S. Saúde e meio ambiente na bacia hidrográfica do Córrego da Areia In: Bacias Hidrográficas de Ituiutaba: MG: uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, v.1, p. 95 - 116.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; FERNANDES, H. G. M. Geografia do Turismo: do neopositivismo à reestruturação contemporânea In: Geografia e dilemas da contemporaneidade: Economia, Sociedade, Meio Ambiente e Turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2023, v.1, p. 285 - 317.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo, usos produtivos e apropriação dos recursos naturais rurais em Santa Maria de Jetibá, ES In: Turismo e lazer na reconstrução econômica pós-pandêmica, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p. 260 - 298.
Geografia do Turismo	NAZCO, D. C.; ESCALONA, Y. P.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TORRES, S. P.. Ciudad de Manzanillo, una visión desde su contexto local In: Sustentabilidade e turismo em comunidades, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 173 - 205.
Geografia do Turismo	NERY, N. C. S.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O rural em tempos de pandemia: um olhar lançado ao vale do córrego Santa Rita (Ituiutaba, MG). In: Turismo e saúde global: pandemia, pandemônio e novos rumos para o setor no Brasil e no mundo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 223 - 245.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Rildo Aparecido Costa. A atenção ao turista em situações de vulnerabilidade em decorrência de eventos naturais extremos. In: Territorialidades do turismo: dinâmicas e desafios dos mercados receptivos, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1, p. 315 - 331.

Geografia do Turismo	DUARTE, D. L. V.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Festa de Nossa Senhora da Abadia e a turistificação da cidade de Romaria, MG In: Meu povo de fé: olhares sobre a religiosidade popular no Brasil, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p. 380 - 407.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Las aerofotografías oblicuas amateurs como fuente de datos para investigaciones en turismo In: Las fuentes de información turística en foco, ed.1. Cendea de Cizur: Thomson Reuters Aranzadi, 2018, v.1, p. 139 - 158.
Geografia do Turismo	PAIVA, G. M. C.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A cultura e o patrimônio como pilares da dinâmica turística de Pacatuba, CE In: Turismo, território e patrimônio histórico-cultural: experiências cubanas e brasileiras na perspectiva da cooperação para a promoção do desenvolvimento local, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2015, p. 70 - 90.
Geografia do Turismo	FREITAS, B.; PEREIRA, P. M. F.; ARAUJO, S. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A duplicação da BR 365 e seus reflexos sobre o comércio de produtos artesanais em Monte Alegre de Minas. MG In: Turismo Sertanejo: a comunidade, o lugar e os saberes locais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2014, p. 76 - 84.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Arranjos Produtivos Locais do/no turismo. In: Turismo Sertanejo: patrimônio cultural e realidade social em comunidades., ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2014, v.1, p. 26 - 35.
Geografia do Turismo	MARCHINI, M. F.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O Geoturismo como uma estratégia de desenvolvimento local no Brasil In: Patrimônio Geomorfológico: Experiências em Portugal e no Brasil, ed.1. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos, 2014, p. 74 - 81.
Geografia do Turismo	RIBEIRO, F. I.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e esportes de aventura: impactos ambientais na Vila Acarape, Tianguá, CE In: Turismo sertanejo: a comunidade, o lugar e os saberes locais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2014, p. 208 - 217.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Vanda Aparecida da Silva Alves; Daniel Medeiros Maia; Bruno de Freitas. Ruralidades no espaço urbano: uma análise a partir da reestruturação de um pesque-pague no município de Ituiutaba - MG In: Terra: Qualidade de vida, mobilidade e segurança nas cidades., ed.1. João Pessoa: EdUFPB, 2013, v.4, p. 378 - 388.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A aplicabilidade das aerofotografias amadoras em estudos geográficos do turismo In: Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local, ed.1. João Pessoa: Ed.UFPB, 2012, p. 13 - 29.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A funcionalidade turística do sítio histórico da cidade de Muqui (ES-Brasil) In: Patrimonio turístico en Iberoamérica: experiencias de investigación, desarrollo e innovación Santiago: Ucentral, 2012, p. 359 - 369.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. As políticas públicas e o incentivo ao turismo rural em Linhares - ES In: O turismo rural e as territorialidades na perspectiva do campo e da cidade., ed.1. Campo Grande: EdUFMS, 2012, p. 99 - 116.
Geografia do Turismo	Guilherme Valagna Pelisson; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Demanda turística e usos do espaço em Cachoeira Dourada de Minas (MG) In: Comunidades, natureza e cultura no turismo, ed.1. João Pessoa: EdUFPB, 2012, p. 436 - 446.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; CORIOLANO, L. N. Identidade cultural na perspectiva do turismo de base local. In: Turismo, território e conflitos imobiliários, ed.1. Fortaleza: EdUECE, 2012, p. 177 - 190.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Planejamento turístico integrado do sítio histórico da cidade de Vila Velha (ES-Brasil) In: Patrimonio turístico em Iberoamérica: experiencias de investigación, desarrollo e innovación Santiago: Ucentral, 2012, p. 346 - 358.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo de base local em comunidades: proposições, ações e resultados In: Comunidades, natureza e cultura no turismo João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012, p. 21 - 35.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Letícia Parreira Oliveira. A Política Nacional de Regionalização do Turismo e o ordenamento territorial do setor no Estado de Minas Gerais In: Geografia do Brasil Central: enfoques teóricos e peculiaridades regionais, ed.1. Uberlândia: Assis, 2011, p. 235 - 263.
Geografia do Turismo	FREITAS, Bruno de; MAIA, Daniel Medeiros; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Educação ambiental e uso dos recursos naturais em uma área de interesse turístico: Uma proposta para a bacia do Ribeirão São Vicente - Ituiutaba (MG). In: Educação

	Ambiental: Responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade, ed.1. João Pessoa: EdUFPB, 2011, v.3, p. 120 - 127.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Paisagem, funcionalidade turística e o dilema da sustentabilidade In: Educação Ambiental: Responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade, ed.1. João Pessoa: EdUFPB, 2011, v.3, p. 85 - 91.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Paisagem, funcionalidade turística e o dilema da sustentabilidade In: Educação Ambiental: Responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade. João Pessoa: UFPB, 2011, v.3, p. 85 - 91.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; PEIXOTO, Juliano Pavesi. Impactos e monitoramento ambiental em empreendimentos turísticos no espaço rural In: Teoria e prática do turismo no espaço rural Barueri: Manole, 2010, p. 137 - 149.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e desenvolvimento sustentável de base local. In: A conferência da terra: aquecimento global, sociedade e biodiversidade, ed.1. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010, v.3, p. 54 - 59.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; NESPOLI, Guilherme Scarpi. Incidências da cadeia produtiva dos hidrocarbonetos sobre o espaço turístico de Pontal do Ipiranga (Linhares-ES) In: Contribuições geográficas. Ubá: Geographica, 2009, p. 425 - 450.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Diagnóstico participativo para o desenvolvimento do turismo rural In: Turismo de base local: identidade, cultura e desenvolvimento regional João Pessoa: UFPB, 2007, p. 189 - 209.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo rural In: Análises regionais e globais do turismo brasileiro São Paulo: Roca, 2005, p. 577 - 586.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A abordagem do turismo pela educação escolar em tempos de transversalidades curriculares. In: Turismo e cultura: a história e os atrativos regionais. Santo Ângelo: URI, 2001, p. 21 - 28.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; RABELO, Denise Lima. Prazer e contradição: aspectos da construção segregadora dos territórios de lazer. In: Turismo, lazer e políticas de desenvolvimento local Manaus: Edua, 2001, p. 59 - 72.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo, planejamento socioespacial e patrimônio histórico-cultural. In: Turismo, memória e patrimônio cultural, ed.1. São Paulo: Roca, 2001, p. 3 - 32.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e desenvolvimento socioespacial. Reflexões sobre a experiência do agroturismo no estado do Espírito Santo. In: Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turismo. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999, p. 229 - 249.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Elementos para uma abordagem crítica do turismo no ensino de 1º e 2º graus In: Turismo e Desenvolvimento Local São Paulo: Hucitec, 1997, p. 179 - 189.
Geografia do Turismo	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A organização natural e cultural da baía de Vitória e seu entorno, e o aproveitamento de suas potencialidades turísticas. In: Turismo: Impactos Socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 56 - 78.
Geografia dos Esportes	MATEUS, A. S.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Geografia dos esportes e as territorialidades do futebol em Ituiutaba-MG. In: Dinâmicas sociais, produção do espaço e ensino de Geografia, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2024, p. 152 - 183.
Geografia Humana	FREITAS, C. J.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Paisagem e ruralidade na bacia hidrográfica do rio São Gabriel (Ituiutaba, MG). In: Paisagem, natureza e dinâmicas socioambientais, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 486 - 506.
Geografia Humana	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Da nascente à foz: trajetória de uma pesquisa sobre as bacias hidrográficas de Ituiutaba In: Bacias Hidrográficas de Ituiutaba: MG: uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 9 - 39.
Geografia Humana	MACHADO, W. F. S.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Conservação ambiental e uso sustentável do espaço: proposta de criação de um parque urbano na cidade de Ituiutaba – MG In: Inquietações geográficas: natureza, sociedade e turismo no Brasil contemporâneo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p. 256 - 284.
Geografia	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Desenvolvimento local e estratégias de

Humana	sobrevivência de comunidades de pescadores no litoral norte do Estado do Espírito Santo (Brasil): o caso da vila de Regência, Linhares In: Las escalas de la Geografía: del mundo al lugar, ed.1. Cuenca: Universidad de Castilla La Mancha, 2010, p. 857 - 872.
Sociologia da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Do lugar sagrado ao espaço da militância: a responsabilidade social como valor da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin In: Plantando axé: do lugar sagrado ao espaço da militância e da resistência cultural, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2016, p. 48 - 62.
Sociologia da Educação	SILVEIRA, M. C. A.; SOUZA, L. S. D.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O discurso da descolonialidade e a educação para as relações étnico-raciais no Brasil In: Educação: da consciência cidadão à resistência política, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2022, p. 169 - 196.
Sociologia/ Geografia Humana	ARAÚJO FILHO, A. F.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Grupo LGBT como categoria de minoria social e suas espacialidades na cidade de Ituiutaba, MG In: Inquietações geográficas: natureza, sociedade e turismo no Brasil contemporâneo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p. 566 - 592.
Sociologia/ Geografia Humana	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Desenvolvimento e escala local: contribuições para o debate de temas complexos e controversos. In: Leituras geográficas: ensaios teóricos sobre temas da contemporaneidade, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2016, v.1, p. 54 - 72.
Sociologia/ Geografia Humana	NAZCO, D. C.; ESCALONA, Y. P.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TORRES, S. P.; GARCIA, G. J. B. Referentes teóricos y delimitación conceptual. Desarrollo local, principios teóricos y evolución reciente. In: Turismo, território e patrimônio histórico-cultural: experiências cubanas e brasileiras na perspectiva da cooperação para a promoção do desenvolvimento local, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2015, p. 9 - 48.
Sociologia/ Geografia Humana	PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A qualidade de vida como princípio fundamental do desenvolvimento comunitário. In: Terra: Cidade, natureza e bem estar., ed.1. João Pessoa: EdUFPB, 2012, p. 141 - 156.
Turismo/ Ciências da Religião	PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. Turismo e experiências com o sagrado em terreiros de candomblé In: Cultura, natureza e saberes na dinâmica territorial do Turismo, ed.1. Ituiutaba: Barlavento, 2019, v.1, p. 155 - 177.

Fonte: Currículo Lattes do autor (23026).

Minhas publicações incluem também artigos completos apresentados em anais de eventos acadêmicos, nos quais apresentamos resultados de pesquisas e experiências pedagógicas. Em muitos casos, os trabalhos foram inicialmente apresentados como resumos ou resumos expandidos e, posteriormente, evoluíram para artigos integrais, o que justifica a escolha de não citar esses registros (resumos). Priorizei lhes apresentar as versões completas para que este memorial não ficasse repetitivo. O quadro 27 traz os trabalhos completos publicados em eventos de 2010 a 2025., ou seja, o período desde que entrei na UFU.

Quadro 27: Trabalhos completos publicados em Anais de eventos.

Referência	Área	Tipo de evento
PORTUGUEZ, C. J. F.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Erês, caruru de Ibeji e festas de Cosme e Damião: expressões da celebração da infância como ato de resistência cultural e territorial de comunidades tradicionais de terreiros In: XV Geopontal e VII SINGEP: Geotecnologias aplicadas na concepção de territórios em conflitos: sujeitos, direitos e expressões, 2024, Ituiutaba. Anais do XV GEOPONTAL VII SINGEP Geotecnologias aplicadas na concepção	Geografia da Religião	Regional

de territórios em conflitos: sujeitos, direitos e expressões. Ituiutaba: PPGEP e Curso de Geografia do ICHPO/UFU, 2024, p.45 - 63		
FRANCO, A. G.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O território invisível dos pixadores de São Paulo. In: XV GEOPONTAL e VII SINGEP: Geotecnologias aplicadas na concepção de territórios em conflitos: sujeitos, direitos e expressões, 2024, Ituiutaba. Anais do XV GEOPONTAL VII SINGEP Geotecnologias aplicadas na concepção de territórios em conflitos: sujeitos, direitos e expressões. Ituiutaba: PPGEP e Curso de Geografia do ICHPO/UFU, 2024, p.87 - 95	Geografia Cultural	Regional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira; CANDIDO, T. L.; PRATES, T. M. C. Sons da ancestralidade: os ritmos em uma comunidade tradicional de matriz afro-brasileira. In: IX Congresso Étnico-Racial, 2024, Ituiutaba. Pensamento afro-diaspórico e Educação contra: contra a colonialidade dos saberes Ituiutaba: ICHPO/UFU, 2024, p.1 - 13	Ciências da Religião	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira; CANDIDO, T. L. Turismo: dos conceitos e definições à sua reverberação na sociedade In: XIII GEOPONTAL, 2022, Ituiutaba. Anais do XIII Encontro de Geografia do Pontal - Geografia Histórica: Desafios e Perspectivas Ituiutaba: UFU, 2022, p.21 - 33	Geografia do Turismo	Regional
BESSA, J. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Análise das representações artísticas das obras do artista plástico Benedito Nunes na ótica da tríade lefebvriana. In: XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia, 2021, Virtual. Anais do XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia Virtual: ANPEGE, 2021, p.1 - 19	Geografia Cultural	Nacional
FERNANDES, H. G. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A pandemia da Covid-19 e o turismo In: XII Ciclo de Debates sobre Meio Ambiente, 2021, Ituiutaba. Anais do XII Ciclo de Debates sobre Meio Ambiente Ituiutaba: ICHPO/UFU, 2021, p.29 - 34	Geografia do Turismo	Regional
FERNANDES, H. G. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O papel do turismo na produção dos espaços patrimoniais In: XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia, 2021, Anais do XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia Virtual: ANPEGE, 2021, p.1 - 12	Geografia do Turismo	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Que barulho é esse? Capoeira, tradição e o despertar de um novo pertencimento sociocultural na periferia de Ituiutaba In: IV Congresso Étnico Racial - No colo das Yabás: afetividade, visibilidade e ação política de mulheres negras na sociedade, 2019, Ituiutaba. Anais do IV Congresso Étnico Racial - No colo das Yabás: afetividade, visibilidade e ação política de mulheres negras na sociedade de Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2019, v.4, p.1 - 8	Sociologia	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SILVEIRA, M. C. A.; SOUZA, L. S. D.. Questões legais, culturais, educacionais indígenas e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. In: IV Congresso Étnico Racial - No colo das Yabás: afetividade, visibilidade e ação política de mulheres negras na sociedade, 2019, Ituiutaba. Anais do IV Congresso Étnico Racial - No colo das Yabás: afetividade, visibilidade e ação política de mulheres negras na sociedade de Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2019, v.4, p.1 - 16	Sociologia	Nacional
. PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SOUZA, L. S. D.; SILVEIRA, M. C. A.. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: o direito sagrado à liberdade de crença In: IV Congresso Étnico Racial - No colo das Yabás: afetividade, visibilidade e ação política de mulheres negras na sociedade, 2019, Ituiutaba. Anais do IV Congresso Étnico Racial - No colo das Yabás: afetividade, visibilidade e ação política de mulheres negras na sociedade de Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2019, v.4, p.1 - 15	Sociologia da Religião	Nacional
SILVA, M. S. A. C.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; AREDA, L. D.. Produção agropecuária de Mário Campos, MG: conexões entre produtos, modos de produção e destinação de mercadorias In: XXIV Encontro Nacional de Geografia Agrária: questões agrárias e práxis social, 2018, Dourados. Anais do XXIV Encontro Nacional de Geografia Agrária: questões agrárias e práxis social. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2018, v.1, p.3163 - 3182	Geografia Humana	Nacional

SANTOS, G. P.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Perfil populacional da bacia hidrográfica do Córrego do Baú, Ituiutaba – MG In: IX Encontro de Geografia do Pontal, Ituiutaba. Anais do IX Encontro de Geografia do Pontal. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2017, p.459 - 464	Geografia HUmana	Regional
RAFAEL, L. R. M.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Identidade e territórios: os negros e o congado de Ituiutaba In: IV Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, 2016, SINANPEQ. Anais do IV Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades. Ituiutaba: 2016, p.1 - 10	Geografia Cultural	Nacional
SANTOS, G. P.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Influência do rio São Francisco sobre o município de Itacarambi, MG In: VIII Encontro de Geografia do Pontal, 2016, Ituiutaba. Geografia e Política no Brasil Contemporâneo. Ituiutaba: FACIP/UFU, 2016, v.1, p.249 - 257	Geografia Cultural	Regional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Projeto 'Plantando Axé': uma experiência de responsabilidade social de um terreiro de Candomblé em Ituiutaba, MG In: Congresso Étnico-Racial: identidade, apropriação cultural, educação e diversidade, Ituiutaba. Anais do Congresso Étnico-Racial: identidade, apropriação cultural, educação e diversidade. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2016, p.1 - 19	Sociologia da Religião	Nacional
SILVA, M. S. A. C.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TEODORO, M. G.. Geografia e cinema: imaginários e representações do espaço urbano In: XI Encontro Nacional da ANPEGE, 2015, Presidente Prudente. Anais do XI Encontro Nacional da ANPEGE. Presidente Prudente: Unesp, 2015, p.1540 - 1550	Geografia Cultural	Nacional
COELHO, S. D.; SOUZA, L. N.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Incidências turísticas e socioespaciais do 'Projeto Vila do Mar' na região do Grande Pirambu, Fortaleza, CE In: XI Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2014, Fortaleza. Anais do XI Seminário AMPTUR: Transversalidade na qualificação e competitividade em Turismo. São Paulo: Áleph, 2014, p.1 - 19	Turismo	Nacional
PELISSON, Guilherme Valagna; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Análise da oferta técnica e da infraestrutura da oferta turística de Cachoeira Dourada, MG In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do VII Simpósio de Turismo Sertanejo. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.462 - 472	Geografia do Turismo	Nacional
FREITAS, Bruno de; PEREIRA, P. M. F.; ARAUJO, S. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Análise dos impactos da duplicação da BR 365 sobre o comércio de produtos artesanais em Monte Alegre de Minas, MG In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.343 - 352	Geografia Humana	Nacional
FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Análise hipsométrica da bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba, MG) In: XV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2013, Vitória. Anais do XV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2013, p.304 - 312	Geografia Física	Nacional
PELISSON, Guilherme Valagna; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Análise preliminar da demanda turística na zona urbana de Cachoeira Dourada, MG In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do VII Simpósio de Turismo Sertanejo. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.446 - 452	Geografia do Turismo	Nacional
FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Cidade, consumo e minorias sociais: perfil dos frequentadores de eventos LGBT em Ituiutaba (MG) In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do VII Simpósio de Turismo Sertanejo. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.13 - 20	Sociologia	Nacional
FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Condição de posse de empreendimentos rurais e dados de trabalho aplicados no planejamento de uma área de interesse turístico. In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do VII Simpósio de Turismo Sertanejo. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.27 - 39	Geografia do Turismo	Nacional

DUTRA JUNIOR, N.; FRANCO, M. M. M. V.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Enoturismo: Alternativa para o desenvolvimento do espaço rural na Serra Gaúcha. In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do VII Simpósio de Turismo Sertanejo. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.272 - 283	Geografia do Turismo	Nacional
RIBEIRO, F. I.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Impactos Ambientais do turismo de aventura na Vila Acarape, Município de Tianguá, CE In: VII Simpósio de Turismo Sertanejo, 2013, Ituiutaba. Anais do VII Simpósio de Turismo Sertanejo. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.212 - 223	Geografia do Turismo	Nacional
BARCELO, H. M. O.; Letícia Parreira Oliveira; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O lazer de migrantes nordestinos no bairro Novo Tempo II em Ituiutaba, MG. In: V GEOPONTAL - Encontro de Geografia do Pontal: 'Representações do Espaço e Ensino de Geografia', 2013, Ituiutaba. Anais do V GEOPONTAL - Encontro de Geografia do Pontal "Representações do Espaço e Ensino de Geografia". Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p.152 - 164	Sociologia	Regional
MARTINS, F. P.; SILVA, G. A.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Um diagnóstico do grau de perturbação de Áreas de Preservação Permanente na cidade de Ituiutaba, MG In: XV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2013, Vitória. Anais do XV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2013, p.902 - 911	Geografia Física	Nacional
FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A agricultura na bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba - MG). In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: UFU, 2012, p.1 - 12	Geografia Rural	Nacional
FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Caracterização da produção pecuária na bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba - MG). In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: UFU, 2012, p.1 - 15	Geografia Rural	Nacional
COELHO, S. D.; SOUZA, L. N.; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Impactos do "Projeto Vila do Mar" na vida dos moradores do Grande Pirambu, Fortaleza (CE) In: Congresso Nacional de Educação, Geografia e Turismo, 2012, Manaus. Anais do Congresso Nacional de Educação, Geografia e Turismo. Manaus: UEA, 2012,	Sociologia/ Geografia Humana	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira; Juliana Maciel Fernandes. Questões de Saúde Ambiental decorrentes do uso de defensivos agrícolas por agricultores familiares de Santa Maria de Jetibá (ES, Brasil). In: I Simpósio Internacional Sobre Território e Promoção da Saúde, 2012, Uberlândia. Anais do I Simpósio Internacional sobre Território e Promoção da Saúde. Uberlândia: IG/UFU, 2012, p.848 - 857	Geografia Rural	Internac.
PELISSON, Guilherme Valagna; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Usos produtivos do espaço rural de Cachoeira Dourada de Minas/ MG. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: UFU, 2012, p.14	Geografia Rural	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A funcionalidade turística do sítio histórico da cidade de Muqui (ES-Brasil). In: 1º Congresso Iberoamericano de Patrimonio Turístico., 2011, Santiago de Chile. Simposios del 1º Congreso Iberoamericano de Patrimonio Turístico Santiago de Chile: Universidad Central de Chile, 2011,	Geografia do Turismo	Internac.
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Estratégias para um planejamento turístico de base participativa: o caso da integração teoria e prática nos cursos de Turismo das Faculdades Estácio de Sá do Espírito Santo In: I Fórum Internacional Sobre Prática Docente Universitária Inclusão Social e Tecnologias de Informação e Comunicação, 2011, Uberlândia. ANAIS DO FÓRUM INTERNACIONAL SOBRE PRÁTICA DOCENTE UNIVERSITÁRIA. Uberlândia: UFU, 2011, p.90 - 105	Geografia do Turismo	Internac.

FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O papel da organização e da dinâmica do meio natural no planejamento dos usos ecoturísticos, educativos e recreativos da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba - MG) In: XIV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2011, Dourados. Anais do XIV SBGFA. Dourados: UFGD, 2011,	Geografia do Turismo	Nacional
FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Panorama dos usos produtivos da bacia hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba, MG) In: III Encontro de Geografia do Pontal., 2011, Ituiutaba. Anais do III Encontro de Geografia do Pontal. Ituiutaba: FACIP/UFU, 2011, p.222 - 234	Geografia Rural	Regional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Planejamento turístico integrado do sítio histórico da cidade de Vila Velha (ES - Brasil). In: 1º Congresso Iberoamericano de Patrimonio Turístico., 2011, Santiago de Chile. Simposios del 1º Congreso Iberoamericano de Patrimonio Turístico Santiago de Chile: Universidad Central de Chile, 2011,	Geografia do Turismo	Internac.
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. As políticas públicas e o incentivo ao turismo rural em Linhares - ES In: VII CBTR - Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 2010, Presidente Prudente. Anais do VII CBTR. Presidente Prudente: UNESP, 2010,	Geografia do Turismo	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Funcionalidade turística e multifuncionalidade produtiva do espaço rural In: VII CBTR - Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 2010, Presidente Prudente. Anais do VII CBTR. Presidente Prudente: UNESP, 2010,	Geografia do Turismo	Nacional
NESPOLI, Guilherme Scarpi; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Impactos positivos e negativos do crescimento da produção de hidrocarbonetos sobre a organização da atividade turística em Pontal do Ipiranga In: XI Encontro Nacional de Turismo com Base Local, 2010, Niterói. Jornada de Iniciação Científica do XI Encontro Nacional de Turismo com base local. Niterói: UFF, 2010, p.2171 - 2191	Geografia do Turismo	Nacional
PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e Identidad Cultural: La fiesta del Caboclo Bernardo en la barra del río Doce - Linhares - ES. In: Encontro Nacional de Turismo com Base Local, 2010, Niterói. Turismo e transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói: UERJ, 2010, p.412 - 432	Geografia do Turismo	Nacional

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

Além dos trabalhos já destacados, também publiquei dois relatórios de pesquisa, artigos em colunas jornalísticas e uma publicação em revista magazine, além de contribuir com prefácios de livros de pesquisadores amigos.

Palestras e conferências tiveram papel relevante em minha trajetória, com centenas de apresentações sobretudo entre os anos de 2000 e 2020. A pandemia fez reduzir o número de convites e atualmente, trabalho com campos de pesquisa com pouca ocorrência de eventos específicos. Lamento profundamente a desmobilização dos eventos presenciais no Brasil, que tem redefinido muitos encontros para o formato *online*. Embora a modalidade virtual ofereça praticidade e alcance, não a considero ideal para estimular relações profissionais, a formação de redes de relacionamento nem o contato direto com realidades geográficas diversas no Brasil e no mundo. Viajar, para eventos, para mim, é uma oportunidade valiosa para conhecer pessoas, rever colegas de outras instituições e observar como as cidades sedes são e funcionam.

Finalizo esse tópico apresentando-lhes os eventos que eu organizei ou que colaborei na organização de maneira direta e ativa.

Quadro 28: Participação em comissões organizadoras de eventos científicos.

Evento	Local	Ano
Estudos Africanos e Descolonialidade	UFU	2024
Palestra comemorativa do Dia do Geógrafo: Balnealização e modernidade urbana: uma geo-história global.	UFU	2022
A Conferência da Terra: Fórum internacional de Meio Ambiente "Objetivos do desenvolvimento sustentável no mundo pandêmico"	UFPB	2022
XIII Encontro de Geografia do Pontal - Geografia Histórica: desafios e perspectivas.	UFU	2022
Antônio Oliveira Júnior Aula Inaugural PPGE 2022- Metropolização versus Natureza: A nova axiologia de um mundo globalizado".	UFU	2022
Palestra comemorativa do Dia do Geógrafo: "Geografia e Descolonialidade: convergências e controvérsias sobre um paradigma em construção".	UFU	2021
Congresso Nacional de Educação Ambiental e no IX Encontro Nordestino de Biogeografia.	UFPB	2021
III Seminário Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade.	UFU	2020
A Conferência da Terra - Fórum Internacional do Meio Ambiente.	UFPB	2020
III Seminário interno do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal.	UFU	2020
1º Encontro Vivência Cultural: os saberes da Velha Guarda e homenagens aos grandes Mestres da Capoeira.	UFU	2019
A Conferência da Terra: Fórum Internacional do Meio Ambiente.	UFPB	2018
III Congresso étnico-racial: Vozes da diversidade.	UFU	2018
X Congresso de Pesquisador@s Negr@s.	UFU	2018
II Seminário "Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade"	UFU	2015
III Seminário de educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas e eventos associados.	UFU	2015
Carlos Roberto Loboda I Seminário Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Etnorraciais na Atualidade.	UFU	2014
VII Simpósio Nacional de de Turismo Sertanejo.	UFU	2013
V Encontro de Geografia do Pontal	UFU	2013
I Congresso Nacional de Turismo Comunitário e VI Simpósio de Turismo Sertanejo.	UFPB	2012
III Ciclo de Debates Sobre o Meio Ambiente.	UFU	2011
III Encontro de Geografia do Pontal.	UFU	2011
II Encontro de Geografia do Pontal.	UFU	2010
5º Fórum de Turismo Expotur.	FESV	2008
Seminário Turismo Sustentável: A Caminho da Conservação Ambiental.	FESV	2007
Fórum Capixaba de Construção do Conhecimento em Turismo.	FESV	2007
II Seminário de Pesquisa em Turismo e Orientação Interdisciplinar de Trabalhos de Conclusão de Curso.	FESV	2004
III Seminário de Pesquisa em Turismo e Orientação Interdisciplinar de Trabalhos de conclusão de Curso.	FESV	2004
I Seminário FESV de Pesquisa em Turismo e Orientação Interdisciplinar de Trabalhos de Conclusão de Curso.	FESV	2003

II Semana Acadêmica de Geografia.	Unilinhares	2001
XIII Semana da Geografia.	UFES	1997
XII Semana da Geografia.	UFES	1997

Fonte: Currículo Lattes do autor (2026).

No campo das artes, tenho interesse em três linhas de atuação: literatura (abordando temas afro-brasileiros), fotografia (exposições) e cinema (mostras temáticas). Em meus projetos de extensão já realizei atividades nesse sentido, já tendo produzido exposições fotográficas em Ituiutaba. No campo da literatura, já produzi um livro de contos afro-centrados, que foi digitalmente ilustrado e que fez parte do premiado projeto “Estágio de Vivência”. Porém, atualmente me preparo para voos mais altos. Estou estudando *roteirização*, tema novo para mim, cujo aprendizado me permitirá redigir livros e peças teatrais.

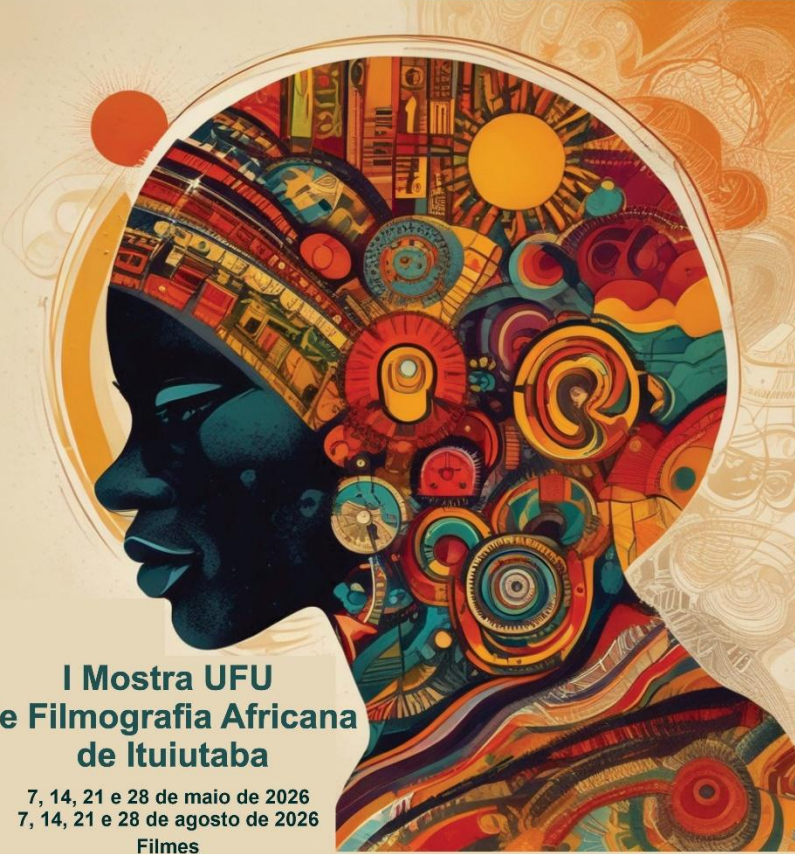
Meu propósito é escrever um romance roteirizável para as artes cênicas, no qual eu discutirei a questão da interseccionalidade na perspectiva da negritude de axé. O roteiro básico já foi montado e nele, os arcos dramáticos foram estabelecidos em uma narrativa que se pretende ser emocionalmente densa e ácida. A ambiência (geograficidade e historicidade da obra) já foi finalizada e atualmente estou trabalhando na construção das grades cênicas e na formatação dos personagens. A obra previamente intitulada “*A Senhora das Nove Noites*” tem lançamento previsto para o final de 2027.

No campo do cinema, acabo de aprovar um projeto de extensão com financiamento PIAC/UFU (Programa Institucional de Apoio à Cultura). Trata-se da *1ª Mostra UFU de Filmografia Africana de Ituiutaba*, que oportunizará a apresentação de 10 obras fílmicas no Auditório do Campus Pontal da UFU para a população em geral, com debates e palestras que tratam da representação cinematográfica da África Ocidental feita por diretores, roteiristas e atores nigerianos.

Por fim, lhes conto que o projeto dessa Mostra será realizado até dezembro de 2026 e que estou bastante empolgado com o caráter inovador do projeto. Terei um(a) bolsista de Extensão entre abril e dezembro para me ajudar com as ações do projeto. Espero que os filmes mostrem a África (em especial a África Ocidental) desde o prisma dos africanos, sem os filtros estereotipados da filmografia hegemônica ocidental. A figura 107 apresenta o cartaz desse projeto de extensão.

Figura 108: Cartaz da 1ª Mostra UFU de filmografia africana de Ituiutaba

**Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Instituto de Ciências Humanas do Pontal**





**I Mostra UFU
de Filmografia Africana
de Ituiutaba**

7, 14, 21 e 28 de maio de 2026
7, 14, 21 e 28 de agosto de 2026

Filmes
Séries
Documentários
Animações
Debates

Coordenação e Curadoria:
Prof. Dr. Anderson Pereira Portugal

Realização:  Apoio: 

Fonte: Acervo do Projeto (2026).

O projeto "1ª Mostra UFU de filmografia africana de Ituiutaba" tem por objetivo divulgar a cultura africana por meio da exibição de 10 filmes e séries presentes em plataformas de *Streaming* que refletem a diversidade e as experiências daquele continente.

Para tanto, selecionaremos 10 produções baseadas em histórias africanas que relatam o cotidiano nas grandes cidades e/ou a vida em comunidades tradicionais da África Ocidental. As obras cinematográficas foram dirigidas por africanos e africanas e as personagens foram interpretadas por atores e atrizes também desse continente. Com essa seleção, realizaremos exposições no Campus Pontal da UFU com o propósito de promover diálogos e reflexões sobre a identidade yorubá, resistência cultural, cultura urbana na África e a geografia que caracteriza as paisagens utilizadas como cenários.

Para finalizar, lhes digo que espero, com a Mostra, contribuir para a compreensão da vida na África a partir da perspectiva das representações filmográficas africanas e discutir com a comunidade interna e externa à UFU, sobre os elementos culturais que unem os saberes e fazeres da população africana retratada nas obras com a cultura afro-brasileira vivenciada em espaços negros de Ituiutaba.

9 PARA CONCLUIR

Um provérbio Yorubá, originário das terras de Ilè Ifé, na Nigéria, nos ensina que:

*“O sol nasceu no Leste e mais tarde se porá no Oeste.
O fazendeiro só dorme quando o sol se põe no Oeste
Enquanto houver luz do sol, o fazendeiro trabalhará em seu
campo de inhames
O fazendeiro só deve descansar quando o sol se puser no
Oeste”.*

(Provérbio sagrado da sabedoria de Ifá)

Produzir este texto, que resume minha trajetória profissional na forma de um memorial acadêmico, me levou a repensar muitas coisas que vivi e que fiz ao longo dos últimos 36 anos de minha vida. Agora que cheguei ao fim, fico me perguntando coisas como: faria tudo de novo? Faria algo diferente? Arrependo-me de alguma coisa? Tenho algum ressentimento?

Bem, sinceramente, em resposta honesta a essas indagações, penso que valeu muito a pena sim. Foi uma caminhada prazerosa na qual reconheço que poderia ter feito mais em alguns aspectos. No entanto, sinto ter trabalhos de forma consistente, com recursos próprios, e sei que além disso exigiria sacrifícios que afetariam o bem-estar de quem depende financeiramente de mim para atender às necessidades da vida.

Caminhei a vida toda sem bolsas de estudos, o que trouxe pesadas dificuldades e sacrifícios e fiz o que pude com o que tinha à mão. Essa trajetória, embora desafiadora, reforçou meu compromisso com a educação pública, com a responsabilidade social do conhecimento e com a dignidade do trabalho acadêmico bem realizado.

Mas sim, valeu muito a pena. Faria tudo novamente? Bem, creio que não. Não trago arrependimentos, mas sinto que muitos embates poderiam ter sido evitados e muito trabalho árduo poderia ter sido encaminhado de forma diferente, o que os tornaria mais leves. Não me arrependo das escolhas que fiz. Creio que minha carreira foi conduzida de forma digna, pois nunca tirei nada de ninguém e não ocupei espaços que não me pertenciam. Nesse sentido, sinto-me com a consciência tranquila de ter feito boas escolhas.

Mas sinto que em algumas situações me vi diante da falta de empatia de pessoas e instituições, o que me fez me sentir desvalorizado e até mesmo injustiçado. Não creio que isso tenha me tornado rancoroso. Porém, aprendi que o que para mim é valioso, nem sempre o será para outras

peças e esperar reconhecimento e gratidão pode ser ato contraproducente ou psiquicamente imprudente.

Mas e agora? O que esperar do futuro? Respondo-me dizendo que “*enquanto houver luz do sol, o fazendeiro trabalhará em seu campo de inhames*”. O velho provérbio Ioruba nos ensina que enquanto houver tempo para se fazer alguma coisa, alguma coisa deve efetivamente ser feita. Haverá o tempo de parar, de descansar, mas agora, enquanto tenho quase uma década de trabalho por diante, devo seguir trabalhando, seguir plantando meus inhames à luz do sol.

Restam pouco mais de nove anos de trabalho até minha aposentadoria e devo lhes dizer que não pretendo alongar minha permanência na UFU. Ao longo de 36 anos de sala de aula, acredito ter construído uma trajetória sólida e assim seguirei até o mês de julho de 2035, quando me aposentarei. Terei, a essa altura, mais de 46 anos de magistério.

Não pretendo permanecer no cargo após cumprir o tempo de serviço, pois meu plano é dedicar-me a mim mesmo, à minha família e às causas sociais que defendo. Pretendo, portanto, transformar a experiência acumulada em ações que contribuam para a comunidade de axé que ajudei a formatar em Ituiutaba.

Mas enquanto houver sol, há trabalho a ser feito. Até deixar efetivamente a academia, prevejo manter projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão, com atenção especial às ações de extensão externas à UFU. Acredito que a universidade deva dialogar com a realidade cotidiana, oferecendo respostas às necessidades regionais e globais.

Desejo ampliar minha aproximação com grupos de estudo da África (sobretudo com países lusófonos), bem como da África Ocidental, fortalecendo redes de colaboração e intercâmbio de saberes. Essas parcerias enriquecem a leitura crítica da Geografia africana e ampliam as possibilidades de atuação prática com impactos sociais tangíveis, sobretudo sobre as pessoas e comunidades afro-descendentes.

Também planejo ampliar minha atuação institucional com a criação do curso de Licenciatura em Ciências da Religião na UFU, na modalidade de Ensino a Distância. Essa iniciativa visa ampliar o alcance formativo da UFU, democratizar o acesso ao saber e fomentar uma compreensão plural das tradições religiosas sob a ótica das Ciências Humanas. As tratativas para a criação do curso já se iniciaram junto à Diretoria do Instituto de Ciências Humanas do Pontal e em breve, pretendo apresentar uma proposta de comissão docente para a elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso.

Para dar mais fôlego às minhas atividades nesse tempo que me resta, pretendo estudar mais sobre as coisas que tanto encantam os jovens da atualidade. Reconheço a necessidade de me

atualizar em relação às novas tecnologias, incluindo atualização de equipamentos, novas formas de comunicação e o uso de inteligência artificial, conectando essas ferramentas à minha atuação junto aos alunos e junto às comunidades tradicionais. Tradição, a meu ver, não é estagnação, mas oportunidade de diálogo entre saberes antigos e novos, com responsabilidade ética e empatia.

Por fim, pretendo manter a militância enquanto houver força, saúde e tempo. Pretendo retornar periodicamente ao litoral para reencontrar o mar, que considero minha essência. Esses pilares nortearão a continuidade do meu compromisso com a educação, a cultura e o desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. **Síndrome da princesa da mulher branca**: Rapunzel, Cinderela e Branca de Neve. Portal do Instituto Gueledés. Coluna Opinião, 11/04/2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sindrome-da-princesa-da-mulher-branca-rapunzel-cinderela-e-branca-de-neve/>. Acessado em 10/01/2026.
- BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CP 2, de 1 de julho de 2015**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores do magistério. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192. Acessado em 18/02/2026.
- BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CP n. 4 de 29 de maio de 2024**. Reformula as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores do magistério. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes-cp-2024>. Acessado em 18/02/2026.
- BURKE, P. **Ignorância**: uma história global. Niterói: Prestígio, 2023.
- EDITORA BARLAVENTO. **Catálogo geral das obras publicadas**. Disponível em: www.editorabarlavento.com.br . Acessado em 18/02/2026.
- ESBRASIL. **Bom Jesus do Norte**: diversão e natureza no Rio Itabapoana. Disponível em: <https://esbrasil.com.br/bom-jesus-do-norte-diversao-e-natureza-no-rio-itabapoana/>. Acessado em 02/12/2025.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - Sistema de Bibliotecas. **Manual para elaboração do trabalho acadêmico** (2025). Disponível em: <https://www.pucsp.br/biblioteca/recursos-para-pesquisa>. Acessado em 18/02/2026.
- citações e referências em padrão ABNT
- PORTUGUEZ, A. P. **Desarrollo local y estyategias de supervivência de las comunidades de pescadores del litoral norte del Estado de Espírito Santo, Brasil**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2010.
- PORTUGUEZ, A. P. Estratégias para um planejamento turístico de base participativa: o caso da integração teoria e prática nos cursos de Turismo das Faculdades Estácio de Sá do Espírito Santo. 2011. In: Fórum Internacional de Prática Docente Universitária, Uberlândia, Anais. I Fórum Internacional Sobre Práticas Docente Universitária. Uberlândia, **Anais...** PROGRAD/UFU, 2011, p. 90-105.
- PORTUGUEZ, A. P. **Relatório final de pesquisa**: Bacias hidrográficas de Ituiutaba, MG: Uso da terra, saúde e meio ambiente no espaço rural. Brasília/Uberlândia: CNPq/UFU, 2020.
- PORTUGUEZ, A. P. **Relatório final de pesquisa**. Representações espaciais e sociais da fé e da religiosidade popular na Mesorregião Geográfica Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, MG. Uberlândia: Pró-Reitoria de pesquisa e pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia,
- PORTUGUEZ, A. P. *Currículo Lattes*. Brasília: CNPq, 2026. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/9670115478785130>. Acesso em: 18/02/2026.

PORTUGUEZ, A. P. **Acervo fotográfico particular do autor**, 1971-2026. Fotografia. Coleção privada. Acesso restrito.

SALES, André Luis Leite de Figueirêdo. **Militância e ativismo: cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019.

SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSE TOBI OBATALÁ. **Axé Olorigin**: história, organização e memória de uma comunidade de axé. Ituiutaba: Barlavento, 2024.

SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSE TOBI OBATALÁ. **Acervo fotográfico institucional**, 2013-2026. Fotografias. Coleção privada. Acesso restrito.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Resolução CONDIR - 03/2017**. Regulamenta a avaliação docente no que se refere à Progressão, à Promoção e à Aceleração da Promoção nas Carreiras de Magistérios Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Pessoal Docente da Universidade Federal de Uberlândia, via avaliação de desempenho. Disponível em: <https://progep.ufu.br/legislacoes/resolucao-no-032017-condir-progressao-e-promocao-docente>. Acessado em 10/10/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Informação N° 1301121/2019/SEBID/DIAPT/DIRBI/REITO-UFU**. Estabelece regras e orientações para disponibilização de cópia eletrônica do Memorial Acadêmico no Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/static/sobre/tutoriais/tutorial_autoarquivamento_MD.pdf. Acessado em 10/10/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Portal Docente**. Disponível em <https://ufu.br/professor>. Acessado em 10/10/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Sistema de Informação de Extensão da UFU**. Disponível em: <https://siex.proexc.ufu.br/>. Acessado em 12/12/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – PREFEITURA UNIVERSITÁRIA. **Campus Pontal**. Disponível em <https://prefe.ufu.br/destaques/construcao-bloco-1jcp-campus-do-pontal>. Acessado em 12/12/2025.

